



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“À deriva: juventude e masculinidades”

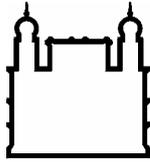
por

Maíra de Mello Cabral e Matos

Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Lopes Najjar

Rio de Janeiro, maio de 2011.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Esta dissertação, intitulada

“À deriva: juventude e masculinidades”

apresentada por

Maíra de Mello Cabral e Matos

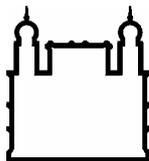
foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Karina Kuschnir

Prof. Dr. Romeu Gomes

Prof. Dr. Alberto Lopes Najar – Orientador

Dissertação defendida e aprovada em 04 de maio de 2011.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



A U T O R I Z A Ç Ã O

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores.

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2011.

Maíra de Mello Cabral e Matos

RESUMO

MATOS, Maíra. *À deriva: juventude e masculinidades*. Rio de Janeiro: 2011. Dissertação. (Mestrado em Saúde Pública). Programa de Pós Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/FIOCRUZ, subárea Saúde e Sociedade.

Orientador: Alberto Lopes Najar

A presente dissertação aborda a questão da juventude na atualidade e o que se convencionou chamar de “masculinidades”. Compreende-se as masculinidades não como algo fixo, ou processo, mas como algo fluído, objeto de estudo de nosso tempo, e por isso, transformado em conceito. A fim de compreender essa problemática, esta pesquisa visa investigar os diferentes modos e concepções dos jovens, hoje, em relação ao ser jovem, à sexualidade, às questões de gênero, de corpo, e à saúde. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo, de caráter etnográfico, e uma pesquisa de cunho bibliográfico. Procedemos, primeiramente, uma investigação teórica acerca das possíveis imbricações entre juventude, masculinidades e saúde, percorrendo tanto autores que problematizaram o conceito de juventude, como os estudos de sexualidade, de inspiração foucaultiana e ainda novas pesquisas no campo da masculinidade e da saúde. Em seguida, descrevemos e analisamos nossa pesquisa de campo, realizada em uma escola de ensino médio, e dividida em dois momentos: um primeiro em que foram realizadas 30 entrevistas individuais com jovens de 14 a 21 anos, e um segundo em foram discutidas cenas pré-selecionadas de filmes sobre o tema da pesquisa, em dois pequenos grupos. Para finalizar, fizemos uma síntese entre os autores investigados e o material etnográfico, na tentativa de refletir sobre as possibilidades presentes para os jovens no contexto contemporâneo, e as do grupo estudado. A pesquisa se propõe como meio através do qual pretendemos pensar e destacar, no contemporâneo, os movimentos e as inércias presentes na juventude, no que tange à sexualidade e às masculinidades, e como estes se relacionam com a saúde e com o projeto biopolítico .

Palavras-chave: Juventude, Masculinidades, Sexualidade, Saúde, Biopolítica.

Rio de Janeiro

Maio/2011

ABSTRACT

MATOS, Maíra. *Adrift: youth and masculinity*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertation. (Master of Public Health). Pos Graduate Program in Public Health, National School of Public Health – ENSP/ FIOCRUZ, Subarea Health and Society.

Advisor: Alberto Lopes Najar

This dissertation addresses the question of youth today and what has been called "masculinity." It is understood masculinity not as something fixed, or process, but as something fluid, the object of study of our time, and therefore transformed into the concept. To understand this problem, this research aims to investigate the different ways and ideas of young people today about young, sexuality, gender issues, body, and health. We carried out a search field, ethnographic, and a bibliographical study. We proceed, first, a theoretical investigation of the possible interplay between youth, masculinity and health, covering both authors that problematized the concept of youth, as studies of sexuality, Foucault-inspired and still further research in the field of masculinity and health. Then, we describe and analyze our field research, conducted in a high school, and divided into two phases: the first one in which individual interviews were conducted with 30 young people aged 14 to 21 years, and a second scenes were discussed in pre-selected films on the theme of the research in two small groups. Finally, we made a synthesis of the research authors and ethnographic material in an attempt to reflect on the present possibilities for young people in the contemporary context, and the group studied. The research is intended as a means through which we intend to think and to highlight, in contemporary movements and inertia present in youth, when it comes to sexuality and masculinity, and how they relate to health and the biopolitical project.

Keywords: Youth, Masculinity, Sexuality, Health, Biopolitics.

Rio de Janeiro

Maio/2011

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação percorreu muitas encruzilhadas e navegou por diferentes mares, assim foram muitos os interlocutores que contribuíram, cada um a seu modo, para a realização deste trabalho, agradeço, delicadamente, à todos;

Ao meu orientador, Alberto Lopes Najar, com carinho e gratidão, pelos diálogos possíveis;

À Leila Ripoll, pela gentileza sempre presente e pela delicadeza intelectual que muito contribuiu para a realização deste trabalho;

Aos alunos do *Poli*, primeiramente, pela abertura ao diálogo, ao toparem participar da pesquisa, e pela conversação efetivada em nossos encontros, o que me possibilitou descobrir outros *eus* e outros *mundos*;

À Camila Borges, por ter facilitado os tramites no *Poli*;

À Marcio Melo, pela partilha do percurso de estudos na ENSP;

À Tatiana Vargas e Romeu Gomes, pelas sugestões preciosas, no início desta pesquisa;

À Karina Kuschnir, Márcia Arán, e Romeu Gomes pela contribuição, por suas estimulantes disciplinas, ao corpo teórico deste trabalho;

Aos meus amores de hoje e sempre: Nelma, Lucas, Nádia e Bernardo;

Ao pai, pela ternura, acolhida e carinho;

Aos amigos de todos os carnavais: Laura, Ju, Mari, Ramon, Fe, Rômulo, Nique, Débora, Monty, Lívia;

Aos amigos de novos bailados: Marina, Luizão, Rafael, Pri, Ale, Carol;

À Inês Anachoreta, pela forma deliciosa como partilha a filosofia comigo e com Lucas;

Aos meus avós, pela gentileza e fraternidade com que vivem a vida;

À Clélia de Oliveira, *in memoriam*, insubstituível, pela mudança de curso que me possibilitou novas aventuras, inclusive, este trabalho;

À Isabela Pecego, pela delicadeza de sua escuta.

Aos poetas de todas as obras, sejam escritas, faladas e vividas; e de todos os tempos que colorem de afeto a vida.

Para os meus amores, todos.

À Deriva

Em pleno alto mar
Perco-me de vista

Velas hasteadas,
Mapa, bússola, astrolábio e radar
Aguardo por alísios ventos
Que me levem para longe
Que me ponha a navegar

Saio à caça de algo
Um arpão vara o céu
Em meio ao nevoeiro
Não encontro garrafas, barcos ou camaradas

Deitado na rede
Uma voz grave me sussurra histórias de
Iemanjá

Miro o céu sem estrelas
E peço por alguém que me dê
um sopro de ar.
(Salomão, 2005)¹

Improvisio

Não paro
Desconsidero possibilidades
Não paro
Ignoro os riscos
Arrisco
Não paro
Dispo-me do racional
SER INSTINTIVO
Desprovido de vícios e virtudes
Assimilo técnicas de improvisação
Interpreto a vida
e boto pra fuder.
(Salomão, 2005)

¹ SALOMÃO, O. *À Deriva*, Rio de Janeiro: Dantes, 2005.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: EM NAVEGAÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – A rota.....	04
1.1. Portos Juvenis.....	04
1.2. Juventudes Brasileiras.....	10
1.3. Constituição do campo ou dispositivo da sexualidade.....	12
1.4. Gênero: um porto seguro?.....	15
1.5. “Um novo porto?”: a teoria queer	19
1.6. Sexo & (≠?) gênero - categorias universais?.....	23
1.7. Masculinidades – retrospectiva do debate no Brasil: Freyre.....	28
1.8. Masculinidade: historicidade e problematizações.....	30
1.9. Feminilidade e abjeção: uma miragem?.....	35
1.10. Imbricações possíveis masculinidades e saúde.....	38
CAPÍTULO 2: A viagem (ou Janela Indiscreta) – parte I.....	40
2.1. Antes do início.....	40
2.2. Parêntesis metodológico.....	42
2.3. Estranhamento & tentativas de abordagem.....	43
2.4. Smooth sailing ou começando a conversar.....	46
2.5. “A rotina tem seu encanto”.....	48
2.6. Grupos ou Diálogos.....	49
2.7. Uma forma texto.....	52
2.8. Uma cartografia etnográfica.....	53
2.9. O “nativo” e o pesquisador.....	54
2.10. Etnografia como um processo interpretativo?.....	57
2.11. Em mares conhecidos?.....	58
2.12. A escola.....	62

CAPÍTULO 3: A viagem (ou Janela Indiscreta) – parte II.....	71
3.1. Fluidez x machismo.....	72
3.2. “Homem é...”.....	77
3.3. “eles não sabem o que dizem”.....	81
3.4. “Mulher é...”.....	83
3.5. Bissexualidade – própria e de “outros” ou “I kissed a girl, I liked”.....	86
3.6. Amor, romantismo e marxismo.....	87
3.7. Gostos & Costumes.....	89
3.8. “qualquer lugar é lugar”.....	91
3.9. “queria ter uma biblioteca em casa” x “obrigações”.....	95
3.10. Música: de Gilberto Gil a Lady Gaga.....	99
3.11. Mídia & internet.....	100
3.12. Apa – funk.....	101
3.13. Corpo e (é?) Saúde.....	104
3.14. Saúde do homem?.....	110
3.15. Menino-Homem?.....	113
3.16. Diálogos.....	118
3.16.1 “o jovem não tem nada pra fazer”.....	120
3.16.2. “a mulher que controla”.....	122
3.16.3. Iniciativa afetiva e sexual.....	122
3.16.4. Futebol e grupos de homens.....	125
3.16.5. Aborto.....	127
CAPÍTULO 4: A chegada – (ou À deriva).....	129
4.1. Masculinidade e feminilidade.....	131
4.2. Juventude, atualidade e multiplicidade.....	139
4.3. Corpo, estética e saúde.....	142

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Ancoragem.....	149
REFERÊNCIAS.....	152

Considerações Iniciais: Em navegação

Nossa pesquisa tem a forma-texto de uma navegação, na tentativa de traduzir nosso percurso múltiplo. Foram muitas as milhas percorridas. Condições diversas e adversas de mar e de vento. Mares lisos e transparentes, mares grossos, violentos, brutos. Ventos fortes e também fracos e indecisos. Belos dias de sol, céu azul sem nenhuma nuvem e dias nebulosos, de tempestade e neblina.

Navegamos, contudo. Efetuamos manobras radicais, na tentativa de abrir caminhos pioneiros. Se a viagem valeu (ou vale) a pena, é pelas múltiplas possibilidades que abriu para nós. De novos rumos-pesquisas que podem ser traçados ou inventados, que nos levem a novos portos, a velejar por outros oceanos.

Nosso primeiro passo era definir uma opção de rota. Aonde iríamos nessa viagem? Por onde navegaríamos? Iríamos costeando ou não? Que marujos e que tripulantes convidaríamos para navegar conosco?

Depois de alguma indecisão, decidimos por um traçado. Iriamos pesquisar jovens. Esta opção se deu em função de dois aspectos: um, porque achávamos que talvez a juventude nos indicasse rumos outros, que talvez não estivessem tendo muito visibilidade; dois, por conta dos discursos e falas recorrentes, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, mas não apenas, acerca da “juventude violenta”.

Precisávamos definir ainda em quais portos ou ilhas aportaríamos, quais seriam nossos pontos de referência em nossa carta náutica? Assim, consultamos outros mapas, traçados, e pesquisas para escolhermos com mais precisão o nosso destino. Um aspecto nos chamou a atenção: uma quantidade considerável de autores e dados apontava que os homens jovens morriam mais e mais cedo que as mulheres. O que isso queria dizer? Alguns autores argumentavam ainda acerca da ligação dos jovens homens com a violência, com o tráfico de drogas, com a agressividade. Não que isso fosse exclusivo dos homens, mas os afetava de maneira diferente. Por que essa diferença? O que isso implicava?

Definimos, assim, que estudaríamos os jovens, especialmente os homens. Mas que aspectos abordaríamos? O que nos interessava nesse debate? Começamos a consultar novos mapas e cartas náuticas que nos mostravam viagens de outros marujos. Um tema despertou nosso interesse: o paradigma da diferença sexual na atualidade, pós-revolução feminista. Que concepções de homem, mulher; masculino e feminino os jovens teriam hoje? São diferentes

das de antes do feminismo, por exemplo? São iguais? O que muda e o que permanece em suas concepções e representações de mundo, pós movimentos feministas e homossexuais?

Por fim, outro ângulo de análise se somou a nossas inquietações: a saúde do homem. Este tema se insinuou para nós por dois motivos: primeiro, por conta da área de expertise em que realizamos este percurso; e segundo, por causa das inúmeras pesquisas que relacionavam a “masculinidade” com a saúde, ou com a ausência de cuidados de saúde. Nesta perspectiva, o Ministério da Saúde lançou, inclusive, uma política, em 2009, a “Política Nacional De Atenção Integral À Saúde Do Homem”, que relaciona a “masculinidade” com a saúde.

Assim, navegaremos por estes mares, das juventudes, das masculinidades e da saúde, tentando articulá-los sempre que possível, e aportando em seus múltiplos aspectos, quando necessário. Cabe ressaltar ainda que nossa viagem teve como motivador e ponto de partida, o encontro e o diálogo com novos tripulantes.

Dessa forma, boa parte de nosso percurso traçamos “em conversação” com nossos tripulantes ou “nossos nativos”, que eram jovens estudantes de um colégio politécnico em saúde. Dialogamos com eles individualmente, em entrevistas semi estruturadas, em pequenos grupos, ao discutirmos cenas de filmes, sobre nossa temática, apresentada acima.

Essa dissertação é o relato dessa viagem. No contato com nossos nativos e na tentativa de esboçarmos indagações que nos levassem a dialogar com eles, recorremos a diferentes autores-marujos que nos auxiliaram tanto no traçado de nossa rota, como durante o percurso e as ancoragens.

Dividimos este relato em quatro partes: *Capítulo 1: A Rota*, em que introduzimos nosso tema, e explicitamos o caminho que percorremos; *Capítulo 2: A viagem – parte I*, que trata contextualiza nosso campo de pesquisa e trata dos aspectos metodológicos; *Capítulo 3: A viagem – parte II*, que apresenta as falas de nossos tripulantes e as articulações que tecemos do diálogo entre eles e nossos marujos; e *Capítulo 4: A chegada*, capítulo final, que traz breves considerações sobre nossa navegação e pontos possíveis de ancoragem.

Convidamos, assim, o leitor a velejar conosco. Algumas precauções iniciais fazem-se contudo necessárias. A primeira é que não pretendemos, de maneira nenhuma, esgotar com precisão náutica todas as nuances e aspectos que apareceram durante a viagem. Talvez fiquem entrelinhas necessárias, pontos e portos a serem navegados, por nós ou por marujos que se animem a se aventurar por estes rumos. A segunda é que não temos um único campo de análise ou um único olhar para nossa questão. Nosso intuito foi apontar as múltiplas

direções por onde navegam nossos tripulantes. Talvez tenhamos pecado em não aprofundar mais um destes olhares, mas não era este inicialmente nosso intuito. Por fim, alertamos nosso leitor-veleizador para as surpresas, descaminhos, intercorrências e atravessamentos que poderão ocorrer durante a viagem-leitura. Estes, se ocorrerem, são propositais.

Capítulo 1: A Rota.

“Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar.”
(VIOLA, e CARVALHO, 1997)¹

Traçamos nossa rota, no intuito de prever os caminhos pelos quais iríamos navegar. Estudamos os mapas e dialogamos com outros marujos¹ mais experientes, que realizaram percursos, de alguma forma, semelhantes ao nosso, na intenção de que definirmos uma rota que nos possibilitasse menos chances de cometer erros sérios, e atravessarmos o barco, ou capotarmos, ou até mesmo, naufragarmos.

Contudo, há sempre o imprevisível do mar e dos ventos. Nosso traçado se deu a partir de nossa rota, sem, entretanto, segui-la a risca. Foram necessárias manobras, para negociar, da melhor maneira que nos foi possível, nossas dificuldades. Assim, passamos agora a descrever nosso traçado. Este foi dividido nos pontos de referência que assinalamos em nossa carta náutica, como guias importantes. Partiremos destes pontos.

1.1. Portos juvenis

Nosso primeiro porto de ancoragem trata dos diferentes debates travados, na atualidade, acerca do tema da juventude. Assim, primeiramente, é importante pontuar que “juventude” é um conceito construído histórica e culturalmente. “As definições sobre ‘o que é ser jovem?’, ‘quem e até quando pode ser considerado jovem?’ têm mudado no tempo e são sempre distintas nas diferentes culturas e espaços sociais” (NOVAES, 2006)².

Sobre esse aspecto plural da juventude, Velho (2006)³ argumenta que colocar a juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, e percebê-la como uma categoria complexa e heterogênea, no intuito de evitar simplificações e esquematismos. Assim, haveria diversas maneiras de “ser jovem”, como também de “ser velho”. Velho

¹ Em nossa forma-texto-navegação chamamos de *marujos* os autores com os quais dialogamos ao longo da dissertação, e de *tripulantes*, os jovens entrevistados, recorremos a esta metáfora, em alguns momentos do tempo, quando julgarmos necessário.

(2006) destaca que antropólogos e historiadores têm se preocupado em desnaturalizar essas tais categorias etárias, a partir do trabalho já considerado clássico de Ariès (VELHO, 2006).

Souza (2005)⁴, por sua vez, cita Bassit (2000)⁵, ao problematizar como emerge a categoria juventude:

“A preocupação central da modernidade é periodizar a vida humana, institucionalizando as transições das pessoas da família para a escola ou o trabalho, instituindo a idade ideal para casar ou para se aposentar, entre outras (...) A lógica da modernidade está fundamentada na uniformização e ‘universalização das transições’ em uma grande variedade de contextos institucionais, bem como numa maior segregação de grupos sociais” (BASSIT apud SOUZA, 2005, pg. 90)

Knauth e Gonçalves (2006)⁶ recorrem a Debert e Groppo, para sustentar que a criação das instituições modernas dos séculos XIX e XX se baseou, também, no reconhecimento das faixas etárias e com isso, na institucionalização dos períodos da vida.

Birman (2009)⁷ debruça-se sobre os termos “juventude” e “adolescência” e interroga o sentido temático “cristalizado pela tradição ocidental” em relação a esses termos. Em consonância com as manobras realizadas autores citados acima, Birman (2009) aponta que essa cristalização teria se forjado por meio de um processo de naturalização, “em que se perdeu de vista que a delimitação das idades da vida resultou de uma complexa e elaborada construção social, política e conceitual estabelecida na passagem do século XVIII para o século XIX e que perdurou até os anos 1970.” (BIRMAN, 2009, pg. 26).

Groppo (2000)⁸ ajuda a esclarecer este ponto afirmando que para se referir ao período de transição da fase de ingresso na sociedade para a maturidade três termos apareceram e aparecem: juventude, adolescência e puberdade. Assim, o autor, primeiramente, diferencia:

“As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro.

A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.

A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período intertício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto.” (GROPPO, 2000, pg. 14).

Menos preocupado em demarcar os campos teóricos de cada área do conhecimento, Birman (2009) argumenta que no início do século XIX “ser jovem e ser adolescente

significavam a mesma coisa, isto é, tinham uma referência comum. Esta ordem conceitual, no entanto, transformou-se nas últimas décadas na tradição ocidental.” (BIRMAN, 2009, pg. 26)

A que transformações o autor se refere? Continuaremos navegando por estes mares, com o intuito de encontrarmos ventos que nos levem adiante. Assim, Groppo (2000) argumenta que adolescência e juventude também aparecem como fases sucessivas do desenvolvimento individual, sendo a adolescência ainda próxima da infância e a juventude mais próxima da maturidade.

Segundo Groppo e Birman, juventude e adolescência, possuiriam especificidades, mas seriam termos correlatos, indicando a “passagem para a vida adulta”. Birman (2009) esclarece:

"o fato de que a juventude e a adolescência se condensaram num único termo na aurora da modernidade evidencia que eram figuras sociais e segmentos da população construídos social e historicamente, como a passagem necessária e inequívoca da infância para a idade adulta. Esses diferentes tempos da existência humana, nos quais também se incluía a velhice, foram interpretados como parcelas compondo e se inscrevendo nas diversas idades da vida." (BIRMAN, 2009, pg. 26)

Assim, é importante destacar que, na *sociedade-ocidental-moderna*, as “idades da vida” se gestam numa leitura marcadamente biológica do ser, que ao se desdobrar produziria “efeitos no registro moral, e posteriormente nos registros psicológico e social” (BIRMAN, 2009, pg. 27). O autor destaca, ainda, que no registro eminentemente social evidenciaram-se os campos da família e do trabalho. Por esse ângulo de visão, podemos perceber a preocupação de nossos tripulantesⁱⁱ durante a viagem, com relação a emprego, “ter filhos”, “casar”, contudo navegaremos por estes mares mais à frente.

Para Birman (2009), este paradigma de leitura “idades da vida” seria atravessado pela ideia mestra de progressoⁱⁱⁱ e esta estaria na base da concepção evolucionista (fases da vida) do ser. O autor destaca, ainda, a mediação das “instituições fundamentais”, como as escolas, as igrejas, e as instituições de saúde, por exemplo, na articulação dos registros moral, psicológico e social, com relação a este paradigma.

Partindo da genealogia empreendida por Foucault, Birman (2009) anuncia que o “paradigma das idades da vida se inscreve numa matriz biopolítica, construída no mesmo

ⁱⁱ Nomeamos de tripulantes os “nossos nativos”; no caso os alunos da Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) com os quais mantivemos contato.

ⁱⁱⁱ Birman (2009) aponta a partir de Rossi, 1995 e Taquieff, 2004 que a concepção de progresso dominaria o espaço social desde o século XIX.

período por meio da transformação da população no alvo primordial do poder disciplinar” (BIRMAN, 2009, pg. 29). Assim, conseqüentemente a medicina e a instituição escolar crescem em importância, ao se “encarregarem” do cuidado e da formação, da qualificação da população, em suas diferentes “idades”.

Neste sentido, Viana (2008)⁹ destaca que “a qualidade da vida dos adultos estava depositada na qualificação das crianças e dos jovens”, o que fez com que se estabelecesse “um modelo psicobiológico e desenvolvimentista que especificou e hierarquizou as particularidades das fases da vida”. Dessa forma, delinea-se, na passagem do século XVIII para o século XIX, “a demarcação da infância e da adolescência, em contraste com a idade adulta e a velhice”. (VIANA, 2008, pg. 59)

Gropo (2000) aponta novos ventos, ao argumentar que além da ‘criação’ da categoria juventude ser um dos fundamentos da modernidade, existiria uma multiplicidade quase que incontrolável de suas formas de expressão, o que, por sua vez, seria um sinal de que este fundamento possui suas contradições. Assim, o autor afirma: “A diversidade das juventudes modernas é um dos frutos das contradições dos projetos modernizadores que objetivaram criar faixas etárias preparatórias à maturidade.” (GROPPO, 2000, pg. 19)

Outro marcador interessante para nossa viagem é apontado por Knauth e Gonçalves (2006) que destacam que há décadas a juventude se insere na grande parte dos denominados “problemas sociais”, ao mesmo tempo em que há um esforço crescente para manter-se jovem “em qualquer idade”. Nesse sentido, Gonçalves (2005)¹⁰ argumenta que o interesse pela juventude desponta de tempos em tempos, mas a preocupação social e acadêmica com a juventude parece sempre contaminada pelas noções de *crises, excessos, conflitos e explosões*.

Vianna (2003)¹¹ aproxima-se deste ângulo de análise, ao apontar que “as sociedades sempre construíram a juventude como um fato social intrinsecamente instável (LEVI & SCHMITT, 1996, pg. 8)”. Assim, afirma, a partir do livro *Cenas juvenis* (ABRAMO, 1994)¹², que: “a juventude é definida como um estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, mal-estar, possibilidade de ruptura, crise psicológica, conflito” (VIANNA, 2003, pg. 12).

Gropo (2000), destaca ainda a concepção de juventude de Mannheim, a partir de Abramo:

“Segundo Abramo, a concepção de juventude de Mannheim envolve três noções: transitoriedade, na qual a juventude antecede a vida social plena; a noção de projeto, ‘a etapa juvenil como estágio de

preparação para uma vida posterior socialmente plena'; a noção de crise e ruptura." (GROPPO, 2000, pg. 26).

Assim, temos como sinalizador o imbricamento entre os termos juventude e as noções de transitoriedade, passagem à vida adulta, crise e tensões forjado pelas ciências sociais, ao longo da trajetória sócio histórica de constituição, recriação e reafirmação do conceito de juventude, a partir da modernidade-ocidental.

Zaluar (2003)¹³ nos aponta ventos outros ao destacar a associação entre juventude e violência (urbana). Navegando de maneira distinta, mas por mares aparentados, Castro (2009)¹⁴ realiza uma cuidadosa análise de diferentes políticas públicas, empreendidas fundamentalmente pela UNESCO-Brasil, que tenham como alvo a juventude.

Castro (2009) argumenta, a partir de um referencial foucaultiano, que para atingir determinados objetivos, no caso os propostos pelas políticas públicas por ele analisadas, faz-se necessário a constituição de "um objeto discursivo". Assim, para ele, os diferentes atores envolvidos na elaboração das políticas por ele analisadas, dão visibilidade e formulam certos atributos ligados ao "ser jovem". Segundo Castro (2009) um destes atributos seria a violência, "o jovem violento".

Contudo, não podemos fechar os olhos para uma suposta "disseminação" da violência entre os diferentes setores da juventude-brasileira-contemporânea. Birman (2009) destaca que: "não se trata mais apenas da inscrição da violência na cultura da sobrevivência das classes populares. A violência se dissemina nas classes médias e nas elites da sociedade brasileira" (BIRMAN, 2009, pg. 31).

Assim, Birman (2009) argumenta que essa disseminação da violência entre a juventude brasileira poderia ser analisada sob diferentes aspectos: primeiro, em certos atos juvenis que recentemente chocaram a "sociedade brasileira"^{iv}; segundo, "na constituição de formas violentas de subjetivações (Foucault,1976/2003)¹⁵ no segmento jovem da população em que o outro sempre é configurado como um inimigo em potencial" (BIRMAN, 2009, pg. 31).

^{iv} Entre estes atos destacamos: o assassinato do índio Pataxó por cinco jovens, de classe média, de Brasília, em 1997; a agressão a empregada doméstica Sirley, por três jovens na Barra da Tijuca, em 2007, com a defesa argumentada pelos jovens de que a agrediram, porque acharam que ela era uma prostituta; as recorrentes agressões a supostos homossexuais nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, em novembro de 2010. A respeito destes atos, Birman (2009) argumenta: "ve-se, portanto, que índios, mendigos, homossexuais e mulheres pobres, são atacados e assassinados por jovens que tem horror a tudo que se inscreva como diferença na ordem social. Ao mesmo tempo, tal horror se manifesta em face de tudo o que é signo de pobreza e indica algo que pode ser interpretado como decadência e perda de prestígio social. " (BIRMAN, 2009, pg. 32)

Nossos tripulantes nos levaram a navegar por outros mares, ao acenarem outras formas de relação com o outro e consigo, em seus discursos. Assim, conforme a proposta de Alvim e Paim (2005)¹⁶ nos foi necessário pensar (e escutar) o que se passa com a juventude contemporânea, para além das imagens obsessivas e às vezes preconceituosas transmitidas pela mídia.

Novos ventos se anunciam também no que tange à juventude no universo social-globalizado, conforme declara Vianna (2003):

“o conceito de juventude parece ter ‘colonizado’ todo o espaço social. (...) ‘ser jovem’ ou ‘se manter jovem’ (‘de corpo e alma’) passou a ser um objetivo permanente. A juventude é hoje uma espécie de mercadoria vendida em clínicas de cirurgia plástica, livros de auto-ajuda e lojas de departamento” (VIANNA, 2003, pg. 8)

É a essas transformações que Birman (2009) se refere com relação às categorias de juventude e adolescência na cena social globalizada-contemporânea. Nesse sentido, o autor propõe o mito de Hamlet, “*ser ou não ser: eis a questão*”, e não mais o de Édipo para pensar as formas de subjetivação (Foucault, 1976/2003) atuais, e afirma:

"Na contemporaneidade, contudo, essa experimentação de si deixou de se restringir à condição adolescente, disseminando-se também entre as figuras parentais, para as quais tal imperativo, fundado no desejo, promove não apenas novas formas de ser, como também novas conjugalidades. Todos nós, portanto, adolescentes ou adultos, estamos imersos numa experimentação permanente e insistente de si, enfrentando o espectro da figura de Hamlet a nos assediar em nossos percursos simbólicos de subjetivação. Encontramo-nos enfim perguntando-nos o tempo todo o que somos e o que não somos, numa incerteza crucial sobre a efetiva condição de ser. À luz dessa disseminação da condição adolescente na contemporaneidade, fruto de uma experimentação insistente de si, deixam de se impor quaisquer limites que delineiam a adolescência. A condição adulta está igualmente atravessa por tal condição, ou seja, estamos hoje em face de uma adolescência sem fim, regulada pelo imperativo ético da experimentação de si, que já demarca a condição do sujeito na contemporaneidade." (BIRMAN, 2009, pg. 38/39)

Assim, há um alargamento da categoria de juventude no contemporâneo, e uma constante experimentação de si, conforme propõe Birman (2009), entretanto, os marcos das “idades da vida” ainda regulam, de certa forma, nosso sistema de navegação social. Sendo assim, Heilborn, Aquino, Bozon e Knauth (2006)¹⁷ demarcam: “A linhagem de trabalhos sociológicos contemporâneos sobre juventude enfatiza o entendimento desse termo como um processo social de passagem ou entrada na vida adulta.” (HEILBORN et AL, 2006, pg. 40).

O traçado de nossa rota prevê, então, diferentes acepções do termo juventude: a ideia de juventude como uma categoria construída social e culturalmente; o paradigma das “idades da vida”; a noção de excesso, ruptura, ou conflito; a “passagem para a vida adulta”; as especificidades da exacerbação do conceito de juventude no universo “social-globalizado”. Não temos a pretensão de esgotá-las em nossa viagem, nem de percorrer todas as suas nuances, iremos, contudo, tê-las no horizonte.

Consideramos ainda importante pontuar o porquê da escolha de se estudar a juventude, dentro do escopo desta viagem, ou da presente pesquisa, a saber: pensar as articulações possíveis entre juventude, masculinidade e saúde. Essa escolha não foi feita de maneira aleatória, mas pensando “se há novos ventos soprando na juventude” hoje. Há alguma mudança com relação às formas de se definir, se construir, e se conceber enquanto homens hoje entre os jovens? Que valores os jovens ligam hoje à masculinidade? Estas são categorias que fazem sentido para nossos tripulantes ou não? Que consequências estas formas de conceber o masculino podem trazer para a saúde?

Nesse sentido, apostamos com Groppo: “a juventude não é conservadora nem progressista por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova possibilidade.” (MANNHEIM APUD GROppo, 2000, pg. 25). Passaremos agora a uma breve apreciação acerca da juventude brasileira, no intuito de delimitarmos nosso escopo de navegação.

1.2. Juventudes Brasileiras

A “sociedade brasileira” apresenta características próprias para a análise da problemática das gerações e do universo jovem (VELHO, 2006). Nesse sentido, Velho (2006) destaca Freyre:

“Já – e de modo pioneiro – Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos* (1936), chamava a atenção para a dimensão de construção das fronteiras etárias. Nas suas observações sobre a ascensão a bacharel, Freyre alertou para o processo de transformação da família patriarcal e de suas relações internas e externas em suas dimensões econômicas, políticas e simbólicas.” (VELHO, 2006, PG. 194)

Este autor ressalta que diversos trabalhos de antropólogos brasileiros contemporâneos têm lidado com o campo de possibilidades e formas de ser em que os jovens se movem e se apresentam. Nestes, um dos temas centrais é a relação com a família. Assim,

destacamos, conforme propõe Velho (2006), as reflexões de Freyre sobre a sociedade brasileira e a importância da família neste contexto.

Outro ponto importante ligado ao contexto brasileiro é a ostensiva desigualdade na distribuição das benesses e a ausência de um Estado regule minimamente a repartição justa destas (BIRMAN, 2006)¹⁸. Nossos tripulantes possuem diversas hipóteses e críticas a esse respeito, conforme iremos perceber no decorrer da viagem.

Na pesquisa realizada por Gonçalves (2005), os jovens apontam a ausência do Estado e a relevância da família nesse contexto:

"Na ausência do público como fonte de suporte da vida social até mesmo no que diz respeito ao controle da criminalidade, o jovem ressentido-se da ausência do Estado. Diante de um poder público que não tem feito muita coisa, refluem sobre a família todas as expectativas de suporte e apoio, *Não faço a mínima ideia de com quem o jovem pode contar hoje além da família*, resume um entrevistado." (GONÇALVES, 2005, pág. 212)

Dentro deste debate, Norbert Elias (1994)¹⁹ vem sendo muito citado ao argumentar que em estágios anteriores do desenvolvimento da sociedade, o indivíduo cultivava laços mais estreitos de parentesco. Este autor aponta que “nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social”, seriam os grupos ligados à família que ofereciam suporte, ajuda e proteção em caso de necessidade.

A importância do grupo familiar para a sociedade brasileira já foi e ainda é apontada por muitos autores, como o já citado Freyre (1975)²⁰, DaMatta (1988)²¹, e mais recentemente vem sendo repensada e problematizada por autores como Coutinho (2006)²², Barros (2006)²³. DaMatta (1988) argumenta acerca da dupla concepção de coletividade supostamente presente no sistema social brasileiro. O conhecido “dilema brasileiro”, sobre o qual também navegaremos, em momento oportuno neste percurso.

Outro ponto é que a “juventude” com suas múltiplas vivências e possibilidades, com as especificidades do universo e do contexto brasileiro, se configura também como um momento importante na construção da masculinidade (HEILBORN E BOZON, 2001)²⁴, ainda que esta construção possa se desfazer e refazer (sempre) ao longo da vida.

No intuito de dar mais inteligibilidade ao termo “masculinidade”, sem contudo pretendermos lhe imputar uma definição fixa, mas ao menos uma “rota de navegação”, iremos mudar um pouco de direção. Assim, faremos uma breve retomada das noções de sexo

e de sexualidade, e seus múltiplos desdobramentos, para, posteriormente, navegarmos nos mares da “masculinidade”.

1.3. Constituição do campo ou dispositivo da sexualidade

Em *Inventando o sexo*, Laqueur (2001)²⁵ propõe a existência de dois diferentes paradigmas sobre as relações entre os sexos, forjados pela “sociedade ocidental” da Antiguidade até a Modernidade. O primeiro paradigma, esboçado por Aristóteles e desenvolvido posteriormente por Galeno, enunciava a existência do sexo único (*one sex model*), que perdurou até o século XVIII. O segundo, constitutivo da modernidade, foi formulado ao longo do século XVIII e expôs o conceito da diferença sexual (Laqueur, 2001). Para Birman (2001)²⁶, o discurso da igualdade de direitos entre os cidadãos teria sido a condição concreta de possibilidade para a construção desse segundo paradigma.

Segundo este autor, a relação hierárquica entre os sexos seria fundamentada pela oposição grega entre luz e sombra, de origem platônica, “nas suas relações com a perfeição e a verdade. Além disso, a marca da perfeição masculina se evidenciaria pela sua atividade, enquanto a imperfeição feminina seria marcada pela passividade” (BIRMAN, 2001, pg.36).

Contudo, Birman (2001) pontua que neste paradigma, “existiria sempre a possibilidade de a mulher ser transformada em homem, desde que o humor quente se fizesse presente no corpo dela, atingindo assim a mesma condição daquele”. Na concepção hierárquica da Antiguidade, “a imperfeição poderia ser sempre alçada à perfeição”. O contrário já seria impossível, pela lógica da hierarquia cósmica, o perfeito jamais poderia ser transformado em imperfeito. (BIRMAN, 2001, pg. 37).

Segundo Laqueur (2001), o discurso iluminista, que culminou na Revolução Francesa, trazia uma série de problemas para o paradigma explicitamente hierárquico do sexo único, uma vez que enunciava a igualdade de direitos dos cidadãos. Para Birman (2001) estes “problemas” foram “solucionados” ao se enunciar que o homem e a mulher teriam naturezas biologicamente distintas, e com isso aptidões (e funções) diferentes também, enunciando-se assim, o paradigma da diferença sexual. Com isso, os homens mantiveram-se no domínio público (e político) já que estavam mais “aptos” por suas capacidades biológicas a exercerem este domínio.

Às mulheres então caberia *um* destino: a maternidade, conforme problematiza Birman (2006)²⁷:

“Assim, a conformação anatomofisiológica do corpo feminino destinava as mulheres inequivocamente para a maternidade, de forma que, como pólo da Natureza, elas estariam fadadas à reprodução, ao calor e ao afeto, que as conduziam à amamentação e aos cuidados com a prole. Com isso, teriam um menor desenvolvimento das faculdades intelectuais, o que lhes conferiria uma imaturidade essencial que justificava a subalternidade perante os homens. Estes, em contrapartida, representavam a Cultura pelos traços evidentes de sua racionalidade e pelo domínio que faziam de sua afetividade pela razão, que os destinava à ação no espaço social” (BIRMAN 2006, 172).

É esse aspecto de ligação masculino-cultura e feminino-natureza, e suas implicações, que vai ser, posteriormente, questionado tanto pelos movimentos sociais^v, como pelas ciências sociais, destacando-se aqui Butler, a teoria *queer*, e a dissertação de Grunvald, mares por onde navegaremos em breve.

A constituição de um modelo diferente, o modelo da diferença sexual, (*two sex model*) seria um acontecimento bastante recente na história do Ocidente, pois apenas no final do século XVIII e no início do século XIX que teria se forjado um discurso sistemático sobre essa diferença. Este novo paradigma da diferença sexual teceu-se pela formulação da existência de uma diversidade radical entre o ser do homem e o ser da mulher (BIRMAN, 2001).

Martins (2004)²⁸ destaca, ainda, o fato de que a diferença entre os sexos só teria ocorrido nos meados do século XVIII, com a preocupação médica e jurídica em saber qual era o sexo “verdadeiro” de cada pessoa, revelando a ideia de que as diferenças na anatomia fisiologia dos corpos determinariam o ser homem e o ser mulher.^{vi}

O corpo feminino passou a ser visto como materialização de um conceito de feminilidade, que seria atravessado pelo significado de fragilidade física, de beleza, e delicadeza nos esqueletos com crânios pequenos, ossos mais finos e pélvis mais largas, como evidência da maternidade (LAQUEUR, 2001); (MARTINS, 2004). Assim, as desigualdades entre os seres humanos na vida pública e privada passaram a ser justificadas pelas ditas diferenças sexuais.

Para Foucault (1976 /2003), o *two sex model* e a ligação das mulheres e crianças ao mundo privado estavam relacionados à ideia de que a riqueza das nações passa a ser pautada também pela qualidade de sua população. Essa ideia, por sua vez, estaria relacionada à

^v Como os movimentos feministas e os movimentos gays

^{vi} Podemos referir aqui o caso de Herculine, que cresce como menina e posteriormente “tem que” se transformar em homem, Foucault publicou seus diários em ano sob o título – edição brasileira – Butler, por sua vez, dedicou uma pequena parte de seu “Problemas de Gênero” a pensar sobre Herculine e Foucault.

preocupação com a demografia e a instituição de uma medicina moderna, marcada também e essencialmente por um viés social. O que estava em jogo eram estratégias de disciplinarização da população, pela via do discurso médico político, ligadas à política dos Estados modernos europeus, à formação da burguesia e à Revolução Industrial.

Foucault (1976/2003) defende que a partir do século XVIII, observa-se o surgimento das ciências sexuais, um conjunto de disciplinas e saberes que visam menos à repressão do sexo e mais ao adestramento dos corpos e das sexualidades ao modo de vida da família burguesa e à consolidação do capitalismo.

Araújo (2008)²⁹ acerca da obra foucaultiana afirma que no momento em que a ciência passou a tratar do sexo foi criado o domínio da sexualidade. Foucault se contrapõe a ideia de que nas sociedades ocidentais modernas predominaria uma concepção essencialmente repressiva da sexualidade, pelo contrário, haveria uma “vontade de saber” (sobre o sexo).

A autora cita Foucault ao afirmar que a sexualidade seria um nome que se poderia dar a um dispositivo histórico, que atuaria diretamente sobre os corpos, os prazeres, os discursos, os conhecimentos, segundo estratégias de saber e poder. Neste sentido, Foucault (1976/ 2003) vai considerar que é no discurso que poder e saber se articulam.

Dessa forma, para Araújo (2008), a sexualidade seria um dispositivo que arma estratégias de relações de força localizáveis nos diferentes saberes que versam sobre o sexo. Todos esses saberes, que estariam ligados à ideia de uma produção de verdade sobre o sexo, terminam por ter efeito de poder, ao visarem normalizar, corrigir, disciplinar o indivíduo e seu sexo.

Assim, os saberes médicos, psicológicos, pedagógicos, sexológicos, psicanalíticos sobre o sexo criam discursos e verdades sobre o sexo. Os discursos que emergem desses saberes têm um estatuto de cientificidade e de verdade que terminam por ter efeito de poder sobre os indivíduos e sobre a forma como exercem a sexualidade. Nesse sentido, nossos tripulantes respondem, também, de alguma forma, a este dispositivo, como veremos ao longo da viagem.

Nessa análise do dispositivo da sexualidade, podemos afirmar, que Foucault (1976/2003; 2004) formula que não há sujeito nem sexualidade universal, mas que os modos de subjetivação e de sexuação, são determinados historicamente. Dessa forma, o modelo essencialista da diferença sexual, em que o lugar da mulher já estaria demarcado, ligado ao

mundo privado da casa, vai ser questionado e criticado pelos movimentos feministas e, posteriormente, pelo movimentos gays.

Beauvoir (2009)³⁰ dá outro estatuto ao feminino ao afirmar, na já célebre frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, apontando na direção de uma dessenssencialização do feminino. Partindo de Beauvoir e da crítica feminista, Arán (2003)³¹ indaga se atualmente estaríamos num novo território para pensar as sexualidades.

Assim, Arán (2003) enumera uma série de mudanças nos regimes que forjam as sexualidades: a entrada mulher mercado de trabalho; a crise família nuclear, com na ideia de igualdade entre os sexos, colocando em questão o lugar do homem e mulher na família; a separação da sexualidade da reprodução, e a visibilidade política da homossexualidade. Dessa forma, indagamos em nosso percurso: estaríamos em um novo território para pensar as sexualidades no Brasil? Como estas mudanças repercutem nos valores ligados ao masculino por parte dos jovens? Existem novos modos de produção e sexuação dos corpos em curso?

No intuito de nos aproximarmos de possíveis respostas a essas questões (e com elas novas perguntas), iremos fazer uma pequena pausa em outro porto que ganhou certa complexidade atualmente, pelos inúmeros marujos que o adentraram: o conceito de “gênero”. Nossa breve ancoragem não nos possibilitará perceber todos os contornos e reformas empreendidas neste porto, contudo é preciso, ao menos, uma parada.

1.4. Gênero: um porto seguro?

Alguns autores^{vii} apontam que o conceito de gênero teria surgido no meio acadêmico brasileiro introduzido pelo debate de Joan Scott. Scott (1990)³² considera que a expressão gênero passou a ser empregada como uma forma de rejeição ao determinismo biológico implícito nos termos sexo e diferenças sexuais. Assim, para Scott (1990), gênero é a organização social da diferença sexual.

Entretanto, Castro (2001)³³, questiona que o debate de gênero no Brasil tenha surgido a partir de Scott. Nesse sentido, Arán (2006)³⁴ argumenta que o termo ‘gênero’ teria sido apropriado, anteriormente, por Money na tentativa de preconizar uma separação entre o “sexo

^{vii} KOFES, Suely. Categorias analíticas e empíricas: gênero e mulher; disjunções, conjunções e mediações; GOMES, Romeu. A dimensão simbólica da violência de gênero: uma discussão introdutória; THAYER, Millie. Feminismo transnacional: lendo Joan Scott no Sertão.

real” — ancorado na biologia e na “natureza” — e o registro subjetivo do gênero. Money teria recorrido a esta separação ao investigar o transexualismo.

Em consonância com Arán, Foucault (2004)³⁵, no prefácio à edição americana dos diários de Herculine Babin, argumenta que:

“A partir do século XVIII, as teorias biológicas da sexualidade, as constituições jurídicas do indivíduo, as formas de controle administrativo nos Estados modernos conduziram pouco a pouco à recusa da ideia de uma mistura dos dois sexos em um só corpo, e, conseqüentemente, a restringir a livre escolha dos indivíduos ambíguos. A partir de então, a cada um, um sexo, e apenas um.” (FOUCAULT, 2004, pg. 83)

É isto que acontece com Herculine. Inicialmente “uma menina”, que é obrigada a se “assumir” como um “verdadeiro” rapaz, após um processo jurídico e o reconhecimento por um perito (médico) da verdade acerca de seu sexo. Assim, através da sofisticação desse mecanismo de reconhecimento do “verdadeiro sexo”, nos anos 50, a noção de gênero teria se consolidado, como explicita Arán: “Para Money, o comportamento masculino ou feminino é construído socialmente, sendo a educação o principal aspecto modelador do gênero. A partir disso, a noção de gênero para diferenciar o sexo biológico da identidade sexual foi consolidada.” (ARÁN ET AL., 2009, pg. 1114)³⁶

Por sua vez, Machado (1998)³⁷ considera que o uso do conceito de gênero teria se tornado cada vez mais difundido no meio intelectual brasileiro, sugerindo que se poderia falar da construção de um novo paradigma metodológico pelas análises de gênero. Segundo esta autora, este novo paradigma teria os seguintes pressupostos: primeiro - afirmação da ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero; segundo - privilegiamento metodológico das relações de gênero, sobre qualquer substancialidade ou essencialidade das categorias de mulher, homem, feminino e masculino; terceiro – a construção social do gênero perpassa as mais diferentes áreas do social.

Assim, Machado (1998) afirma que a expressão ‘relações de gênero’, no campo das ciências sociais, designa, primordialmente, a perspectiva culturalista, em que as categorias de diferença sexual não implicam na categorização de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e absoluto, mas apontam para a ordem cultural atuando como modeladora dos corpos e formas de ser e estar no mundo de homens e mulheres.

Na área da saúde em geral, em 1993, a Organização Mundial da Saúde e a Organização Pan-americana de Saúde editaram uma publicação recomendando que na área da

saúde seja adotada a dimensão de gênero, considerando a saúde como satisfação das necessidades humanas e levando em conta as relações de poder nas relações de gênero (Gómez, 1993)³⁸.

Contudo, muitas críticas veem sendo feitas ao debate e ao uso recorrente do conceito de gênero, conforme explicita Machado (1998):

“A generalização do uso do conceito de gênero no campo intelectual anglo-saxônico, nos saberes disciplinares da sociologia, antropologia, história, literatura, filosofia e psicologia, ocorrida nos anos oitenta e noventa, trouxe consigo o compartilhamento da radicalização da ideia da desnaturalização biológica das categorias de homem e mulher e da radicalização da construção simbólica (entendendo-se aqui a natureza da dimensão social e cultural) das noções de feminino e masculino.” (MACHADO, 1998, pg. 107)

Problematiza-se não apenas a radicalização, muitas vezes operada no uso da categoria gênero, mas também se haveria efetivamente distinção entre as categorias de sexo e gênero. Assim, segundo Gomes (2008)³⁹, Laqueur (2001) ressalta a precariedade da distinção analítica entre sexo e gênero e afirma:

“Quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma – que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre gênero. O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (LAQUEUR apud GOMES, 2008, pg. 62)

Butler (2005)⁴⁰ sinaliza que o sexo é uma norma cultural que governa a materialização dos corpos, sendo exercida como uma prática reguladora capaz de diferenciar os corpos que controla e dociliza. Assim, a autora problematiza:

“E que é afinal o ‘sexo’? É ele natural, anatômico, cromossômico, ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais ‘fatos’ para nós? Teria o sexo uma história? (...) Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o de gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2005, pg. 25).

Assim, o questionamento de Butler (2008) considera o sexo também como uma construção social. Além disso, Butler (2008) afirma a partir de Beauvoir:

“se como afirma ela (Beauvoir), ‘o corpo é uma situação’, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais, conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma factibilidade anatômica pré-discursiva,

sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo.” (BUTLER, 2008, pg. 31)⁴¹

Recorremos, novamente a Arán (2006), que argumenta que para Butler o gênero é uma norma, uma identidade frouxamente construída através do tempo, por meio de uma repetição incorporada de gestos, movimentos e estilos. Por sua vez, Gomes (2008) afirma que: “Gênero refere-se a *papéis* socialmente construídos e a definições e expectativas consideradas apropriadas para uma sociedade – para o ser homem e o ser mulher” (GOMES, 2008, pg. 65)

Entretanto, para Butler (2008) “A ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória.” (BUTLER, 2008, pg. 57). Assim, ela questiona a plausibilidade dessa relação binária, heterossexual por excelência (par homem-mulher), e sugere que “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do ‘real’ e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma auto naturalização apta e bem sucedida.” (BUTLER, 2008, pg. 58)

Assim, consideramos que certas configurações de gênero assumem um lugar de hegemonia, como na dita heterossexualidade compulsória, mas existem outras configurações possíveis. Contudo, pontuamos que nosso interesse aqui se volta para o entendimento das práticas, condutas, discursos e valores ligados à “masculinidade” da juventude atual. Com isso, não estamos querendo reificar a heterossexualidade ou o machismo, mas entender os efeitos que esses valores e “jogos de verdade” (Foucault, 2004) têm para o cuidado de si e à saúde, por parte dos jovens.

Nesse sentido, podemos pensar, a partir de Butler (2005), que o gênero pode ser considerado uma forma de regulação específica que tem efeitos constitutivos sobre a subjetividade e que está ligado a um contexto sócio-histórico cultural. Conforme observa Gomes (2008), a partir de Laqueur (2001):

“As considerações de Laqueur (2001) assinalam, principalmente, que as formas de interpretar o corpo e de diferenciar o sexo são produções discursivas que se explicam em um contexto – portanto culturais – atravessado por lutas e conflitos, em que gênero e poder se encontram em jogo.” (GOMES, 2008, pg. 62)

Sendo assim, um de nossos pontos de referência é marcado pelos debates apontados pelo dito paradigma de gênero, bem como das problematizações e questionamentos. Consideramos, contudo, a ideia de uma construção social / cultural em torno do sexo como fundamental para pensarmos as possíveis articulações entre juventude e masculinidade, e de que forma estes influenciam as condutas e práticas, e também o cuidado à saúde por parte de nossos “nativos”.

Por fim, ressaltamos que nosso porto é permeado pelas categorias de “sexo” e “gênero”, mas num contexto “pós-estrutural”^{viii} em que estes termos são colocados, de alguma forma, em questão. Contudo, não se trata de abolir estas categorias, nem de deixar de sonhar com “outros possíveis”, mas conforme propõe Climaco (2009)⁴²:

“Assim, o pós-estruturalismo que trago aqui é, com relação à expectativa que ele frequentemente gera, conservador. Não se trata de superar o sexo ou o gênero, tampouco de implodir binarismos, mas de, com muita paciência, perceber como eles organizam nossas vidas (...). Por outro lado, tampouco se trata de renegar nossa legítima ansiedade por um mundo outro, base de todo pensamento radical. Faz-se necessário dialogar entre uma ansiedade que pode nos levar a não advertir aspectos fundamentais do mundo e uma consciência dos limites que poderia conduzir-nos a um fatalismo. Não haverá, obviamente, nunca uma posição acertada a respeito; toda mediação é, uma vez mais, contingente.” (CLIMACO, 2009, pg. 57).

Assim, nossa mediação é contingente e leva em conta também a especificidade e singularidade do grupo que estudado. Aproveitamos o aceno de Climaco (2009), acerca do pós-estruturalismo, para visitarmos um novo porto: a teoria *queer*.

1.5. “Um novo porto?”: a teoria *queer*

Existiria, na atualidade, uma “nova cartografia entre os sexos” (Arán, 2006b)⁴³? E se há, como o masculino (e o feminino) se apresentam? Devemos manter essas categorias (masculino e feminino) ou aboli-las?

Dessa forma, consideramos os movimentos feministas e de homossexuais como passos importantes para podermos pensar a possibilidade de novas coreografias, no que tange

^{viii} Abordaremos brevemente aspectos do pós estruturalismo no próximo item, contudo, não pretendemos de maneira nenhuma esgotar a discussão, apenas uma breve pincelada que seja imprescindível a nossa pesquisa. Remetemos o leitor interessado a se aprofundar no tema: R. Barthes, *A morte do autor*, 1970; H. K. Bhabha, *O local da cultura* 1994; G. Deleuze, *Nietzsche e a filosofia* 1962; G. Deleuze, *Diferença e repetição* 1968; G. Deleuze e F. Guattari, *O anti-édipo* (vol.I de "Capitalismo e esquizofrenia") 1972; G. Deleuze e F. Guattari, *Milepiani* (vol.II di "Capitalismo e esquizofrenia") 1980; G. Deleuze e F. Guattari, *O que é a filosofia?* 1991; J. Derrida, *Gramatologia* 1967; J. Derrida, *A escritura e a diferença* 1967.

a diferença sexual. Neste sentido, Arán (2006) considera que o movimento de homossexuais é um dos mais importantes das últimas duas décadas e que este movimento segue um percurso que vai desde a saída da homossexualidade do código penal até sua entrada no código civil.

A autora ressalta, a partir do texto *Algumas questões sobre o movimento de gays e lésbicas*, de Bourdieu (1998), os desafios desse movimento, uma vez que ele se faz pela passagem da invisibilidade à visibilidade – o que significa o reconhecimento desta prática afetivo-sexual – para em seguida proclamar a desconstrução deste particularismo. “Assim, este movimento instaura, a um só tempo, a necessidade de repensar a política, como também a ideia de identidade.” (ARÁN, 2006b, pg. 25).

Podemos destacar aqui as múltiplas configurações dos movimentos de homossexuais na atualidade, e as propostas político-afetivas tecidas pela teoria *queer*. Neste sentido, Louro (2001⁴⁴) esclarece:

“Em termos globais, multiplicam-se os movimentos e os seus propósitos: alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira.” (LOURO, 2001, pg. 545/546)

Assim, os movimentos homossexuais hoje ensaiam diferentes coreografias, cada uma com um tom diferente, num cenário com algo comum. Daremos, contudo, destaque, como já sinalizado acima a teoria *queer* pelas possibilidades e tensões interessantes que traz para pensarmos a questão do masculino e da diferença sexual e assim compormos nossa dança; e empreendemos nossa viagem.

O termo *queer* pode ser traduzido como excêntrico, estranho ou *puto*^{ix}, mas também se constitui na forma pejorativa, um insulto, com que são designados homens e mulheres homossexuais (Louro, 2001). Entretanto, o termo vem sendo assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação.

Nesta perspectiva, Louro (2001) afirma que a política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 90, passa a utilizar

^{ix} Tradução sugerida por um aluno, durante a disciplina Gênero, Sexualidade Biopolítica V, realizada no Instituto de Medicina Social da UERJ, no primeiro semestre de 2010.

este termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica e destaca, que apesar da diversidade deste grupo, seus integrantes partilham algumas premissas: se apoiam na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; se utilizam de categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; pensam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

Para ativistas e teóricos deste movimento, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. A teoria e a política *queer* têm como alvo mais imediato de oposição a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas sua crítica é mais ampla, contestando a normalização e a rigidez de certas leituras e políticas da identidade.

Assim, inspirada na filosofia pós-estruturalista, a teoria *queer* propõe uma nova forma de pensar a singularidade e o exercício da sexualidade, que não mais calcadas na ideia de um sujeito ou de uma identidade fixa. Neste sentido, Miskolci (2009)⁴⁵ explica que para a teoria *queer* foi central o rompimento com a concepção cartesiana (ou Iluminista) do sujeito como base de uma ontologia e de uma epistemologia. Para este autor, ainda que haja divergências entre os *queer* “o sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido.” (MISKOLCI, 2009)

Miskolci (2009) destaca ainda a contribuição de Jacques Derrida para a Teoria Queer no que tange ao seu conceito de complementaridade e à perspectiva metodológica da desconstrução.

“A complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução.” (MISKOLCI, 2009, pg. 153)

Ressaltamos ainda a importância da concepção foucaultiana da sexualidade como dispositivo para a proposta política e teórica *queer*, uma vez que partem da leitura da sexualidade como um dispositivo histórico de poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social.

Outras teóricas importantes deste movimento são: Judith Butler; Eve Sedwick; Beatriz Preciado; Gayle Rubin, entre outros. Não iremos, contudo, nos aprofundar na obra destas autoras ao longo de nosso percurso, entretanto, alguns de seus discursos acompanharam a fala de nossos tripulantes, quando se mostraram pertinentes.

Por fim, Arán (2006b) faz um mapeamento interessante entre duas diferentes formas de pensar a diferença sexual no cenário contemporâneo, a partir da teoria queer e de uma vertente da antropologia:

“A primeira mais no campo da antropologia, considera que, embora as sociedades ocidentais contemporâneas tenham sofrido uma mudança considerável no que se refere à relação entre os sexos, o sistema simbólico, fundante da modernidade, não teria sido abalado por estas alterações. Para estes autores, a relação de hierarquia entre os gêneros permanece como estruturante das relações sociais atuais, sendo a dominação masculina uma premissa inabalável que continua sustentando e governando a ordem social. A segunda tese, mais no campo da história ou mesmo da filosofia contemporânea, enfatiza a desconstrução da binaridade sexual. Assim, para estes autores, a condição de pós moderna se caracteriza pelo apagamento das fronteiras identificatórias, o que permitiria uma circulação de desejos e posições sociais, onde não haveria mais diferença entre os sexos.” (ARÁN, 2006b, pg. 25/26)

Neste sentido, não tomaremos de início uma posição nem de afirmar o fim das fronteiras entre os sexos, nem postular a dominação masculina como uma premissa inabalável, mas sim tomaremos estas duas formas de pensar diferença sexual como parte de nossa rota para pensarmos o masculino e a possibilidade de novos bailados, entre nossos tripulantes.

Dentro desse cenário múltiplo e mais amplo, consideramos, contudo, que, em geral, no contexto brasileiro estaríamos atrelados a um modelo predominantemente binário entre masculino e feminino de organização da vida social. Dessa forma, adotaremos uma perspectiva relacional de gênero, sem estabelecer as questões do masculino separadamente daquelas do feminino.

Assim, consideraremos que a lógica de que o que é visto culturalmente como masculino só faz sentido a partir do feminino e vice-versa (GOMES, 2008), ainda podem possuir algum sentido, como verificamos em nosso trajeto. Contudo, ao longo de nossa viagem foi preciso relativizar e realizar algumas manobras, no que tange a estas linhas, como será explicitado nos próximos capítulos.

Ressaltamos, contudo, que não pretendemos aqui reificar o debate de uma heteronormatividade compulsória, mas sim entender como as categorias do sistema sexo-

gênero estão operando nas subjetividades atuais / contemporâneas e quais escapes e possíveis se criam em relação a estas normas. Pretendemos, assim, entender que valores e práticas os jovens da EPSJV ligam ao masculino, e como estes valores operam na produção de suas subjetividades e no cuidado à saúde.

Faremos ainda, agora, uma breve ancoragem nas categorias de sexo e gênero, no sentido, de nos apropriarmos de autores que já navegaram por estes mares, pois talvez estas facilitem nosso percurso.

1.6. Sexo & (≠?) gênero - categorias universais?

Grunvald (2009)⁴⁶ ao navegar por estes mares questiona a suposta universalidade do paradigma da diferença sexual, visitado por nós brevemente, algumas linhas acima. Assim, o autor, a partir de Butler, Kristeva, Strathern e outros, *na busca da produção de novos possíveis*, questiona o “eurocentrismo” dessas categorias, inclusive na forma de etnografar povos “culturalmente” diferentes, nos discursos das ciências sociais atuais.

Por sua vez, Duarte (2004a)⁴⁷, analisando a produção recente das ciências sociais brasileiras acerca da sexualidade, aponta a obra de Freud e o primeiro volume da História da Sexualidade, de Foucault^x, como marcos fundamentais para a tematização da sexualidade nas ciências sociais no Brasil. Para o autor, a proposta de Foucault demonstrava que “a sexualidade não era um valor universal, vítima, na cultura ocidental, de uma repressão obscurantista. Antes, tratava-se de um valor obsessivamente cultivado, na reverência àquilo que ele veio chamar de sexo-rei.” (DUARTE, 2004a, pg. 60).

Nesta direção, Viana (2008) a partir de Foucault afirma que:

“O capitalismo moderno teria inaugurado, segundo o autor (Foucault), não um período de libertação sexual, mas uma vontade de saber sobre a sexualidade que se tornou uma das estratégias de controle dos indivíduos e da população, sendo esta a novidade da sociedade moderna”. (VIANA, 2008, pg. 52)

Assim, Foucault (1976/2003; 1966/1995)⁴⁸ argumenta que emergiram inúmeras discursividades: medicina, psiquiatria, psicologia, pedagogia, que teriam criado dispositivos para ouvir, observar, registrar e normalizar o sexo. Para Foucault (1976/2003) essa preocupação em torno da sexualidade teria como correlata a ideia de proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora. Como explicita Viana

^x Primeira edição data de 1976.

(2008): “A função do poder exercido não é só o da interdição, mas o do adestramento (um regime médico-sexual foi implantado sobre o espaço familiar) e o da regulamentação (especificação de milhares de sexualidades aberrantes)”.

Retomamos, então, Duarte (2004a) que destaca o forte estímulo reflexivo da obra de Foucault, apontando que até os anos 60, apenas Freyre e Bastide tinham se dedicado mais sistematicamente no Brasil à análise sociológica da sexualidade. Duarte (2004) segue analisando algumas das produções recentes sobre sexualidade nas ciências sociais e aponta:

“A sexualidade nas ciências sociais aparece, na literatura mais recente, subordinada à polêmica do construcionismo, ou teoria da construção cultural (como chama C. Vance – 1995^{xi}). Trata-se da disposição de considerar todos os fenômenos subsumidos nessa rubrica como culturalmente instituídos e não como fatos ‘naturais’ moldados pela cultura.” (DUARTE, 2004a, pg. 66)

Grunvald (2009) vai argumentar, a partir de Moore (1988) que a chamada “antropologia da mulher”, da década de 1970, teria se transformado na “antropologia de gênero”, dos anos 1980, contudo, nesta, o sexo, associado à natureza e à diferença sexual universal, não foi teorizado, pois entendia-se que este encontrava-se fora do “escopo argumentativo da disciplina” (Moore, 1988).

Contudo, o autor argumenta:

“se os anos 1970 e 1980 estabeleceram que o gênero existia, o fim dos anos 1980 sugeriram que o sexo não” (Moore, 1999, p.153) E mesmo que ainda não se soubesse ao certo a que o primeiro termo se referia, passou-se a questionar as bases universais e naturais do segundo: “nem sexo, nem gênero eram mais estáveis!” (ibidem., p.155).” (GRUNVALD, 2009, pg. 78)

Assim, alinhando-se com Duarte (2004a), Grunvald (2009) prossegue dizendo que, então, o argumento foucaultiano é retomado, uma vez que a distinção entre sexo e gênero não parece mais tão clara. Butler, nesta perspectiva, partindo de Foucault, “propõe a sua teoria da performatividade: quais as maneiras pelas quais o sexo consegue se estabelecer como a base natural sobre a qual a cultura agiria conformando o gênero?”(GRUNVALD, 2009, pg.78).

Neste sentido, o gênero deixa de ser um conceito jurídico que serve somente para marcar a inscrição cultural do “sexo”, como em Herculine, e passa a se referir também ao mecanismo de produção do sexo, segundo Butler (2001)⁴⁹:

^{xi} O texto de Vance 1995 tem sido uma referência importante para os estudos da área de ciências sócias, em especial a antropologia, que se dedicam ao tema da sexualidade.

“Como resultado, o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; o gênero é também o meio discursivo/cultural mediante o qual a ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ se produz e se estabelece como prédiscursivo, prévio à cultura, uma superfície politicamente neutral sobre a qual a cultura age” (BUTLER, 2001, pg.40)

Para a autora: “O gênero é, portanto, “uma expectativa que acaba produzindo o fenômeno mesmo que antecipa”. Assim, ela esclarece:

“(…) a performatividade não é um ato único, mas uma repetição e um ritual que logra efeito mediante sua naturalização no contexto de um corpo, entendido, até certo ponto, como uma duração temporal sustentada culturalmente” (BUTLER, 2001[1990], p.14-15)

Desta forma, a “performatividade” produziria o gênero, a partir de uma nomeação do “sexo” (culturalmente construída) “é menino!” ou “é menina!”, sendo reatualizada permanentemente, através de rituais e marcas corporais, como por exemplo, a vestimenta.

Seguindo este rumo, Grunvald (2009) afirma que “nos termos de Butler” a questão seria: “Como pode o gênero ser tanto uma questão de escolha e de construção cultural? (1987, p.128)” (GRUNVALD, 2009, pg. 82). Nosso marujo problematiza, então, que para Butler postular um fora da cultura seria identificado com postular um dentro da natureza. Em seu percurso, Grunvald (2009) põe em questão os supostos pares de opostos natureza: cultura; doméstico: público; indivíduo: sociedade; feminino: masculino e assim indaga:

“Não haveria outro tipo de exterioridade da cultura que não seja redutível à natureza ou que, antes, escape ao controle tanto da primeira quanto da última? Em outros termos, não há um tipo de funcionamento que é tão estranho àquele preconizado pelas diferenças sócio-naturais que, ele mesmo, toma posição contra-social e contra-natural?”(GRUNVALD, 2009, pg. 85)

No capítulo três de *Problemas de Gênero*, Butler (2008) critica o prefácio foucaultiano dos diários de Herculine, segundo a autora: “ele parece romancear o mundo de prazeres de Herculine, que é apresentado como o ‘limbo feliz de uma não identidade’, um mundo que ultrapassa as categorias de sexo e da identidade.” (BUTLER, 2008, pg. 141) . Assim, para a autora Foucault teria “traído” sua própria teoria, ao pressupor uma “sexualidade”, que teria “uma heterogeneidade natural”.

Nesse sentido, “Butler ataca toda e qualquer possibilidade de um “‘corpo’ pré-discursivo e pré-histórico” (GRUNVALD, 2009, pg. 85)”. Não nos cabe, agora, percorrer todos desdobramentos destas colocações, contudo evidenciar que é no domínio do corpo que

estamos, seja ele “natural”, “construído”, ou ainda “efeito de práticas e mecanismos de poder”.

Nestes termos, Viana (2008) esclarece:

“Para Foucault, *o dispositivo da sexualidade* e sua correlativa ciência do sexual *foram os meios através dos quais a norma incidiu sobre os corpos*, demarcando uma forma de subjetivação característica desse contexto biopolítico moderno”. (VIANA, 2008, pg.6)

Neste contexto, a promoção da qualidade de vida da população passa essencialmente pela regulação biológica da reprodução. “O poder toma a seu cargo a sexualidade e o corpo sexual,(...) O corpo foi intensificado e valorizado como objeto de saber e como elemento das relações de poder”. (VIANA, 2008, pg. 54)

A autora segue argumentando que o discurso científico do sexo termina por definir *uma norma* do desenvolvimento sexual e, com isso, instaura também o “campo da patologia e da anormalidade”, o campo dos desvios, das perversões e das sexualidades periféricas à norma, sobre as quais a prática médica deveria, ao menos, *manter sob controle*.

Grunvald (2009) por sua vez critica Butler, que segundo ele, tinha como problema político tornar a homossexualidade feminina inteligível culturalmente, e defende que a questão seria pensar uma para além-da-norma, para além da abjeção, não mais tornar as sexualidades desviantes inteligíveis culturalmente, mas “construir” o corpo próprio a partir de noções abjetas (ou seja, necessariamente fora da norma).

Aponta, então, outras categorias possíveis de análise, a partir de etnografias da Melanésia, a saber: as relações de mesmo sexo e de sexo cruzado. Grunvald (2009) cita então Viveiros de Castro (2007)⁵⁰, no intuito de esclarecer estas categorias:

“Minimamente, isso significa abandonar a descrição do ‘átomo de parentesco’ em termos de uma alternativa exclusiva – esta mulher como sendo ou minha mãe ou minha esposa, este homem como sendo ou meu irmão ou meu cunhado – e reformulá-la em termos de uma disjunção inclusiva ou não-restritiva: “seja...seja...”, “e/ou”.(VIVEIROS DE CASTRO APUD GRUNVALD, 2009, pg. 127)

Neste sentido, consideramos que a intenção do autor não é que substituir determinadas categorias – sexo e gênero; masculino, feminino – por outras – relações de mesmo sexo e sexo cruzado – mas apontar que:

“o significado da associação feminino-masculino e doméstico-público não pode ser extrapolado (universalmente) a todos os povos,

carregado, como é, das metáforas implícitas nessa relação dentro do discurso euro-americano”.(GRUNVALD, 2009, pg. 59)

Há outros portos possíveis, como destaca o autor. Talvez até mais interessantes. Assim, as relações de mesmo sexo e sexo cruzado formuladas por Strathern, e explicitadas por Grunvald (2009) oferecem um contraponto às noções axiomáticas de sexo e gênero “que se desenvolveram na teoria feminista a partir de meados do século XX”. (ibidem, 2009, pg. 86)

Para ele, a própria noção de cultura seria ‘nossa’ (da sociedade por ele chamada de euro-americana) invenção:

“A ideia de controle como dominação, a noção da tecnologia modificando recurso como o princípio máximo de construção da distintividade cultural (nossa capacidade de domesticar a natureza) e mesmo nossa concepção da cultura como criando uma ordem sistêmica são construções específicas do discurso euro-americano e não podem, em hipótese alguma, serem atribuídas a outros povos.”(ibidem,2009, pg.24)

Assim, para este autor a ideia de que a mulher está condenada por sua biologia^{xii} seria “uma declaração mítica”. Para ele, a ligação da mulher com a natureza não seria nunca um dado e o gênero e seus atributos não seriam pura biologia, “mas são arbitrários e variam tanto quanto os significados atribuídos à natureza e à cultura” (ibidem, 2009 p.18).

O autor efetua, ainda, uma manobra radical, sutilmente já enunciada, pensar a abjeção, não mais com relação a sexualidades periféricas, fora da norma, ou da inteligibilidade cultural, mas pensar a abjeção como produção, esta operaria em “outro regime de positividade a partir da ideia de Natureza como processo de produção”.(ibidem, 2009, pg. 124). Assim: “Abjeção não é objeção, e sim positividade.” (ibidem, 2009, pg. 125)

Nossa intenção ao trazer este autor para nos ajudar no traçado de nossa rota não foi romper ou desconsiderar as linhas antes já traçadas, mas talvez abrir um pouco nosso campo de visão. Operamos com conceitos (ainda) “euroamericanos” na perspectiva de nosso marujo, ao utilizarmos-nos das noções de sexo, gênero, “homem”, “mulher”, “feminino”, “masculino”, “masculinidade” e “feminilidade”, mas nosso percurso nos indica rumos outros.

^{xii} Enumerada por Freud sobre as mulheres em FREUD *As conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (1924), é muito referida na literatura acerca do gênero e da sexualidade.

Assim, longe de buscarmos definições estanques acerca dos termos acima, ou percebermos os efeitos das “normas de sexo e gênero”, nossa atenção voltou-se também para o aspecto de produção, de criação, de novidade nas práticas e discursos de nossos tripulantes. Um aspecto abjeto, de certa forma, ainda que parcial, ainda que marcado a ferro e fogo pelas normas do dispositivo da sexualidade, é preciso ressaltar: há criação, há abjeção (?) possível.

1.7. Masculinidades – retrospectiva do debate no Brasil: Freyre

Neste item: uma retomada, o debate freyriano acerca da sexualidade no Brasil.

Analisando, a casa grande & a senzala, em obra assim intitulada, Freyre (1975), aponta para as relações existentes entre escravas negras e senhores de engenho, nas “casas grandes”. Neste contexto, um dos fatos apontados pelo autor é a questão da propagação da sífilis no Brasil.

Freyre (1975) afirma que a sífilis sempre fez o que quis no Brasil patriarcal, e defende que a sífilização do Brasil data dos princípios do século XVI. Mas para Freyre (1975) teria sido “no ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, mulecas, mucambas” (FREYRE, 1975, pg. 319) que as doenças venéreas teriam se propagado mais à vontade.

Nesse universo, destacamos a importância dada à iniciação sexual dos rapazes, que muitas vezes ocorria, na casa grande com as escravas. Nesse sentido, Freyre (1975) afirma:

“A precoce voluptuosidade, a fome de mulher que aos treze ou quatorze anos faz de todo o brasileiro um Don-juan não vem do contágio ou do sangue da ‘raça inferior’ mas do sistema econômico e social da nossa formação; e um pouco talvez do clima; do ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente.” (FREYRE, 1975, pg. 320)

Freyre (1975) associa, assim, a precoce voluptuosidade do brasileiro, e aqui ele destaca especialmente os brasileiros do sexo masculino, ao sistema econômico e social da formação do Brasil. Podemos pensar se neste contexto do Brasil patriarcal já estaria presente a ideia de disposição ativa para o sexo ligada à figura masculina, proposta por Heilborn (1998).

Sobre este aspecto, Freyre (1975) sintetiza que no Brasil patriarcal:

“o que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Feemeiro.

Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.” (FREYRE, 1975, pg. 372)

Em *Sobrados e Mucambos*, Freyre (2006) aponta que os tabus de sexo persistiam na sociedade brasileira recém emancipada, afirmando que nossa cultura seria marcada por esse tabu. Sobre isso, afirma que o sexo feminino seria associado ao belo sexo, ao sexo frágil, sexo doméstico, e que o homem seria o “dominador exclusivo dessa sociedade meio morta” (FREYRE, 2006, pg. 245)⁵¹. Assim, vemos a presença histórica na sociedade brasileira da visão do homem como dominador. Freyre ressalta a extrema diferenciação entre os sexos no Brasil recém emancipado e destaca um duplo padrão de moralidade na regência dos corpos:

“À exploração da mulher pelo homem, (...) convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferença exagerada, se justifica o chamado duplo padrão de moralidade, dando ao homem todas as liberdades do gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino.

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativa, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, os escravos.” (FREYRE, 2006, pg. 207/208)

Questionamos que aspectos desse duplo padrão de moralidade citado por Freyre como parte da história de formação do Brasil e da sociedade brasileira ainda permanecem. Reconhecemos as inúmeras mudanças decorrentes dos movimentos feministas e dos movimentos sociais de contestação, que possibilitaram outras vivências e formas de inserção à mulher e dos homossexuais, entretanto, indagamos: será que algo ainda permanece desse duplo padrão de moralidade? Durante, nosso percurso poderemos pensar sobre estas questões a partir das falas e práticas de nossos tripulantes.

Freyre (2006), indaga-se, ainda, se o culto pela mulher presente na etiqueta, na arte erótica, e na literatura, no Brasil recém independente, não teria por trás um culto narcisista do homem patriarcal. Assim, o autor argumenta: “O homem patriarcal se roça pela mulher macia, frágil, fingindo adorá-la, mas na verdade para sentir-se mais o sexo forte, sexo nobre, mais sexo dominador.” (FREYRE, 2006, pg. 218).

Outro aspecto importante destacado por Freyre (2006) refere às diferentes posições sociais, também de status e prestígio, entre o homem e o menino no Brasil patriarcal. Nesse

sentido, o autor argumenta que devido ao prestígio do homem adulto, nas sociedades patriarcais, o menino deixa-se amadurecer morbidamente antes do tempo.

Assim, Freyre (2006) afirma: “No Brasil patriarcal, o menino – enquanto considerado menino – foi sempre criatura conservada a grande distância do homem. A grande distância do elemento humano pode-se acrescentar.” (FREYRE, 2006, pg.178). Esse ponto torna-se fundamental para pensarmos hoje na sociedade brasileira, com a ideia de juventude como valor, como isto se configura? O que significa tornar-se homem hoje para “os jovens” no Brasil? Alçar-se a homem adulto ainda tem esse prestígio? Retornaremos a estas perguntas no decorrer de nossa navegação.

Nosso próximo porto refere-se ainda aos estudos sobre masculinidade ou ao que se convencionou chamar de “*men’s studies*”.

1.8. Masculinidade: historicidade e problematizações

Os estudos sobre os “homens”, o “masculino” ou as “masculinidades” surgiram ao longo da década de 1970, dentro de diferentes tendências do feminismo ou de sua área de influência, conforme argumenta Climaco (2009). Neste mesmo ângulo de navegação, Heilborn e Carrara (1998)⁵², em introdução a um dossiê sobre masculinidade, afirmam que: “os homens - enquanto representantes de um gênero - vem sendo definitivamente transformados em objeto de ciência” (HEILBORN E CARRARA, 1998, 370).

Estes autores argumentam então:

“O significado deste fato deve ser salientado, caso queiramos entrar nessa discussão sem incorrer nos perigos de uma abordagem ingenuamente positivista, para a qual os homens e a masculinidade teriam estado sempre lá, apenas a espera de um analista criativo que os abordasse. Principalmente depois dos trabalhos de Michel Foucault, sabemos muito bem que o modo pelo qual os saberes científicos constroem seus objetos não é operação simples, nem suas consequências sociais são sempre previsíveis. Na maior parte das vezes, porém, a construção de novos objetos científicos supõe e geralmente reforça processos de dominação que atingem certos grupos sociais.(...) Porém, submeter os homens - seu organismo, seu comportamento ou os valores socialmente atribuídos ao gênero masculino - ao crivo da especulação científica parece ter sido tarefa bem mais complicada”(HEILBORN e CARRARA, 1998, pg. 370/371).

Nesta direção, os autores apontam, então, a correlação entre a emergência do gênero masculino como objeto de reflexão das ciências humanas e a perda dos “privilégios sociais” que teriam sido concedidos aos homens. Assim, o aparecimento dos homens como objeto de

estudo se inscreveria, segundo estes autores, num cenário, do início da década de 90, em que se realizam grandes conferências internacionais sobre os direitos das mulheres, que enfatizaram a necessidade de incorporação dos “homens como alvos de políticas de implementação de uma maior equidade entre os sexos” (HEILBORN e CARRARA, 1998, pg. 372).

Assim, percebeu-se para atingir a “equidade entre os sexos” não bastava apenas a luta feminista e modificações no que tange ao comportamento das mulheres: *era preciso mudar os homens*. Neste sentido, a ideia de masculinidade como construção cultural (e com isso possível de ser desconstruída e modificada) passa a ser estudada, pesquisada, divulgada.

Neste sentido, Connell vai ser um dos autores mais citados nos ditos *men's studies*, uma vez que ressalta o caráter histórico e cultural da masculinidade: "Antropólogos e historiadores têm demonstrado que não há *um* padrão de masculinidade que seja encontrado em toda parte. Diferentes culturas e diferentes períodos da história, constroem a masculinidade de forma diferente." (CONNELL, 2000, pg. 2)⁵³ ^{xiii}.

As masculinidades seriam, assim, diferentes de acordo com o contexto sócio histórico cultural, conforme pontua Connell (2000): “Assim, nas sociedades de larga escala, multiculturais, existem múltiplas definições de masculinidade.” (CONNELL, 2000, pg. 2) ^{xiv}.

Gomes (2008) aproxima-se de Connell ao afirmar que feminino e masculino assumiriam diferentes feições de acordo com as múltiplas culturas, e por isso, podem ser entendidos como construções culturais. Gomes (2008) retoma ainda Oliveira (2004), no intuito de buscar a origem do termo masculinidade, e, assim, afirma que a palavra ‘masculinidade’ teria surgido no século XVIII, para explicitar critérios de diferenciação entre os sexos. Contudo, segundo Gomes (2008) “o autor (Oliveira, 2004) chama a atenção para a insuficiência dessa expressão.” (GOMES, 2008, pg. 68)

Pasini (2009)⁵⁴, ao realizar uma etnografia sobre homens frequentadores da Vila Mimosas^{xv}, conceitua masculinidade como uma “prática construída por experiência corporais e culturais em determinado contexto” (PASINI, 2009, pg. 238). Dessa forma, a

^{xiii} Tradução nossa. Texto original: “*Historians e anthropologists have shown there is no one pattern of masculinity that is found everywhere. Different cultures, and different periods of history, construct masculinity differently.*”

^{xiv} Tradução nossa. Texto original: “*In follows that is large-scale multicultural societies there are likely to be multiple definitions of masculinity.*”

^{xv} Famosa zona de prostituição no Rio de Janeiro.

masculinidade estaria ligada a valores, modos, gestos, ‘experiências’ e expressões corporais que designam o que em nossas culturas tem sido identificado como homem.

Entretanto, Gomes (2008) destaca Fernandez (2001) que reconhece que essa categoria (masculinidade) circula de maneira mais livre, ao reconhecer que tanto o homem como a mulher podem ter características masculinas como femininas. Nesse sentido, Neri (2005) retoma Walter Benjamin, que em carta a Hebert Belmore, em 1913, diz preferir falar de masculino e feminino na medida em que ambos estariam misturados em cada ser humano, homem e mulher.

Por sua vez, Gomes (2008) analisa as relações entre sexualidade masculina, gênero e saúde e abandona a aproximação técnico-científica dos homens como indivíduos do sexo masculino, para abordá-los como “sujeitos em exercício de masculinidades”. Exercícios esses que delimitam o domínio de uso e significação de seus corpos.

Para Connell (1995)⁵⁵, o conceito de masculinidade prescinde, ao menos em princípio, de uma polarização entre masculino e feminino. Este autor vai também se utilizar do conceito de hegemonia de Gramsci, para classificar as masculinidades em dois tipos: masculinidades hegemônicas e múltiplas (ou outras) masculinidades:

“O conceito de hegemonia, a partir da análise de Antonio Gramsci das relações de classe, refere-se à dinâmica cultural, através da qual um grupo demanda e detém uma posição de destaque na vida social. Em dado momento, culturalmente uma forma de masculinidade é exaltada em detrimento de outras”. (CONNELL, 1995, pg. 43)^{xvi}

Assim, a forma de masculinidade que é culturalmente dominante em determinado contexto sócio histórico seria chamada de “masculinidade hegemônica”. Conforme afirma Gomes (2008), “As identidades de homem e mulher se afirmam na medida em que ocorrem aproximações e afastamentos em relação ao padrão que concentra maior poder na cultura.” (GOMES, 2008, pg. 65).

Entretanto, é importante destacar, conforme afirma Connell (2000) "hegemonia" significa uma posição cultural de maior destaque, mas não de total dominância, assim haveriam outras formas de masculinidade, e não apenas a considerada hegemônica. Para

^{xvi} Tradução nossa. Texto original: “*El concepto de hegemonía, derivado del análisis de Antonio Gramsci de las relaciones de clases, se refiere a la dinámica cultural por la cual un grupo exige y sostiene una posición de liderazgo en la vida social. En cualquier tiempo dado, se exalta culturalmente una forma de masculinidad en lugar de otras.*”

Connell (2000), contudo, a masculinidade hegemônica, seria explicitamente destacada e por isso, mais visível.

Por sua vez, Miskolci (2006) afirma que “o corpo do homem e sua subjetividade são construídos para o domínio de si e do outro, para a constituição de uma relação de oposição com o mundo, com as pessoas e até mesmo com amigas/os, parceiros/as, amorosos/as”. Para Gomes (2008), esta afirmação de Miskolci (2006) demonstra que as tecnologias corporais são, portanto, tecnologias de gênero, e conformam as pessoas a formas sociais compreendidas como masculinas e femininas.

Nossa rota prevê assim uma passagem pelo conceito de masculinidade, e mesmo pelo de masculinidade hegemônica. Contudo, concordamos com a crítica empreendida por Climaco (2009) com relação à argumentação de Connell, de que a relevância dada à hegemonia poderia nos tornar míopes para perceber certos ventos e brisas que sopram em outras direções. Assim, utilizamos estes conceitos, ao longo da viagem, a medida que nos ajudaram a prosseguir viagem, sem deixar de prestar atenção à nossas velas e a percepção da direção dos ventos indicada por nossos tripulantes.

Dessa forma, ressaltamos que não pretendemos chegar (e não chegamos) a uma “verdade” transhistórica acerca da condição do homem e do masculino, mas perceber em que mares navegam nossos tripulantes, que valores, práticas e expressões corporais estão ligados à masculinidade hoje para eles, e como estes se relacionam com a saúde. Nesta direção, ainda que tenhamos como ponto de referência o conceito de masculinidade, e mais, a noção masculinidade hegemônica proposta por Connell (1995, 2000); nosso ângulo de visão, inclui perceber também o que escapa às práticas, normas e modelos de masculinidade tidos como já consagrados na cultura.

Assim, é importante pontuar que as normas ligadas às masculinidades não são de todo incorporadas pelos “sujeitos”. Nesse sentido, Butler (2000), ao entender tanto o sexo como o gênero como discursivos e culturais, afirma: “o sexo dos sujeitos é regulado e materializado por normas construídas pelas sociedades e, por mais que tais normas sejam reiteradamente afirmadas, *os corpos nunca se conformam totalmente a elas.*” (BUTLER APUD GOMES, 2008, pg. 63)

Contudo, consideramos que as construções em torno do corpo e da masculinidade têm como ponto de partida algum nível de concretude e materialidade (será mesmo?). Nesse sentido, Butler se utiliza do conceito de performatividade, conforme esclarece Louro (2001):

“Judith Butler toma emprestado da linguística o conceito de performatividade, para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, ‘faz’ aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. Esse é um processo constrangido e limitado desde seu início, pois o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa.”(LOURO, 2001, pg. 549)

Assim, esta nomeação, no instante mesmo do nascimento ao se afirmar ‘é menino’ ou ‘é menina’, já produziria performances diferentes. Contudo, haveriam normas e valores culturais relacionados ao ser homem (e também ao ser mulher) que seriam apropriadas, incorporadas ou reinventadas pelos sujeitos.

Nesse sentido, Butler (2008) afirma a partir de Beauvoir que mulher seria um termo em processo, um devir, um construir que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Indagamos, apesar de reconhecermos como ainda presente no contexto social brasileiro um contexto de “dominação masculina”, assim enumerada por Bourdieu (1999), se, atualmente, também homem não seria um termo em processo, um devir, um construir e desconstruir constante, negociado e renegociado no espaço social?

Por fim, cabe pontuar as acusações e críticas que algumas autoras dedicam ao *men’s studies*, como Sedgwick e Halberstam. Para estas:

“Muito do que por este campo é reivindicado: maior abertura ao feminino, aos sentimentos, aos laços afetivos entre homens, foi exercido por cidadãos atenienses, homens que além de cultivar estas e outras sensibilidades, eram escravocratas e mantinham suas mulheres encerradas no espaço doméstico”(CLIMACO, 2009, pg. 73/74).

Assim, dentro da perspectiva da luta pela “equidade de gênero”, o que estaria em questão não seriam apenas novos exercícios e formas outras dos homens se forjarem enquanto homens, mas também e essencialmente uma “igualdade de direitos e posições” entre os “sexos”, que não impliquem a opressão de um pelo outro.

Por fim, há ainda dois portos previstos em nossa rota. O primeiro trata dos novos possíveis, e assim, noções outras que podem nos ajudar a pensar e refletir sobre nossa viagem acerca da juventude e da masculinidade. O segundo e último porto (ao menos por enquanto) refere às imbricações entre estes dois conceitos e às práticas relativas aos cuidados com a saúde. Eis assim nossos (temporariamente) últimos portos.

1.9. Feminilidade e abjeção: uma miragem?

Nosso vislumbre deste porto começa pelo seu contrário. Assim, retomamos, primeiramente: DaMatta. Este autor em texto de 1997 ilustra uma brincadeira de sua juventude, que consistia em apalpar o traseiro do amigo, perguntando em tom jocoso “*Tem pente aí?*”. Procurar um pente, sem pedir, no traseiro do amigo equivalia a um ataque inesperado ao traseiro, considerado por DaMatta (1997)⁵⁶ como uma zona sagrada do corpo masculino.

Segundo DaMatta, o mais interessante na brincadeira era a reação da ‘vítima’, se ela reagia com violência era acusado de possuir uma “sobre-sensibilidade” na bunda, sinal de que tinha tendência ao homossexualismo passivo, que segundo DaMatta se constituía como um dos maiores inimigos do suposto modelo de masculinidade dele e de seus amigos, sendo o outro, a impotência.

Esta brincadeira descrita por DaMatta nos permite vislumbrar o que esta em cena neste modelo de masculinidade: ser macho (e não ser um homossexual passivo – com isso ser penetrador); e ser potente (com potência sexual). Assim, a partir de Birman (2001) podemos dizer que o que estaria em jogo neste modelo seria uma concepção (fálica) da diferença sexual, em que a figura do masculino estaria sempre na origem e seria, além disso, o signo da perfeição, da potência, como em toda a tradição do patriarcado.

Neste sentido, o que é excluído do masculino, por estes mecanismos, estaria ligado a uma certa fragilidade ou vulnerabilidade, historicamente associados a supostos signos do feminino (muitas vezes ligados também à homossexualidade). Climaco (2009) se aproxima de nossa análise, ao discorrer sobre a obra de Sedwick (1985)⁵⁷ no caso quando a autora analisa a obra a neogótica *The mystery of Edwin Drood* (1871), de Charles Dickens:

“Uma vez mais, nos encontramos com um homem em situação de extrema fragilidade. Provavelmente outros personagens destas obras compartilham desejos homoeróticos tão fortes como os de Robert ou Jasper, mas a posição fragilizada destes é o que faz que estes desejos se tornem intoleráveis. Robert é fragilizado por carecer de habilidades esportivas que poderiam outorgar-lhe o reconhecimento homosocial que detém seu irmão. (CLIMACO, 2009, pg.71)

Birman (2001) enuncia que o discurso freudiano teria sido marcado por duas concepções no que se refere à diferença sexual. Uma primeira originária desta tradição do patriarcado, em que o masculino teria prevalência sobre o feminino; e uma segunda

concepção, presente, especialmente, no final da obra de Freud, em que a feminilidade estaria na origem, invertendo, pois, a tradição do patriarcado.

O autor esclarece: “Nesse contexto, as figuras do masculino e do feminino seriam defesas articuladas em torno do falo contra a feminilidade originária, de maneira que a feminilidade estaria no fundamento do erotismo e seria a forma básica de subjetivação.” (BIRMAN, 2006, pg. 175)⁵⁸.

Não nos cabe aqui esclarecer todos os meandros dessa concepção de feminilidade originária, apenas, talvez, pontuar que novos rumos e direções ela nos permite perceber. Freud (2006 [1932])⁵⁹, nas *Novas conferências sobre psicanálise*, trabalha sobre o tema da feminilidade, e questiona seus próprios pressupostos anteriores, de ligar o masculino a atividade e o feminino à passividade.

Freud (2006 [1937])⁶⁰ argumenta que homens e mulheres teriam horror a esta feminilidade originária^{xvii}. É importante pontuar que Freud postula a feminilidade originária no momento final de sua obra, onde realiza uma outra leitura do humano e da constituição psíquica e subjetiva, pautando-se num fundamento mortalista (BIRMAN, 1999b).

Sobre este aspecto Viana (2008) afirma:

“A vida não se afirma por si só como (Freud) havia pensado. A existência da pulsão de morte indica que o movimento básico do organismo é para a morte (FREUD, 1920/1996). Nesse sentido, Freud se inscreve numa tradição iniciada por Bichat, cujo postulado é de que a “vida é o conjunto de forças que lutam contra a morte” (BICHAT apud BIRMAN, 1999b, p.158). A vida, então, é o resultado de um esforço contínuo para dominar essa tendência originária à morte. Segundo Birman (1999b, p.158), nessa perspectiva, a vida seria uma construção contínua e um vir-a-ser permanente, não sendo uma tendência originária do organismo humano”. (VIANA, 2008, pg. 117)

Retomamos, então a feminilidade originária, com Birman (2006):

“Se a *feminilidade repudiada* se transformou ostensivamente em objeto de horror para as figuras do homem e da mulher, isso se deve à sua *condição imperfeita e obscura*, aviltada que sempre foi pela tradição Ocidental, em nome da perfeição fálica. Esse repúdio não é de ordem biológica nem apenas psíquico, mas se funda numa longa tradição simbólica, que tomou literalmente corpo na história política e social do patriarcado”(BIRMAN, 2006, pg.177).

^{xvii} Não nos deteremos no aprofundamento dessa questão. Remetemos assim: FREUD, S. (1996) Edição Standard Brasileira das Obras Completas, Rio de Janeiro, Imago. _____ (1925) “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, v. XIX; _____ (1931) “Sexualidade feminina”, v. XXI; _____ (1933[1932]) Conferência XXXIII: “Feminilidade”, v. XXII.

Destacamos os termos na citação acima no intuito de pontuar que essa “feminilidade repudiada” estaria ligada a imperfeição, à obscuridade em contraposição a suposição de uma perfeição (fálica), historicamente ligada ao masculino e ao patriarcado, mas não exclusivamente aos homens.

Para Birman (2001), “o falo representa a figura da perfeição”. Assim, “a perfeição seria então algo da ordem do ser pleno e completo – que se contraporía, pois, à condição de falta – que se conseguiria sempre pela mediação do falo” (BIRMAN, 2001,pg. 208).

O autor afirma ainda que na primeira concepção freudiana da diferença sexual, a masculinidade que seria originária, e teria uma “espécie de superioridade ontológica em relação à feminilidade” (BIRMAN, 2001, pg. 214), vigoraria aqui uma concepção hierárquica entre os sexos, como na Antiguidade, dentro do paradigma, já enunciado, do *one sex model*.

Contudo, conforme aponta este autor há um deslocamento no discurso freudiano ao final de sua obra ao conceber a feminilidade como originária. É importante pontuar aqui, que esta feminilidade originária e repudiada não estaria ligada ou restrita às mulheres, nem aos homens, “a feminilidade foi concebida como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual” (BIRMAN, 2001, pg. 2001).

Assim, a empreender uma virada de 180° graus, Freud contesta a tradição Ocidental, em que a perfeição seria concebida como marca inconfundível do humano. A feminilidade como origem implica conceber o contrário, a imperfeição como origem, em que a finitude e a morte estariam em cena, como possibilidades (de naufrágio, de tempestade, de erros da tripulação, do inesperado, da violência dos ventos e das ondas).

Birman (2006) termina seu texto afirmando que seria preciso superar a aura conferida ao falo (a potência e a perfeição) como signo da tradição patriarcal, para que possamos adentrar numa nova configuração pós-patriarcal no campo da relação entre os sexos. Assim, para ele esta possibilidade se daria a partir de reconciliação com a condição originária da feminilidade, rompendo, assim, com a hierarquia entre os sexos e seus mecanismos de dominação.

Arán (2010)⁶¹ aponta que Irigaray também defende este ponto de vista, pois para esta seria necessário desconstruir a lógica falocêntrica para que surja outra economia subjetiva. Desta forma, a feminilidade poderá se constituir como uma potência crítica a essa lógica hegemônica. Caberia assim a criação de outro estatuto para o humano, em relação a suas próprias fragilidades, e também, com isso, em relação ao outro.

Para Birman (2002)⁶², há uma experiência de masculinização que diz respeito muito menos ao que se pode fazer considerando as demandas de se ter um corpo de mulher, e muito mais ao ato de se congelar num papel masculino ou feminino. A feminilidade como origem nos apontaria rumos outros, nos colocaria de frente a nosso próprio desamparo humano, de que estes papéis masculinos ou femininos seriam apenas defesas (provisórias).

Durante nossa viagem, alguns de nossos “nativos” também apontaram rumos no sentido de uma masculinização, de um “congelamento”, inclusive no que tange às mulheres, como veremos durante nosso percurso. Cabe destacar, por fim, que tomamos de empréstimo a ideia de Grunvald (2009) de abjeção enquanto produção, para além do possível, como referência para nossa viagem, contudo, como referência *nossa*, ela pressupõe considerar também a feminilidade originária, brevemente esboçada aqui.

1.10. Imbricações possíveis masculinidades e saúde

Este item trata das ligações do masculino, dos homens ou ainda da “masculinidade” com a saúde. Cabe destacar, contudo, a *Política Nacional de Atenção à Saúde do Homem* (2008)⁶³, lançada pelo Ministério da Saúde, e conhecida por alguns de nossos tripulantes. Esta política leva em conta alguns dos pressupostos esboçados por alguns marujos com os quais travamos contato.

Assim, Gomes (2008) aponta que o reduzido envolvimento dos homens com os cuidados em saúde, pode estar relacionado às influências dos modelos de masculinidade. Neste sentido, destaca que estudos têm apontado o modelo tido como hegemônico de constituição do masculino tem trazido consequências para a saúde e a vida dos homens.

Outro ponto ressaltado por alguns marujos e pela referida política é a exposição dos homens a agravos acidentais e intencionais fatais e não-fatais, em que o corpo masculino aparece como aquele que busca ou se expõe a riscos e pelo qual se desenvolve a violência e o enfrentamento como forma de obter respeito. Por conseguinte, muitas vezes os homens morriam primeiro que as mulheres e as causas de suas mortes refletiriam uma exposição deliberada de enfrentar riscos e perigos (SOUZA, 2005).

Souza (2005) ressalta ainda que há uma diferenciação da mortalidade por causas externas entre os sexos e que ao longo de toda a vida ocorre maior mortalidade masculina, mas essa sobremortalidade se intensifica na fase da adolescência e início da idade adulta.

Assim, questionamos se há mesmo alguma relação entre determinadas formas de exercer a masculinidade e a exposição ao risco e à morte.

Nesse sentido, Gomes (2008) ressalta que “No imaginário social é comum associar masculinidade a risco.” (Gomes, 2008, pg. 53). O autor afirma também que os homicídios e acidentes de transportes são considerados como as principais causas externas de mortes masculinas. Gomes (2008), a partir de Souza (2005 A) observa que tais causas podem se articular com dois grandes símbolos masculinos: as armas e os carros.

Assim, para Gomes (2008):

“Nas sociedades em que se atribui poder, sucesso e força ao ser masculino, os homens podem se distanciar das características consideradas do ser feminino, tais como sensibilidade, o cuidado, a dependência e a fragilidade. Essas diferenças culturalmente atribuídas podem fazer com que os homens se predisponham a doenças, lesões e mortes”(GOMES, 2008, pg. 45)

Outro dado importante é que diversos estudos , desenvolvidos nos anos 1980 e 1990, indicam a contracepção como questão relegada às mulheres. Entretanto, Machado (2009) ao realizar pesquisa sobre o assunto em um bairro de Porto Alegre, chega a conclusões diferentes: para ela os homens estão sim preocupados com o tema. Assim, indagamos se ideia de contracepção como ligada à esfera exclusiva das mulheres ainda se sustenta, e como os jovens diferentes estilos de masculinidade pode influenciar este aspecto do cuidado à saúde. Durante nossa viagem, muitos de nossos (homens) tripulantes acenaram com a preocupação com relação a contracepção, conforme discutiremos a frente.

Por fim, questionamos o que se pretende ao afirmar que “o cuidado de si e dos outros e a preocupação com a saúde não são tidos como atribuições masculinas.” (Gomes, 2008, pg. 53)? O que está em jogo é medicalizar ou normalizar os homens, como propõem Carrara, Russo e Faro (2009)⁶⁴? É brigar pela “equidade de gênero”? É uma inversão de regras, em que as mulheres (masculinizadas) dizem como os homens devem ser, agir e se comportar? Ou é inventar e tecer novas experiências e práticas (abjetas) que se pautem por pressupostos outros (como a fragilidade, a alteridade (FRAISSE APUD ARÁN, 2006a, pg. 40) e a feminilidade originária)?

Capítulo 2: A viagem (ou Janela Indiscreta) – parte I.

2.1. Antes do início

Elaborar uma proposta de pesquisa, desenvolver e defender suas ideias, procurar desenhar um caminho, uma rota, um mapa do que se pretende pesquisar não constitui tarefa fácil. São muitas as possibilidades, as encruzilhadas, os descaminhos, os desencontros. Por que fazer pesquisa? O que leva a alguém a enveredar por essa estrada? Por que ir a campo, com tantos livros, teses, dissertações, dados secundários sendo produzidos o tempo todo (ainda mais no cenário atual de índices de produtividade)? Pretende-se encontrar uma verdade escondida, oculta, que ninguém viu ainda? Pretende-se revelar alguma coisa de fantástico sobre o mundo, que vai revolucionar a história? Pretende-se buscar conhecimento? Sobre o que? Com qual a intenção? Qual tipo de conhecimento seria esse?

Talvez não se busque nada disso, ou não se encontre nada disso. Reencontramo-nos. Sempre. Nas nossas dificuldades. Nas nossas facilidades. Nas formas de nos relacionarmos uns com os outros. Nas nossas dores, êxtases e arrebatamentos. Isso tem algum valor? Significado assim profundo? É conhecimento? Assim com “C” maiúsculo? CONHECIMENTO vale mais que conhecimento? Quem diz que vale mais?

Em meio a essas indagações, inicio minha pesquisa. Não tenho grandes pretensões. Não quero encontrar minha meia verdade, ainda que torta, como no belo poema de Drummond. Quero pensar e colocar minhas ideias em conversação. Onde será que elas poderão me levar? Elas têm algum sentido? Permitem vislumbrar novidades, retornos, impasses? Ou são apenas delírios intelectuais? Sendo delírios, valem ainda? Dizem algo de nós? Do nosso tempo? Do nosso espaço? Das formas como nos fazemos corpo?

Assim, tinha algumas dores, poucas ideias e alguma intuição. Minhas dores me levaram a pensar a juventude hoje, suas possibilidades, seus caminhos, suas fantasias, suas violências, suas mortes. Num cenário dominado pelos aparelhos, para tomar aqui um conceito flusseriano, pelas imagens técnicas^{xviii}, há criação possível para os jovens? Se sim, como ela se apresenta? O que criam? Com que intenções?

^{xviii} Vilém Flusser e suas elaborações acerca dos aparelhos, das novas medias, e das imagens técnicas não serão objeto de reflexão aqui. Pontuam contudo, de maneira lateral, algumas de nossas questões. Assim, remetemos o leitor: Flusser, Vilém (2002). *Filosofia da Caixa Preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; (IBIDEM) O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008; e KRAUSE, Gustavo Bernardo & FINGER, Anke & GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

Nessa imensidão, optei por um recorte. Por uma questão de tempo^{xix}. Do aparelho instituição pós-graduação, mais especificamente, ENSP/Fiocruz. Este recorte pretende ser um filme, uma foto, um pedaço de história das invenções criadas pelos jovens. O filme é sobre homens^{xx}. Como os jovens hoje, pós revolução feminista e movimento de homossexuais, se relacionam com a sexualidade? Como percebem o masculino, o feminino? Como concebem um homem ou uma mulher? Fazem-no diferente de alguns anos atrás? E as meninas, como veem os homens? “Como um “n” sexo de um se relaciona com um “n”sexo do outro (para brincar de ser um pouco deuleziana)^{xxi}?

Escolhido o tema do filme, alguns esboços foram sendo feitos. Escrevi os scripts das cenas. Indaguei a outros o que achavam do script. Fiz modificações. Leituras. Escolhas. Até que cheguei a um com que estava razoavelmente satisfeita. Escolhi o local das filmagens, onde alguns fragmentos poderiam ser colhidos para me ajudar a escrever um pedaço de história. Pedi a devida autorização aos eticamente responsáveis. Aguardei. Chegou a autorização. Poderia iniciar a pesquisa.

Estava cheia de vontade, de gás, de energia, querendo começar, ouvir, escutar, colher ideias, até que me dei conta de que não sabia operar a câmera. *E agora, José?* Que aparelho complicado esse de fazer pesquisa! Tem manual?

Entrei em crise. Achei que não ia funcionar. Esse tipo de câmera pega tudo desfocado, pensei. Vai ficar tudo borrado. Sujo. Sem cor. Sem poesia. Sem vida. Vai ficar sem vida! Assim, não aguento! Não quero. Não vale a pena. Quase desisti...

Então me disseram para não me preocupar tanto. Talvez seja possível tentar ajeitar o foco. E colocar umas cores no final. Poesia até, talvez, quem sabe. A máquina tem limites, mas dá pra brincar com ela. Tentar descobrir uma lente interessante, talvez...

Fiquei mais satisfeita, mas meio cabreira e caeiramente:

"Vi que não há natureza,
que natureza não existe
que há montes, vales e planícies
que há árvores, flores e ervas,

^{xix} O Mestrado Acadêmico atualmente no Brasil, e na ENSP/Fiocruz, tem duração máxima de 2 anos.

^{xx} A referência aos filmes funciona num duplo sentido, como uma figura de linguagem e também como uma alusão à fase da pesquisa em usamos cenas de filmes para discussão do tema. Esta fase será descrito no decorrer da dissertação.

^{xxi} Também não nos aprofundaremos nas concepções deleuzianas acerca dos “n” sexos, uma vez que fomos apenas introduzidos nesta problemática, durante esta viagem, remetemos contudo o(a)s leitor(a)s para: DELEUZE, G. Proust e os signos. 8. ed. atualizada. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987; e DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1972; e (IBIDEM) Mil Platôs. Rio de Janeiro: Editora 34, 1934.

que há rios e pedras
mas que não há um todo a que isso pertença
que o conjunto real e verdadeiro
é uma doença das nossas idéias.
a natureza é partes sem todo
isso é talvez o tal mistério de que falo."
(PESSOA (Caeiro), 2001, pg.14)⁶⁵

2.2. Parêntesis metodológico

Faremos agora um breve parêntesis metodológico no intuito de explicitar alguns aspectos de nosso percurso, no próximo item retomaremos a “narrativa” de nossa pesquisa.

O primeiro ponto a ser explicitado é o nosso campo de pesquisa. Neste sentido, realizamos parte de nossa viagem em uma escola um tanto peculiar: a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), para os íntimos: o *Poli*. Esta escola é uma unidade da Fiocruz, dessa forma, se dedica a atividades tanto de ensino, como de pesquisa. O que se traduz em demandas diferenciadas para os alunos, como por exemplo, a ampla participação dos alunos de ensino médio em programas de pesquisa em iniciação científica, e a obrigatoriedade de realização de uma monografia como conclusão da *formação integrada* no ensino médio.

O segundo ponto é a *formação integrada*, ou seja, a escola é uma Escola *Politécnica em Saúde*. Os alunos do ensino médio além de terem a formação curricular referente à formação escolar corrente atualmente no Brasil obtêm também uma formação técnica em saúde.

A escola possui ainda outros cursos de formação em saúde, não apenas o *ensino médio integrado*. Assim, existem cursos de formação de agentes comunitários e de outros profissionais de saúde de nível médio, por exemplo. Além disso, possui cursos de pós-graduação, tanto mestrado, como especialização.

No site da EPSJV estão definidos seus objetivos:

“A EPSJV tem como principais objetivos: coordenar e implementar programas de ensino em áreas estratégicas para a Saúde Pública e para Ciência e Tecnologia em Saúde; elaborar propostas para subsidiar a definição de políticas para a educação profissional em saúde e para a iniciação científica em saúde; formular propostas de currículos, cursos, metodologias e materiais educacionais; e produzir e divulgar conhecimento nas áreas de Trabalho, Educação e Saúde”.

Assim, nosso campo de pesquisa se caracteriza por todas estas particulares e outras, que serão aprofundadas ao longo da dissertação. Aqui é importante pontuar que esta pesquisa

se caracteriza como uma etnografia, ainda que com problematizações e questionamentos em relação a este aspecto que serão discutidos posteriormente.

Sendo assim, adotamos uma perspectiva etnográfica, que se fez presente desde o início, em nossa primeira observação em campo no fórum de alunos intitulado “*Arte e movimento e movimento e arte*”; como também nas fases subseqüentes da pesquisa: os pré-testes realizados com os alunos do *Poli*; as entrevistas individuais realizadas com os alunos; e as discussões de cenas de filmes pré selecionadas em dois pequenos grupos. Em todas estas fases, ficamos atentos não apenas ao texto, ou a resposta verbal de nossos “nativos”, como também aos gestos; à vestimenta; à maneira como interagiam uns com os outros; entre outros.

A opção por este campo de pesquisa se deu em função da facilidade de acesso da pesquisadora à jovens com idades entre 15 e 24 anos, que era o critério inicial para a participação na pesquisa. Após esta definição, foram elaborados os seguintes critérios para a participação na pesquisa: ser aluno da EPSJV; ter entre 15 e 24 anos; ter vontade de participar da pesquisa; consentir em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido; e em caso de ser menor de 18 anos, pedir para os pais assinarem o termo de autorização para participação na pesquisa.

Quanto à caracterização dos sujeitos, foram entrevistados no total 30 jovens, alunos do *Poli*, com idades entre 15 e 21 anos, sendo 13 homens e 17 mulheres. Do total, 20 (vinte) alunos eram do 3º ano do ensino médio; 6 (seis) do 2º ano do ensino médio e 4 (quatro) do primeiro ano do ensino médio. Com relação às faixas etárias, 2 (dois) alunos tinham 15 (quinze) anos; 10 (dez) alunos tinham 16 (dezesesseis) anos; 8 (oito) 17 (dezessete) anos; 8 (oito) 18 (dezoito) anos; um aluno tinha 19 (dezenove) anos; e um 21 (vinte e um) anos.

Retornaremos, agora, à “narrativa” de nossa pesquisa, ressaltando que todos os aspectos descritos neste parêntesis, serão melhor aprofundados ao longo da dissertação.

2.3. Estranhamento

Nesse meu engodo, resolvi então começar. Ir de encontro a novos encontros. Novas falas. Novas vozes. Novos gestos.

Cheguei no movimento. *Arte em movimento e movimento em arte*. Era o nome. Falavam de mil coisas. De funk, de rap, de cartoon, de política. Muito politizados esses jovens, pensei. Queriam combater várias coisas. Tinha até alguns que falavam de movimento estudantil.

Li os títulos das atividades programadas: *A arte como instrumento de reivindicação da pobreza; enquete sobre o movimento estudantil; a arte do combate à criminalização da pobreza, oficina de rap, roda de funk, oficina de poesia...* “Nossa, o que esses caras tão querendo?” Achei tão movimentado que parei pra assistir.

Retorno algum tempo depois. É a comemoração dos 25 anos da instituição. Esta instituição é também um colégio de ensino médio e técnico em saúde coletiva. Também é um momento institucional. Comemorativo. Alguns alunos participam da mesa de abertura, estão empolgados, nervosos, felizes.

Achei os outros. Querem falar para os professores, para os alunos, para os diretores. Falam de política. De Marx. Das passeatas. Do diferencial do colégio que estudam. Da falta de engajamento político dos jovens. Falam do grêmio. Do que o grêmio fez e do que não fez. Desculpam-se. Querem outra realidade. Outros mundos. São a-partidários – dizem.

Os que assistem: alguns aplaudem, alguns estranham, alguns dormem, outros acham “nada a ver”. Mas continuam empolgados. Vibrantes. “Na defesa de uma outra sociedade”. “Na luta”. Querem se engajar, se articular, se juntar com os trabalhadores. Achei-os fortes. Enérgicos. As ideias talvez não sejam novas. Podem ser até meio deslocadas, mas não importava. Era como falavam naquele momento. E como falavam.

Não tive como evitar uma certa sensação de estranhamento. De que eu não fazia parte. De que quem estava fora do lugar era eu. E estava mesmo. Será que ser pesquisador é isso? Colocar-se fora do lugar? Podemos ver diferente de outros lugares? Sentir diferente?

Tentativas de abordagem

Precisava chegar mais perto. Para poder filmar. De longe, ficava um pouco desfocado. Achei que não tinha a ver. Precisava me aproximar. Mas como? O que falar? O que dizer? Continuava me sentindo estranha. *E agora, José?*

Arrisquei. Cheguei perto de um grupo de meninas que conversavam meio alheias ao evento. Apresentei-me. Falei da ideia da pesquisa. Perguntei se elas queriam participar. Olharam-me estranho. Disseram que não. Nossa, que banho de água fria! Saí de fininho me sentindo meio mal.

Poxa, agora depois de todo o *script*, desse trabalho todo, será que ninguém vai querer subir no palco? Será que ninguém vai querer participar? Será que foi tudo em vão? Será que era melhor fazer só uma pesquisa teórica, dessas que falam de vários autores, tem muita gente

interessante, com livros e trabalhos interessantes, será que é melhor, abandonar tudo e fazer assim? Será que ainda dá pra mudar? Ou então vamos ser radicais de vez e mudar de área, de vida, de forma? Será melhor escrever então um livro? Um romance? Uma poesia... Um conto, quem sabe?

Sentei num canto nesse turbilhão. Fiquei meio viajando sozinha. Os alunos da mesa de abertura ainda lá. Animados, debatendo. Olho para eles do telão. Mas não os vejo. Começo então a olhar para os outros lados. Os que estão nas outras mesas. Supostamente assistindo também ao telão.

Vejo que alguns conversam, alguns dormem, alguns prestam atenção. Resolvo me aproximar de um novo grupo, que não estava entretido com o telão. Apresento-me, explico da pesquisa, pergunto se estão interessados. Riem, meio na dúvida... Topam. Um empurra o outro pra participar. Faço então as primeiras entrevistas.

Nem tão diferentes assim...

De tarde, após o almoço, sento no pátio, e vejo os alunos com guitarras, bateria, microfones. Tocavam rocks “antigos”, tipo Led Zeppelin, Metallica. Também gostava dessas músicas quando tinha a idade deles, pensei. Ainda gosto, mas talvez agora façam menos sentido para mim, de alguma forma.

Começo a observá-los. A curtir a música. É um clima bem adolescente, colegial. Sempre em grupos, conversam, falam alto, se abraçam, se beijam. Umas meninas também ensaiam suas músicas, rock nacional. Viajo um pouco na memória, num flash, relembro minhas tardes no colégio, também depois do almoço, quando esperávamos pela próxima aula e acontecia tudo-junto-agora-ao-mesmo-tempo, aula, amizade, futuro, beijos, abraços, matemática, música, vestibular, conversa, festa, as fofocas da festa, física, biologia, português, brigas, desentendimentos, reconciliação, química, violão, viagem, praia, namoro, “pegação”, geografia, história, trabalho de grupo. Era o mundo inteiro e não era o mundo inteiro. Era leve, às vezes não era. Era isso.

Volto a observá-los. Reconheço-me um pouco, de alguma forma me senti um pouco próxima, ainda que distante. Nesse sentido, relembro DaMatta: “a antropologia é um dos mecanismos mais importantes para deslocar a nossa subjetividade.” e “O homem não se enxerga sozinho. Precisa do outro como seu espelho e seu guia. (DAMATTA, 1978, pg. 35)⁶⁶.

Recomeça o seminário. Os alunos têm de guardar os instrumentos. O telão começa a funcionar. Assisto a um pouco do seminário. Depois de encorajada pela minha aproximação subjetiva, me aproximo de um grupo de alunos, com quem já havia falado sobre a pesquisa. Combino nova entrevista para o dia seguinte.

2.4. Smooth sailing ou começando a conversar

No dia seguinte, parece mais fácil. Em vez de uma entrevista, como tinha marcado, já tinham três alunos me esperando. Depois, outros se aproximaram dizendo que também queriam participar da pesquisa. Fui percebendo suas interações, suas dinâmicas, suas linguagens. Realizava as entrevistas individuais, mas a participação era sempre estimulada pelo grupo, assim se um participava e gostava, falava também pro amigo fazer, para o namorado ou namorada, para (o/a) “ficante”.

Sempre também que me aproximava estavam em grupos, conversando, ouvindo música, discutindo, almoçando. Comecei a gostar daquele contato. Era muito vivos. Frescos. Um clima de descoberta das coisas. Achei bonito.

Surpresas

Comecei a ter também várias surpresas. Primeiro, achava-os surpreendentemente múltiplos, tinham muitas opiniões diferentes, pensavam sobre a vida, ouviam pop, estudavam, faziam blogs, alguns eram ligados ao movimento estudantil, liam os romances best-seller de hoje, como *Crepúsculo e Lua nova*, mas também liam “livros de velho”, como diziam, filosofia, Platão, Machado de Assis. Estavam preocupados com o lugar que ocupam no mundo e o que viriam a ocupar. Achei os lúcidos. Conectados. No tempo presente. Na vida.

Outra surpresa foi o interesse pela pesquisa. Vencida a dificuldade inicial, parecia que a pesquisa fluía, sem muitas dificuldades. Na tentativa de me aproximar deles, de seu universo, suas histórias, suas vidas, suas amizades, amores, seus pensamentos sobre homem/mulher, alguma coisa se ligou, se conectou. Passei a gostar cada vez mais de fazer a pesquisa. Parecia que eles também gostavam de participar. Em duas semanas, já tinha o número de entrevistas necessário, e muitos interessados em participar da segunda fase da pesquisa, com a discussão dos filmes em grupo. Comecei a achar muito estimulante esse contato.

Interesses...

Fui também aos poucos percebendo a variação de interesses e a convivência de diferentes “tempos”. Se a referência do computador e da internet era muito presente pra todos, também gostavam de ler “livros de velhos”, “filosofia antiga”, ouvir música clássica. Transitavam por diferentes registros de realidade e de tempo com uma facilidade incrível. Como quem abre janelas no computador. Uma de outro tempo, da época de Machado de Assis, podia conviver perfeitamente com o movimento *apa funk*^{xxii}, a favor do funk de raiz, dos mcs. Gilberto Gil pode rimar com Lady Gaga. Pop com samba, samba com marxismo, e com filosofia oriental. Múltiplos.

Tímidos e vivos...

As entrevistas também eram muito variadas. Uns mais tímidos, falavam pouco, nervosos, respondiam rápido, outros queriam falar mais. Outros que nem era preciso perguntar muito. Alguns contaram só opiniões, outros como viam a vida, outros experiências que tinham passado recentemente, mas de que forma fosse era sempre permeado por suas visões de mundo, a forma que interagiam uns com os outros, com que se colocavam na vida.

Estilo - *Piercings* e enfeites violetas

Não pude deixar de percebê-los através das roupas, enfeites, *piercings*, pulseirinhas de reggae, tornozeleiras, argolas, faixas de cabelo, braceletes com nomes de banda, bonés, casacos, cordões, camisetas coloridas, com luas, palavras, desenhos... Na tentativa de se construir, se inventar, se escrever, os adereços eram como marcas de si mesmo, dos personagens que iam criando para si. Neste sentido, lembramos a reflexão de alguns autores sobre as marcas corporais, como a tatuagem e outros, como elemento importante também entre os jovens, Birman (2006), Costa (2003) e Ortega (2006), navegaram em diferentes trajetórias por estes mares.

Especialmente me chamou a atenção uma menina negra, com a cor bem bonita, de *dreads* e trancinhas no cabelo e que usa *piercings* e enfeites violetas, todos combinando, os brincos também violetas eram em forma de zíper. Parecia que todos os adereços tinham sido escolhidos meticulosamente. Combinando. Formando um conjunto. Talvez fosse. Talvez não.

^{xxii} Este movimento será detalhado algumas milhas a frente.

2.5. “A rotina tem seu encanto”^{xxiii}

As primeiras entrevistas foram realizadas na semana de comemoração pelo aniversário da escola. Os alunos não tinham aula nesses dias. Apenas palestras, comemorações e horas maiores de almoço. Chegava ao colégio e era sempre barulhento, com muitos grupos no pátio conversando, assistindo às comemorações, jogando baralho, tocando violão, conversando.

Na segunda semana, quando voltei para fazer as entrevistas restantes, tudo tinha mudado. Os horários de aula voltaram ao normal, os estágios, cada turma com seu horário de almoço. Foi radicalmente diferente. Bem menos alunos no pátio, menos vozes no corredor, menos barulho. Mais institucional. Senti um pouco de falta do burburinho, mas era o ritmo “normal” do colégio, da instituição. Outra organização. As entrevistas também foram ganhando outro ritmo. Mais calmo. Agendadas. Mesmo assim, o interesse continuou. Alguns ao final da entrevista, perguntavam sobre a pesquisa, sobre os resultados, se depois poderiam ler o trabalho, falavam sobre suas próprias pesquisas de monografia^{xxiv}.

Passei assim a começar a organizar a segunda fase da pesquisa, com a discussão das cenas dos filmes em grupo, e a iniciar as transcrições das entrevistas. Mande um email para os alunos, na tentativa de organizar um horário comum e vi com a biblioteca da escola a possibilidade de reserva da sala de vídeo.

Como traduzir as falas, vivências e experiências dos alunos, meu contato com eles em uma linguagem, em uma forma? Que seja tanto minha como deles? Que seja a tradução desse encontro, dessa pesquisa? Que seja a nossa conversação? Como colocar isso em palavra, em formato acadêmico, para que outros possam também partilhá-la, ver as cores, as nuances do filme? Ver o script, os atores, as falas, os gestos? Como traduzir a multiplicidade de tons? Se somos sempre intraduzíveis, incomunicáveis... contradição?

Inspirei-me com Gullar:

“Uma parte de mim
É todo mundo;
Outra parte é ninguém
Fundo sem fundo.

Uma parte de mim
É multidão;

^{xxiii} Referência a filme de de Yasujiro Ozu, *Sanma* no aji, 1962, Japão.

^{xxiv} Daremos detalhes do funcionamento da escola, um pouco mais à frente.

Outra parte estranheza
E solidão

Uma parte de mim
Pesa, pondera;
Outra parte
Delira

Uma parte de mim
Almoça e janta;
Outra parte
Se espanta

Uma parte de mim
É permanente;
Outra parte
Se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte
linguagem

Traduzir uma parte
Na outra parte
Que é uma questão
De vida ou morte –
Será arte?”
(Gullar, 2001, pg.335) ⁶⁷

2.6. Grupos ou Diálogos

A segunda fase da pesquisa envolvia a discussão de cenas de filmes em grupo. Mandeí vários emails para os alunos na tentativa de conciliar um horário comum. Alguns responderam e mostraram-se solícitos, outros não. Depois da troca de alguns emails, marquei uma data levando em conta, o máximo possível, a disponibilidade de todos e agendei os grupos. Dois. Um em cada semana. Liguei para biblioteca e para a direção da escola para reservar a sala de vídeo.

Primeiro grupo. Ao chegar ao colégio, estava um pouco ansiosa pensava: *será que eles vão vir mesmo?* Logo encontrei dois alunos que tinham respondido ao email e que queriam participar, disseram que já iam subir, fiquei um pouco mais tranquila.

Cheguei à sala de audiovisual, testei o dvd, o computador, mas o som não funcionava. Desci falei com os funcionários da biblioteca: *ih, esse horário de almoço é horrível, o pessoal vai almoçar e tal, espera o fulano chegar que ele vê pra você...* Insisti. Uma das funcionárias resolveu tentar chamar alguém, conseguiu. Nisso, chegaram os dois meninos que tinham topado participar. Pedi para eles aguardarem um pouco. Problemas

técnicos. Enquanto aguardavam um deles ficou no computador mostrando pro outros sites de Metal, mostrou o novo cd do *Megadeth*, falou da suposta disputa entre *Metallica* e *Megadeth*.

Depois de tudo resolvido, dei uma volta no pátio para ver se encontrava mais alguém que tivesse respondido ao email, mais uma menina me viu e disse que ia participar também. Outros disseram que participariam do grupo na semana que vem.

Um trio. Trinca. Três. *É o possível hoje*. Começamos. Primeiro o vídeo, depois a discussão.

Ao assistirem o vídeo^{xxv}, riram, comentaram dizendo que conheciam esse ou aquele filme. Ao final das cenas sorriam. Falei do objetivo do nosso diálogo ali, perguntei sobre as cenas e começamos a conversar.

Primeiro tímidos, depois empolgados, depois tímidos de novo. Eram dois homens e uma mulher. Ela carregava um bicho de pelúcia amarelo, com que brincava e cutucava um dos outros de vez em quando. Ela falava e gesticulava muito. Colocava energia, indignação, peso na fala. Um dos meninos era mais contido, falava mais baixo, mas tinha muitas opiniões, queria falar, contra argumentar, pensava bastante sobre muitas coisas. O outro falava mais alto, sorria mais, se expressava mais, um pouco mais solto. Os dois eram especialmente amigos, mas os três se conheciam e pareceram próximos.

Foram se soltando. Na parte mais relacionada à sexualidade e a iniciativa sexual ficaram tímidos, até um pouco nervosos. Falam. Iniciando-se e iniciantes, disseram, pareceram, talvez fossem mesmo. Concordaram e discordaram entre si, sendo que muitas vezes ela fazia um polo oposto a eles, eles às vezes se aliavam, apesar de muitas vezes nem sempre concordarem um com outro, buscavam aliança, um na fala do outro. Ela não, talvez por ser a única mulher, talvez por ter ficado como diferente, talvez por ser ela, falava mais tranquilamente, livremente, ainda que seus pontos de vista fossem às vezes diferentes dos deles, às vezes discordava do que eles diziam, às vezes assumia uma fala ou olhar do feminino, apesar de sempre pontuar que sempre *depende do contexto, da história, que as coisas não são assim definidas, fixas*.

Terminei o grupo satisfeita. Achei que pude escutá-los e olhá-los um pouco mais, tentar entender como pensam, como sentem, como se colocam, como se relacionam. Senti-me extremamente grata ao final.

^{xxv} Seleccionei cenas de alguns filmes brasileiros recentes sobre o tema da juventude e das masculinidades, fiz uma edição, dando origem, a um vídeo de 8 minutos de duração.

O segundo grupo marquei uma semana depois. Diferente da primeira vez, poucos responderam os emails. Ainda assim marquei o grupo, deixando um pouco livre para quem quisesse e pudesse comparecer.

Assim, na data marcada lá estava eu, dessa vez mais tranquila e mais familiarizada com o espaço, a sala de vídeo, a própria dinâmica de um grupo. Entretanto, onde estavam os alunos?

Dessa vez, diferentemente da primeira fui procurá-los no pátio, encontrei dois ou três rostos conhecidos, perguntei se poderiam participar: vieram dois^{xxvi}.

Era pouco, nem mesmo um grupo, mas uma dupla. Achei que valia conversar mesmo assim... mostrar os filmes...dialogar...pensar...pesquisar...fazer um outro breve retrato desses jovens.

Surpreendi-me desde o primeiro instante. Estavam mais tímidos. Tive que ir quebrando o gelo aos pouquinhos. Depois se soltaram. Tinham ideias e experiências bem diferentes, e também de alguma forma semelhantes à do grupo anterior. Na primeira cena, sobre o jovem não ter nada pra fazer, relataram vivências de violência e descaso dentro de uma favela no Rio de Janeiro. Pensaram saídas e alternativas possíveis, e ao mesmo tempo falaram da marca dessas vivências, da dificuldade de se construírem outros caminhos. Falaram de exclusão social, dos “flagelados”, de funk, do capital, de Marx.

Em um dado momento, um deles me interrogou, perguntou o que eu pensava sobre isso tudo, sobre ser jovem e juventude. Respondi. Conversei. Coloquei-me. Retornei então a fala pra eles.

Depois contaram experiência de namoros, apaixonamento, sexo. Falaram sobre a importância de ser alguém na vida, de colocar coração nas coisas. Achei bonito.

Não pude deixar de reparar também as vestimentas, os sorrisos, as tensões. Um deles de chinelos e camiseta “indiana”, trazia uma fitinha do senhor do bonfim no pulso, usava lentes verdes, que teria ganhado da irmã, segundo o próprio, o outro de uniforme, mais “atletico”, com uma tornozeleira branca e tênis.

^{xxvi} Posteriormente refletindo sobre a pesquisa, cheguei a duas ideias sobre o pequeno número de participantes dos grupos: a primeira que talvez os contatos por email, ao mesmo tempo que facilitam, também não produzem uma interação “mais viva”, digamos assim, o que certamente interfere na disponibilidade do “nativo” para participar da pesquisa; a segunda, de ordem mais prática, refere-se ao pouco tempo livre que os alunos da EPSJV dispõem, tema que será abordado em nossa viagem.

Mais uma vez me senti extremamente grata, um pouco feliz e triste, ao mesmo tempo, mas de qualquer forma esperançosa com a vida e sua potência poeticamente “juvenil”.

2.7. Uma forma-texto

Posteriormente à realização das entrevistas, sucedeu-se a penosa tarefa de transcrição das falas. Como transformar as entonações, a voz de cada um, os gestos, as ênfases em determinadas palavras em uma forma-texto? Som tem forma? Como transformar a corporalidade dos gestos, dos sons, das expressões faciais de cada encontro, de cada fala em escrita? Um texto que ainda que não capte a incomensurabilidade dos diálogos travados possa minimamente nos aproximar deles? Que possa transmitir algo desse encontro?

Sabia ser essa tarefa impossível, mas fui aos poucos criando uma forma-texto possível para as entrevistas e os diálogos sobre as cenas dos filmes. Primeiro, precisava dar um nome a meus entrevistados, um novo nome, que algo significasse de nossa troca. Depois de algum tempo de maturação, optei por chamá-los por nomes de personalidades do cinema. Nossa interação ganharia forma-texto através de um diálogo entre palavra e imagem. Entre pensamento, criação, linguagem e corpo, vibração, música.

Durante a pesquisa e respeitadas as devidas singularidades, a referência à música, em seus diversos estilos e manifestações, e à filosofia era quase uma constante nas falas de meus entrevistados, contudo o tom de nossa conversação também foi dado tendo como pano de fundo cenas de filmes recentes do cinema nacional. Assim, os meninos e as meninas foram apelidados com nomes de atores, atrizes, diretores e diretoras de cinema, em atuação ainda ou não.

Dessa forma, diferentes tempos se colocam em conversação, *Chaplin*^{xxvii} conversa com *Penélope Cruz*, como nas falas dos entrevistados, em que os gostos se misturam entre o que eles chamam de “*livros de velho*”, como Machado de Assis e Platão, e a interatividade da internet, dos jogos *on line*, dos blogs que criam.

Assim, aos poucos fui tecendo nossa conversação em escrita. Ao total, foram realizadas trinta entrevistas individuais, sendo 17 com meninas e 13 com meninos; e duas entrevistas em pequenos grupos (o primeiro com três integrantes; e o segundo com dois), tendo as cenas dos filmes como disparador para a discussão. Parto agora para a análise desse

^{xxvii} Sempre que utilizarmos o nome de uma personalidade do cinema no lugar do nome de nossos nativos, utilizaremos a forma itálica, no intuito de marcar que tratam-se de nome fictícios.

tecido-escrito, construído durante essa viagem, em que diferentes encontros, tempos, linguagens, corpos, falas se cruzam, se encontram, ressoam e se perdem o tempo todo. É importante ressaltar, contudo, que trata-se de uma análise inicial, trabalhada a partir dos portos, caminhos e autores percorridos ao longo desta dissertação-navegação. Iremos privilegiar os aspectos que consideramos essenciais dessa viagem, assim, não trabalharemos todos os momentos, nem todas as falas, nem todos os aspectos presentes na complexidade desse tecido-escrito, pois há data de chegada. Dessa forma, destacaremos o que nos pareceu mais caro e importante dentro do tema proposto para que novos diálogos, conversações, e viagens possam ser travadas, inventadas, vividas.

2.8. Uma cartografia etnográfica

A cartografia tem por fim elaborar mapas, traçados, trajetos possíveis e percorridos. Visa dar uma forma ao que se observa. Destaca pontos de referência, sinuosidades dos espaços, distâncias entre lugares, relevos.

A cartografia hoje seria a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre (IBGE,2010)⁶⁸. No intuito, de nos localizarmos, acionamos, construímos, inventamos mapas, traçados, globos, representações gráficas que nos ajudem a nos localizar no mundo.

Deleuze e Guatarri (1995)⁶⁹ propõe a cartografia como um método que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto, que visa investigar um processo de produção (Kastrup, 2007)⁷⁰. Assim:

“Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procure estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.”(KASTRUP, 2007, pg.15)

Gostaríamos de destacar que não nos aprofundaremos nessas reflexões, nem tomaremos esse método de maneira rigorosa e em exata consonância com a obra dos referidos autores. Antes, tomamos a cartografia como um caminho errante para pensar sobre nosso traçado de pesquisa, para nos ajudar a construir uma trilha, a detalhar um percurso; assim, tomamos a cartografia de maneira intuitiva, talvez mais como metáfora, que pode nos ajudar a descrever, explicitar, falar, pôr em uma forma texto, os mares pelos quais navegamos.

A etnografia se insinua para nós após o início da pesquisa. Havíamos feito um roteiro, traçado um mapa de como faríamos nossa navegação que inicialmente não previa uma etnografia. Escrevemos um pequeno questionário com perguntas amplas e abertas que faríamos a nossos tripulantes. Seleccionamos também cenas de filmes sobre as quais conversaríamos com eles. Contudo, ao levantarmos a âncora, içarmos as velas, começamos a observar nossos tripulantes, a interagir com eles, a refletir sobre as relações que teciam entre si, sobre nossa relação com eles, sobre a posição que ocupavam, sobre a posição que nós ocupávamos. Essas observações e reflexões viravam escrita. Invariavelmente. Necessariamente. Nosso capitão nos alertou: *estávamos etnografando*.

Mas o que é a prática etnográfica e como traduzir a experiência etnográfica para a forma textual? É isso que estamos fazendo? É mais que isso ou menos que isso?

Tínhamos, contudo, um roteiro prévio, questões, mapas nos orientavam perguntas que queria ao menos tentar responder. Isso se aplica a uma etnografia?

Não somos antropólogos, é importante confessar. Temos algum conhecimento da disciplina, e talvez uma aproximação. Assim, iremos utilizar o método etnográfico, sem a destreza de um antropólogo. *Aventurosamente*, um risco em mares pouco conhecidos. *Uma cartografia etnográfica*, talvez descreva melhor esse traçado.

Iremos nos inspirar, contudo, a título de respeito e cautela, em marujos mais experientes, que já há muito navegam por esses mares.

2.9. O “nativo” e o pesquisador

O que é a antropologia? E o que é a antropologia hoje? São questões que nos indagamos no intuito de traçar nosso percurso de pesquisa. Não temos nenhuma pretensão de responder a essas questões. Elas, no entanto, nos aproximam antropólogos mais experientes, que também, de alguma forma, as problematizaram.

Assim, Viveiros de Castro (2002)⁷¹ no belo artigo “O nativo relativo” se indaga sobre as possibilidades da antropologia. O autor afirma que: “A “arte da antropologia” (Gell 1999), penso eu, é a arte de determinar os problemas postos por cada cultura, não a de achar soluções para os problemas postos pela nossa.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 117)

Para Viveiros de Castro (2002) o antropólogo sabe demais sobre o nativo desde antes do início da partida, ao ler e pesquisar sobre o suposto assunto de sua pesquisa, dessa forma, nas palavras do autor: “ele predefine e circunscreve os mundos possíveis expressos por esse

outrem; a alteridade de outrem foi radicalmente separada de sua capacidade de alteração”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 117).

Contudo, o autor alerta que a relação entre o pesquisador e o nativo não é de maneira nenhuma a relação entre sujeito e objeto, o nativo é desde sempre um sujeito nesse sentido. Viveiros (2002) afirma: “Que o nativo seja um sujeito, não há a menor dúvida; mas o que pode ser um sujeito, eis precisamente o que o nativo obriga o antropólogo a pôr em dúvida.”(VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 119)

Assim, nos interessa pensar que outras possibilidades nossos tripulantes (nossos “nativos”) apontam? Quais são suas questões, seus problemas, suas dificuldades para se colocarem no mundo? Que novos possíveis criam para se forjarem sujeitos, para se inventarem como homens (e mulheres)?

Temos aqui, de alguma forma, um viés. Tínhamos uma rota já determinada. Nossa rota previa indagar-se e indagar nossos “nativos” sobre sexualidade, juventude, masculinidades. Queríamos saber como se relacionam entre si; que múltiplas posições assumem, masculinas ou femininas; o que acreditam que é um homem ou uma mulher.

Nossa rota previa classificações prévias: que há (ainda) diferença sexual; que existem modos específicos de se apresentar e se construir como homem em curso atualmente no Brasil; que há uma especificidade em ser jovem, ainda que essa experiência se apresente de maneira múltipla e plural.

Tínhamos também hipóteses: de que há uma dita “masculinidade hegemônica”, mas que há algo que escapa a ela; que os movimentos feministas e homossexuais do início do século XX produziram mudanças nas maneiras de nos apresentarmos como homens e mulheres; que o que é um homem está de alguma forma relacionado ao que é uma mulher; que novas possibilidades e traçados se apresentam a partir da crítica da lógica binária e da proposta da teoria *queer*^{xxviii}.

^{xxviii} No primeiro capítulo da dissertação fizemos uma breve exposição sobre a teoria *queer*. Para maior detalhamento ver: PRECIADO, B. El manifesto contrasexual. Madrid : Opera Prima, 2002. Preciado, Beatriz. 2003. “Multitudes queer. Notas para una política de los “anormales””. Revista Multitudes, nº 12, París. BRAIDOTTI, R. Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory, Columbia University Press, 1994; SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. In: Cadernos Pagu. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007; RUBIN, Gayle entrevistada por Judith Butler. “Tráfico sexual - entrevista”. Cadernos Pagu, a. 8, n.21, pp. 157 a 209, 2003.

Assim, foi necessário um duplo movimento, primeiro de refletir e reconhecer nossas classificações e questões prévias, segundo de uma postura de abertura durante o trabalho de campo. Muitas vezes as minhas classificações soavam estranhas aos meus interlocutores, por exemplo, quando lhes perguntava o que é um homem e o que é uma mulher, muitos tinham dificuldade, e alguns chegaram mesmo a enunciar que não conseguem perceber diferença nenhuma. Esse dado nos chama a atenção e pode indicar alguma diferença entre nossos pontos de vista (o meu e o “deles”) e modos de perceber e classificar o mundo. Explorarei esse aspecto durante este trabalho, à medida do possível.

Nesse sentido, Viveiros de Castro adverte:

“o antropólogo associa o nativo a si mesmo, pensando que seu objeto faz as mesmas associações que ele — isto é, que o nativo pensa como ele. O problema é que o nativo certamente pensa, como o antropólogo; mas, muito provavelmente, ele não pensa como o antropólogo. O nativo é, sem dúvida, um objeto especial, um objeto pensante ou um sujeito. Mas se ele é objetivamente um sujeito, então o que ele pensa é um pensamento objetivo, a expressão de um mundo possível, ao mesmo título que o que pensa o antropólogo. Por isso, a diferença malinowskiana entre o que o nativo pensa (ou faz) e o que ele pensa que pensa (ou que faz) é uma diferença espúria. É justamente por ali, por essa bifurcação da natureza do outro, que pretende entrar o antropólogo (que faria o que pensa). A boa diferença, ou diferença real, é entre o que pensa (ou faz) o nativo e o que o antropólogo pensa que (e faz com o que) o nativo pensa, e são esses dois pensamentos (ou fazeres) que se confrontam.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 119)

Dessa forma, durante o trabalho de campo muitas vezes também deixei meus tripulantes navegarem por mares desconhecidos para mim, que eu não havia previsto. Olhavam o mar, o mundo, as relações de maneira diferente da minha, às vezes próxima também. Assim, durante a segunda discussão das cenas de filmes, por exemplo, a grande preocupação dos meus interlocutores ficou quase que centrada em alguns aspectos expostos na primeira cena. Essa cena trazia questões para eles, de sua prática cotidiana, de suas dificuldades, de suas questões. Nosso diálogo se deu, então, a partir e fundamentalmente disso. Introduzi outros temas, conforme o decorrer da conversa, mas achei que seria uma violência, e mais seria falso e artificial, não ouvi-los no que para eles era mais importante. Ou ao menos eu considerava que era.

Esse ponto assiná-la um limite na nossa relação, entre nativo-pesquisador. Não temos como saber exatamente o que sentem, como sentem, o que querem, nesse sentido nos aproximamos de Vianna (1987)⁷², que afirma que não acredita que um antropólogo pode

sentir o que o nativo sente. Para ele: “Tudo é uma questão interpretativa, tradução de tradução, sutis relações de poder entre inúmeros pontos de vista (os vários meus, sempre conflitantes entre si, e os vários “deles”).”(VIANNA, 1987, pg.9)

Barth (2000)⁷³ esclarece: “Há, portanto, inúmeros entrecruzamentos”, nesses entrecruzamentos “diversos interesses estão colocados, além das diferentes posições que cada um ocupa em determinada situação”(BARTH, 2000, pg. 137). Assim, nossas possibilidades são limitadas, mas nem por isso menos interessantes. Tentaremos fazer uma “tradução” de nossa viagem com nossos tripulantes, em que os inúmeros pontos de vista e suas intrincadas relações possam de alguma forma aparecer, ganhar corpo, escrita. Como afirma Barth (2000): “há posicionamentos e todas as visões são parciais”. Sabemos, assim, que nosso produto será sempre uma aproximação, uma cópia, mas talvez por isso mesmo, não menos potente.

2.10 Etnografia como um processo interpretativo?

Nossa cartografia etnográfica se fará, deste modo, como uma tentativa de tradução, uma tentativa de dar sentido à nossa viagem, ao nosso trabalho de campo, ao nosso encontro com nossos tripulantes. Tentaremos situar as posições e sentido que eles criaram ao longo da viagem; e também ao que nós criamos, o que se modificou em nós a partir desse encontro, que possa interessar para pensarmos nossas questões iniciais e quem sabe apontar outras possíveis e novas questões, que possa trazer novos ventos que façam andar o barco.

Assim, nosso trabalho tem um caráter aproximativo, conforme proposto por Velho (2008):

“Parece-me que Clifford Geertz ao enfatizar a natureza da interpretação do trabalho antropológico chama atenção de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica um grau de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo.” (VELHO, 2008 [1987], pg. 129)⁷⁴

E também nos aproximamos mais uma vez de Viveiros de Castro (2002), quando este afirma que:

“Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’). (...)

Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 113)

O autor conclui, ao refletir sobre seu trabalho de campo com os índios: “Meu objeto é menos o modo de pensar indígena que os objetos desse pensar, o mundo possível que seus conceitos projetam.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 123). Inspiremo-nos com sua experiência nos mares da pesquisa, e iremos nos interessar em delimitar o mundo possível que os conceitos de nossos nativos projetam. Aqui é preciso ter atenção ao navegar, nosso mundo não é assim tão distante do mundo de nossos nativos. Pelo menos não a mesma distância que separa Viveiros dos índios. Nossos mundo são próximos, familiares, semelhantes, com muitas coisa em comum. *E agora José?*

Aproximar-nos-emos então de novos marujos que nos ajudem a pôr nosso barco a velejar, assunto do próximo item.

2.11. Em mares conhecidos?

Nossos “nativos” eram-nos de alguma forma familiares. Nosso campo de estudo era-nos por próximo demais. O primeiro ponto é que ambos, nós e “eles” (“os nativos”), “participamos de um sistema de significação específico a que se pode chamar, tentativamente, de ‘*cultura ocidental moderna*’ que implica uma certa maneira de compreender os fenômenos da vida”(DUARTE, 1999, pg. 22)⁷⁵.

Nesse sentido, conforme ressaltam Heilborn (2004)⁷⁶ e Duarte (2004a, 2004b, 1999)⁷⁷, a partir de Dumont⁷⁸ e Campbell, somos partidários dos valores da individualidade, liberdade, igualdade e satisfação. Outro ponto é um suposto universalismo presente em nossa *cultura ocidental moderna* (ou pós-moderna^{xxix}, se preferirem os vanguardistas) ressaltado e criticado por alguns autores em seus percursos de pensamento-trabalho-diálogo-escrita, como por exemplo, Grunvald (2009) e Duarte (2004b).

Nossa cultura ocidental moderna possui também especificidades em especial no que tange às brasilidades. Neste sentido, DaMatta, em um debate tributário de Gilberto Freyre, é recorrentemente citado para explicitar o que o autor chama de “o dilema brasileiro”.

DaMatta (1988) argumenta que a categoria que designa seres humanos de uma maneira enfaticamente positiva, no Brasil, não é o indivíduo como unidade exclusiva e

^{xxix} Não pretendemos aqui empreender uma discussão entre o moderno e pós-moderno. Queremos, contudo, ressaltar que ainda que haja especificidades e mudanças que se expressam por exemplo na utilização da terminologia pós-moderna, defendemos, a partir dos autores citados, que os valores destacados como parte da cultura ocidental moderna ainda estão, de certa maneira, em voga.

fundamental do Estado moderno, mas o indivíduo como membro de uma rede de relações - isto é, o indivíduo enquanto pessoa ou gente. Assim, para este autor haveria uma dupla concepção de coletividade no sistema social brasileiro.

Esta dupla concepção teria, portanto, dois eixos fundamentais. Um primeiro que seria baseado na ideia de Nação moderna (ou país), que seria formada por leis constitucionais explícitas e administrada por um governo respaldado no Estado. Nesse primeiro eixo, situa-se uma concepção moderna de indivíduo como categoria moral e política, em que o corpo social poderia ser concebido como “uma coleção de indivíduos que partilham de uma igualdade básica diante das leis que os governam” (DAMATTA, 1988, pg. 210).

O segundo eixo seria ligado a uma concepção mais antiga da “ideia da coletividade concebida como *universitas*, ‘um todo de que os homens são simplesmente as partes’ (DUMONT, 1986, pg. 63), uma entidade feita de conjuntos de laços imperativos de parentesco e lealdades pessoais que são governados por leis antigas, consideradas como parte da natureza ou como dadas ao homem por Deus” (DAMATTA, 1988, pg. 210).

Assim, em nossa navegação pelo sistema social brasileiro e na de nossos tripulantes, nos deparamos tanto com os valores explicitados por Duarte (2004a,2004b) e Heilborn (2004) no que tange à *cultura ocidental moderna*, quanto à aspectos relacionados ao *dilema brasileiro*, conforme proposto por DaMatta.

Outro ponto de aproximação com nossos “nativos” é mesmo concreto, espacial, físico: a escola onde realizamos as entrevistas e os contatos com nossos interlocutores era mesmo dentro da Fiocruz. Pertencíamos a mesma instituição, frequentávamos o mesmo espaço. Éramos todos brasileiros e morávamos no Rio de Janeiro. Guardadas as devidas idiossincrasias^{xxx}, nossos “nativos” estavam inseridos em um estrato social próximo ao nosso, das camadas médias urbanas. Nossos circuitos se intercruzavam. Alguns de nossos signos eram próximos. Nossas idades não eram tão distantes assim. Não estamos próximos demais?

Nesse sentido, convidamos outro autor para nos auxiliar nesse trecho da viagem: Gilberto Velho. Indagando-se acerca de questões próximas a essa, no artigo *Observando o familiar*, o autor esclarece: “a noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto

^{xxx} Ainda que a escola possua um sistema de costa para estudantes de colégios públicos, o rigoroso processo seletivo aprova apenas um pequeno grupo de 90 alunos por ano. Assim, ainda que haja alunos que poderiam ser classificados como camadas baixas ou mesmo médias inferiores, consideramos que enquanto grupo, a grosso modo, podemos incluí-los nas camadas médias urbanas.

de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada.”(VELHO, 2008 [1987], pg. 122)^{xxx}.

Assim, a partir de DaMatta (1978), o autor declara que a questão seria “transformar o exótico em familiar, e o familiar em exótico” (Velho, 2008). Estranhar o familiar, o que estamos considerando como mares conhecidos talvez apresente nuances, surpresas e imponderáveis que não enxergaríamos à primeira vista. O que consideramos como inicialmente estranho em nossos tripulantes, talvez nos seja próximo. Conforme declara Velho: “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido.”(VELHO, 2008 [1987], pg. 126)

Vianna (1987) comenta acerca de sua experiência de campo e da possibilidade de “*outrar-se*”, ou seja, estranhar o que inicialmente consideramos como próximo, como nosso:

“Se entendermos o trabalho de campo (...) como a “vivência longa e profunda” com outros modos de vida, outros valores e outros sistemas de relação social, a própria experiência de uma antropologia urbana já é uma afirmação óbvia de que o “outro” está entre “nós”. Como mostra Gilberto Velho, dentro de nossa própria sociedade, de nosso próprio grupo de ethos podemos ter a experiência do distanciamento e do estranhamento. O que é familiar pode ser estranho e desconhecido . O que é exótico (segundo Roberto da Matta, o que não faz parte do universo diário do observador) pode “morar” a poucos quarteirões da residência do antropólogo. (VIANNA,1987, pg. 40)

Velho (2008) fala ainda da possibilidade de complexificar um universo costumeiro, conhecido, visto inicialmente como familiar:

“Acredito que seja possível transcender em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações.” (VELHO, 2008 [1981], pg. 133)

Tentamos e tentaremos nos aventurar nessa empreitada, enxergando as falas e representações de nossos “nativos” de diferentes ângulos e formas. Esse será nosso norte na maneira de olhar, refletir, sentir e falar sobre nosso traçado de pesquisa.

^{xxx} Aqui Velho (2008) faz uma referência a um famoso texto de Becker, a saber: Howard Becker, “*de que lado estamos*”, in Uma teoria da ação coletiva, Rio, Zahar, 1977

Assim, nosso movimento será sempre duplo, de aproximação e estranhamento. Um fato curioso ocorreu logo no início da pesquisa: tinha ido despretensiosamente ao colégio pegar alguns documentos referentes à autorização à realização da pesquisa, e vi que estava acontecendo um evento organizado pelos próprios alunos chamado *Arte em movimento e Movimento em arte*.

Resolvi assistir, mas não me identifiquei como pesquisadora. Sentei no auditório e fiquei num canto assistindo. Em determinado momento, resolvo pedir uma determinada informação sobre alguma das atividades programadas para alguns dos alunos que estavam ao meu lado. Eles “super” solícitos me informaram, falaram empolgados de tudo que iria acontecer, até que uma menina, não me reconhecendo, pergunta:

Em que escola você estuda?

Sorri. Faz uns dez anos que saí do colégio, mas de alguma forma ela me incluiu, me viu como alguém próximo a ela. Não me reconhecendo de seu próprio colégio, era óbvio que eu era de fora, mas não totalmente, era apenas de *outro* colégio. Isso me chamou atenção, alguma coisa em mim (ou várias) fazia com que os alunos do *Poli* me considerassem próxima, ainda que de fora.

Assim, nossa pesquisa foi sendo traçada, desenhada, filmada, escrita, vivida. Foram feitas observações durante o trabalho de campo, das interações dos alunos, de algumas palestras e eventos que aconteceram no colégio durante o trabalho de campo^{xxxii}, as entrevistas individuais, e duas entrevistas em grupo tendo como disparador da discussão cenas de filmes pré-selecionadas.

Nosso motor será pensar como interagem, como vivem, como se relacionam e quais as consequências das falas acionadas pelos nossos “nativos”. Quais as diferenças que tecem, como ordenam o mundo, o que querem; e também como se relacionam e se posicionam em relação ao tema da pesquisa: *o que vale um homem, o que vale uma mulher*, para nossos tripulantes? Vale algum? Faz sentido essa diferença para eles? Por que sim ou porque não?

Tentaremos, à medida do possível, tecer um todo, uma rede, um mapa, uma cartografia de nossa viagem, como sugere novamente nosso marujo Viveiros de Castro (2002):

^{xxxii} O primeiro evento foi o já referido *Arte em Movimento e Movimento em Arte*, que faz parte do Fórum estudantil e é organizado pelos próprios alunos. O segundo foi a semana de comemoração dos 25 anos da EPSJV.

“tecendo uma rede que, lançada sobre o caos, pode lhe dar alguma consistência” (Prado Jr. 1998:317). Esse fundo é a “base sem fundamento” que não é nem racional/ razoável nem irracional/insensata, mas que “simplesmente está lá — como nossa vida” (Prado Jr. 1998:319).” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg. 136)

Inspiramo-nos ainda com Mallinowski (1976)⁷⁹ quando este atenta para o fato de observar fenômenos que considerou como os imponderáveis da vida. Assim, o autor alerta:

“(…) há uma série de fenômenos que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de os imponderáveis da vida. Pertencem a essa classe de fenômenos: a rotina do trabalho diário do nativo, os detalhes de seus cuidados corporais; (...); o tom das conversas e da vida social (...); a existência de hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias, as aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e a ambição pessoal se refletem no comportamento de um indivíduo e nas relações emocionais daqueles que o cercam.” (MALLINOWSKI, 1976, pg. 29)

Uma dissertação é a conclusão de um percurso, mas também um ponto de início, de chegada, onde se inicia, se apresenta, se debuta na comunidade acadêmica. Temos normas e requisitos a cumprir. Há um certo modo de escrever, de citar autores, de fazer pesquisa que deve ser respeitado. Tentaremos nos manter dentro do script, mas como há muito somos permeados por vibrações e sentidos outros, também nos inspiramos em Clarice, na palavra que falta e diz muito mais: “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.” (LISPECTOR, 1977, p. 137)⁸⁰.

2.12. A escola

Faremos agora uma maior contextualização do nosso campo de pesquisa, dos mares por onde passamos boa parte de nosso trajeto.

Assim, conforme descrito no item 2.2, a escola além de ser uma instituição de ensino, também tem como objetivo a “produção/ divulgação de conhecimento nas áreas de *Trabalho*, Educação e Saúde”. Destacamos aqui a palavra trabalho por termos percebido durante a pesquisa a importância dessa dimensão, tanto nas falas e nos discursos dos diretores, professores, e palestrantes convidados, durante a semana de aniversário da escola, por exemplo; como também nas falas de nossos entrevistados.

Podemos inferir que Trabalho é uma referência mesmo à diretriz da escola, que possui um forte cunho marxista-socialista, que ficou de alguma forma, evidente, durante a

realização da pesquisa. Citamos como exemplo os personagens elencados no material gráfico (estampas de folders, cartazes, banners e sacolas de pano) produzido para a semana de comemoração de vinte e cinco anos da escola: Gramsci, Marx, Paulo Freire; e também personagens da saúde: Oswaldo Cruz, Arouca, Joaquim Venâncio.

O *Poli* é um espaço bem amplo e complexo, com diferentes cursos, pesquisas e aulas acontecendo ao mesmo tempo. Destacaremos, contudo, as práticas cotidianas de nossos “nativos”, que eram todos alunos do *ensino médio integrado*^{xxxiii}.

Os alunos ao concluírem o *ensino médio integrado* possuem tanto uma formação geral, como uma habilitação profissional em alguma modalidade técnica em saúde. Assim, são três cursos que os alunos podem escolher: Análises clínicas; Gerência em saúde; e Vigilância em saúde. As turmas são formadas de acordo com a modalidade de curso escolhida: em cada ano do ensino médio existem três turmas, uma de análises clínicas; uma de gerência em saúde e uma de vigilância. As turmas possuem cerca de 30 alunos.

O curso de Análises Clínicas tem por objetivo formar técnicos de nível médio em Laboratório em BIODIAGNÓSTICO em Saúde, nesse curso os alunos tem aulas de fisiologia, laboratórios, além do estágio supervisionado obrigatório em todos os cursos.

O curso de Gerência de Saúde tem por objetivo formar técnicos de nível médio em gestão de Serviços de Saúde, nesse curso os alunos possuem aulas de administração e planejamento em saúde; política de saúde no Brasil; entre outras.

Por fim, o curso de Vigilância em saúde tem por objetivo “formar técnicos de Nível Médio em Vigilância em Saúde, com um olhar abrangente sobre as questões da saúde pública para compreender a complexidade dos processos de saúde-doença-cuidado na sociedade globalizada”, e tem aulas sobre o SUS; o conceito de território; e posteriormente fazem estudos de caso e análises / planejamento de intervenções em situações de saúde^{xxxiv}.

^{xxxiii} *Categoria nativa*, a escola possui uma preocupação com um currículo integrado entre a formação geral e a formação técnica em saúde, conforme está explícito no site da instituição: “No 'currículo integrado', os conhecimentos de formação geral e específicos para o exercício profissional se integram. Um conceito específico não é abordado de forma técnica e instrumental, mas visando a compreendê-lo como construção histórico-cultural no processo de desenvolvimento da ciência com finalidades produtivas. Em razão disto, no 'currículo integrado' nenhum conhecimento é só geral, posto que estrutura objetivos de produção, nem somente específico, pois nenhum conceito apropriado produtivamente pode ser formulado ou compreendido desarticuladamente das ciências e das linguagens. (...)”

^{xxxiv} As informações referentes aos cursos foram retiradas do site da EPSJV: <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php>

O importante aqui é destacar o universo em que se inserem nossos tripulantes. Assim, eles têm aulas de diversos tópicos relacionados à saúde, desde o primeiro ano do ensino médio, de acordo com a escolha da modalidade de curso técnico de cada um, e tem um estágio obrigatório a cumprir durante o ensino médio.

Com relação ao ensino médio, a escola organiza os conteúdos da seguinte forma: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Literatura Brasileira; Educação Física; Educação Artística; Ciências da Natureza; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias. Consideramos importante enumerar ainda estes conteúdos, pois era comum a referência dos alunos ao gosto pela literatura, sendo Machado de Assis o autor mais citado; como também o gosto pela filosofia, e ainda alguns pela matemática.

Outro fato que chama a atenção e que era sempre referido durante a semana de comemoração de aniversário da escola era a ênfase dada a seu projeto político pedagógico (PPP). Para se ter uma ideia, o PPP possui mais de 300 páginas! Destacamos apenas um trecho do PPP que consideramos elucidativo em relação ao que é valorizado publicamente pelos professores e diretores da instituição:

“A EPSJV concebe a educação como projeto de sociedade. Nesse sentido, é defensora de uma concepção politécnica que dialoga com as circunstâncias societárias atuais e, deixando explícita a sua concepção de mundo, compreende que o trabalhador se educa no conflito e na contradição, e que a aquisição, pela classe trabalhadora, dos saberes elaborados pela humanidade serve de instrumento para a luta contra a divisão social do trabalho e a dominação.

Trata-se, assim, de defender que a todo trabalhador deve ser garantida a Educação Básica, como essência para um processo de formação dos profissionais de nível médio e fundamental que os possibilite tornar-se dirigentes”.(retirado do site da EPSJV)

Assim, fica claro o investimento colocado pelos dirigentes do *poli* na instituição e em seus alunos, o que se traduz na forma como encaram o trabalho e desenvolvem suas aulas e pesquisas e também na *exigência* feita aos alunos, referida pelos próprios. Era comum a fala por parte de nossos tripulantes tanto de cansaço, como algo próximo de uma das falas de nossos entrevistados: “é mais difícil passar de ano nesse colégio do que passar no vestibular”.

Por fim, ressaltamos que se fez necessário explicitar os aspectos acima referidos ao *poli* no intuito de tentarmos nos aproximar do “mundo” de nossos tripulantes. Nesse sentido, inicialmente eu estranhava quando eu perguntava aos meus “nativos” o que gostavam de fazer e muitos falavam ler filosofia e literatura. Outro aspecto que me chamava atenção era a maneira como alguns falavam sobre o corpo e a posição / linguagem corporal.

Minha convivência com alguns outros jovens de idade próxima revelava outras preocupações, ou pelo menos eu achava que revelava (talvez fossem e sejam preconceitos meus) como: consumo, moda, filmes da moda, músicas da moda. Nossos tripulantes possuem também estas referências, como tentarei explicitar ao longo desta cartografia, mas possuem também outras. Gostam de “*coisas de velho*”, como falavam de Machado de Assis, Dostoievski e Platão.

Acho que parte desses gostos tem forte influência da formação do *poli* e de seus professores, mas do *investimento* de muitos de seus professores. Este *investimento*, de tempo, de afeto, de elaboração de materiais, de conhecimento, de conversa com os alunos ficou, de certa maneira, explícito nas falas de muitos professores durante a semana de aniversário do poli, em que muitos diziam que aquele trabalho era o trabalho que desejavam, que escolheram, que sonharam. Guardados os devidos excessos por ser tratar de uma data comemorativa, também percebemos alguns desses traços na forma do texto do PPP.

Outra referência muito comum nas falas dos alunos era: Marx e a “categoria” trabalho. Este fato ganha alguma luz ao lermos o PPP do *Poli* e percebemos as preocupações de muitos de seus professores e de seus diretores. É importante, contudo, pontuar que esta influencia não é uma via de mão única.

Nossos “nativos” citam Marx, falam de trabalho como definição do que é ser homem ou mulher, mas também têm algumas críticas, como um menino que dizia: “a gente fica bitolado aqui nessa escola, lendo Marx o dia inteiro”; ou uma menina que comentava com um amigo, durante as palestras de comemoração da escola, que entrou no colégio capitalista e sairia capitalista. Enfim, nos importa enumerar os signos que permeiam o universo de nossos nativos, e como estes se relacionam com eles. Nesse sentido, nosso próximo item: os alunos e a escola.

Os alunos e a escola

Atualmente, existem cerca de 278 alunos no ensino médio do *Poli*, sendo mais ou menos 30 alunos por turma, e 90 alunos por série. Do total de alunos, 163 (58,63%) são mulheres e 115 (41,37%) são homens. A faixa etária varia aproximadamente entre 14 anos e 21 anos. Os alunos moram em diferentes bairros da cidade, como Ilha do Governador,

Inhoaíba, Olaria, Penha, Méier, Botafogo, alguns (poucos) moram em favelas próximas também, como as do complexo da Maré e de Manguinhos.^{xxxv}

Para ingressar na escola, há uma única via de acesso que é por meio de concurso público. Assim, a escola promove anualmente um processo seletivo público para o ingresso dos alunos no primeiro ano do ensino médio. Há um sistema de cotas que reserva metade das vagas aos estudantes que tenham cursado as últimas quatro séries do Ensino Fundamental em escolas da rede pública municipal ou estadual (não podem ser escolas federais).

Dessa forma, todos os alunos cursaram o ensino fundamental em uma escola diferente, tendo por isso referências e percursos outros, diferenciados. Durante as entrevistas, era muito comum que nossos tripulantes falassem de diferentes grupos de amigos, como “os meus amigos aqui da escola” e os “meus amigos de antes”, ou “o pessoal daqui” e os “meus amigos da escola x”, por exemplo. Em muitas das falas, o grupo atual era reforçado e valorizado, em outras marcavam-se fundamentalmente como nossos tripulantes percebiam as diferenças entre os grupos (os “*amigos daqui*” e os “*outros*”), como podemos perceber nos fragmentos a seguir:

“Eu tenho amigos completamente opostos de outros, por exemplo *eu tenho amigos aqui* que são mais inteligentes e tal, então a gente curte...é...eu posso sair com eles pra curtir coisas mais intelectuais, coisas que *outros*, entendeu? *Aí o povo mais da bagunça* eu posso curtir de outro jeito, entendeu? Então eu já fui...eu adoro ir em festa pra dançar, pra dançar. Eu vou pras essas festas, que tem gente que, por exemplo, se eu fosse com os *meus amigos daqui*, a gente ia pra ficar olhando, tipo assim, talvez beber e tal, aproveitar, mas nem todo mundo aqui dança, sabe? Não dançar e se acabar e sai destruída, sabe? Eu saio acabada, *com outros amigos*, entendeu?” (Nicole Kidman^{xxxvi}, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“então hoje eu me sinto muito estranho quando eu falo com os meus amigos do Pedro II, sabe os papos dos caras são os mesmos, “ah peguei uma mulher não sei aonde, não sei quê” e aqui a gente senta aqui pra discutir, sei lá, política.”(Akira Kurosawa, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Nas duas falas destacadas acima, podemos perceber alguns signos que nossos entrevistados acionam para se referirem aos “*amigos daqui*” e aos *outros*. Assim, o grupo da escola é visto como mais intelectualizado, preocupado com política, diferente dos “*outros*”.

^{xxxv} Dados obtidos com a secretaria da EPSJV. Não foi possível obter um perfil mais detalhado dos alunos, a partir dos dados disponíveis.

^{xxxvi} Conforme já explicitado todos os nomes dos alunos são fictícios.

Os outros são “o *povo mais da bagunça*”, *que têm os mesmos papos*. Muitos fazem referência a um processo de amadurecimento após a entrada no *Poli*, explicitada na fala abaixo:

“Por exemplo, nessa escola aqui, eu estudei no Pedro II, e assim lá era acabar a escola e zoar, brincar, não sei que, brincadeira. Nessa escola aqui, uma coisa que não é só minha, é comentada aqui, qualquer um passa por um processo de amadurecimento muito grande, né, pelo próprio projeto político pedagógico dela, de discutir, de fazer seminário com aluno, de dar essa possibilidade pro aluno (...)”.(Akira Kurosawa, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, há uma marca nas falas dos alunos de uma diferença entre eles e os outros jovens, ponto que procuraremos explorar a longo deste trabalho. Outro ponto é o destaque dado a política e a inteligência, como ligados, de certa forma, ao *Poli*, também buscaremos adentrar mais por esses mares ao longo desta viagem.

Além disso, outra recorrência nas falas dos entrevistados era a exigência, o compromisso, o “excesso” de estudo e a falta de horas para o sono e o lazer, por exemplo. O horário do colégio é realmente puxado em relação a outros colégios do Rio de Janeiro, hoje, por exemplo. Os alunos do *Poli* estudam todos os dias de 8 às 17hs, e alguns sábados também têm atividades.

Talvez no intuito de corresponder ao *investimento* dos professores, às “*possibilidades dadas*” aos alunos, às suas próprias expectativas e desejos, às expectativas da família, eles dizem que correm atrás, estudam, mas que falta tempo. “É muito”, dizem. Não sei se eles realmente têm esse intuito, mas a alusão à cobrança, expectativa, *excesso* de estudo, de horas de aula era constante, o que pode indicar que queriam, ao menos, que “mostrar” esse *excesso* para mim.

Finalizo este item, exemplificando o argumento acima com algumas falas de nossos navegantes:

“Aqui horário é muito puxado”. (Alfred Hitchcock, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“eu gosto de dormir. Porque assim com o ritmo daqui da escola, eu ainda faço curso pré-vestibular à noite, eu não tenho muito tempo de dormir, eu não tenho muito tempo pra ficar com o meu namorado, não tenho muito tempo pra ficar com os meus pais (...)”.(Sofia Coppola, 17 anos, 3º ano E.M.)

“(…) até porque a gente passa muito tempo aqui (na escola) (...)” (Penélope Cruz, 16 anos, 1º ano do E.M.)

“bom, nessa escola eu não tenho mais tempo pra nada (...)” (Sonia Braga, 16 anos, 1º ano do E.M.)

“(o horário aqui é 8hs diárias?) não, 9 horas, mas nunca é 9 horas que tu fica sempre mais tempo estudando, final de semana que perde, feriado que você perde, enfim tudo. Não tem tempo.(Charles Chaplin, 18 anos, 2º ano do E.M.)

“ (...) infelizmente nesse colégio não dá tempo (*de ter tempo pra mim*)”. (Carla Camurati, 21 anos, 3º ano do E.M.)

Timoneiro?

No início deste capítulo, comecei descrevendo minhas dificuldades e questões com relação à pesquisa e mesmo à própria ideia de pesquisa de campo. Contudo, gostaria ainda de navegar por alguns pontos nebulosos da realização de uma etnografia.

Assim, nesse momento esboçarei breves reflexões sobre a entrada “em campo”. Nesse sentido, recorreremos novamente a um autor já consagrado e mais experiente no assunto: Foote Whyte.

Em sua pesquisa sobre *Cornerville*, Foote Whyte⁸¹ experimenta questões semelhantes à nossa. O autor faz uma interessante incursão ao mundo dos jovens de *Cornerville*, convivendo com os *rapazes de esquina*, com suas questões, problemas e inter-relações com os *gângsteres*. Posteriormente, o autor elabora alguns anexos refletindo sobre sua pesquisa e os métodos de realização de uma pesquisa de campo.

No primeiro anexo da edição brasileira da obra, publicada em 2005, Foote Whyte começa por expor seus problemas referentes à pesquisa: como entrar em *Cornerville*? Com isso, o autor indaga-se sobre como se dá efetivamente a entrada em campo. Foote Whyte descreve seus primeiros passos, como os contatos com o centro comunitário e os assistentes sociais, e as indicações dadas por seus professores... Até que conhece: “Doc”.

Nas palavras do autor: “Na época achei difícil acreditar que, com seu apoio, minha entrada pudesse ser tão fácil como Doc havia dito. Mas aconteceu exatamente assim.” (FOOTE WHYTE, 2005, pg. 295). Em nossas navegações, não encontramos assim um Doc, mas talvez vários. Também nos utilizamos de diferentes estratégias de navegação em mares nem tão exóticos, nem tão familiares assim.

Primeiramente, fizemos contato com alguém que conhecíamos no *Poli*: Camila Borges. Camila nos explicou que ventos sopram por ali, ou seja: o “esquema” da EPSJV; falou-nos sobre o perfil dos alunos, dos professores, os horários das aulas, e nos ajudou imensamente a nos orientar em nossas primeiras manobras: a entrada em campo, ao nos informar os procedimentos e documentos necessários.

No segundo passo, não pudemos contar com sua presença. Foi necessário então criar outras estratégias. Dessa maneira, procuramos professores, secretárias e coordenadores de

séries. Explicamos a pesquisa e pedimos que, se possível, algum professor (querido, de preferência!) nos apresentasse às turmas. No fim, por dificuldades de tempo e horário, só fomos efetivamente apresentados a uma turma. Contudo, consideramos que esta manobra foi essencial para a realização da pesquisa, pois os alunos passaram a me (re)conhecer e contavam para os outros sobre a realização da pesquisa.

No decorrer da pesquisa, tivemos também outros “Docs”. Alguns alunos se interessaram pela pesquisa e estimulavam amigos (as), namorados (as), ficantes, a participar. Também na segunda fase, da discussão dos filmes, tivemos ajuda na divulgação dos dias e horários, pois havia divulgado esta data por e-mail para os alunos, o que nem sempre se revela uma estratégia eficaz, pois muitos e-mails voltavam, ou estavam com algum caracteres trocados, o que comprometia o envio.

Mas nem tudo são flores. Nossa maior dificuldade na realização da pesquisa foi com relação aos horários dos alunos. Cada turma tem um horário específico. Nossos tripulantes cursam ainda um estágio, muitas vezes fora do Poli. Além disso, como os alunos disseram “falta tempo”. O horário deles é de 8 às 17hs, de segunda a sexta-feira. Quase não têm *tempo vago*^{xxxvii}.

Outra dificuldade foi o fato da pesquisa ser realizada em uma instituição, com todas as implicações dessa palavra. Assim, há horários de entrada e de saída, há regras (relativamente frouxas) de vestimenta e uniforme, há funções de ensino e aprendizagem, existem espaços prévios demarcados e delimitados para determinados fins (sala de aula para estudar; cantina para comer; refeitório para almoçar, etc.).

Contudo, há brechas e possibilidades. A maioria das entrevistas conforme já descrevi acima, foi realizada durante a semana de aniversário da escola, em que os horários eram mais flexíveis, em função das atividades comemorativas que aconteceram. As outras foram sendo realizadas “nas brechas”, nos horários possíveis para os alunos e para mim.

Passaremos agora a analisar, mais diretamente, as falas de nossos entrevistados em relação aos tópicos pesquisados. À título apenas de apresentação, dividiremos nossa análise em tópicos não necessariamente correspondentes às questões que fazíamos a nossos entrevistados. Alguns tópicos ganharam sentido e relevância, pela importância que tinham para os tripulantes e pelo caráter de “novidade” que traziam para a pesquisadora.

^{xxxvii} Alguma lacuna no horário.

Buscaremos, em nossa análise, produzir encontros possíveis entre outros marujos que já navegaram por estes tópicos e as falas de nossos tripulantes. Nosso intuito é navegar. Pôr algumas ideias em movimento, que nossa cartografia possa ser produto deste encontro, e convide outros a navegar conosco.

Capítulo 3: A viagem (ou Janela Indiscreta) – parte II.

Neste capítulo, começaremos a apresentar a discussão dos resultados de nossa pesquisa, articulando alguns dos autores apresentados no primeiro capítulo com as respostas de nossos “nativos” aos nossos questionamentos apresentados durante a entrevista individual e também nas discussões em grupo.

Para a análise de dados de nossa pesquisa, nos utilizamos de todo o material coletado. Assim, primeiramente, refletimos sobre o diário de campo que escrevemos durante os dois meses em que estivemos no *Poli*, posteriormente transcrevemos as 30 (trinta) entrevistas individuais e as 2 (duas) discussões com as cenas de filmes realizadas em pequenos grupos.

Após a transcrição do material, foram feitas leituras exaustivas onde tentamos nos aproximar e refletir sobre as várias concepções sobre o tema da pesquisa presente nas falas, nas discussões, nos gestos e na forma de interação de nossos “nativos”. Nesta fase, foi necessário que nos separássemos, de certa forma, dos contatos com os alunos do *Poli*, bem como das respostas dadas às perguntas da entrevista e da discussão em grupo. Neste sentido, não tomamos as falas de nossos interlocutores de imediato, mas tentamos elaborar um trabalho reflexivo sobre as diferentes nuances presentes nas falas de nossos “nativos”.

Por fim, realizamos um trabalho comparativo e de articulação, entre nosso material empírico e o material teórico que já havíamos pesquisado. É importante ressaltar que do nosso corpo teórico, que não incorporamos, diretamente, todos os autores pesquisados, bem como, em alguns momentos, foi-nos necessário recorrer a outros autores.

Assim, iremos nos ater especialmente aos autores herdeiros da perspectiva foucaultina da *História da Sexualidade*, principalmente o volume 1. Daremos preferência aos autores brasileiros que dialoguem com esta perspectiva, contudo também iremos recorrer a etnografias atuais sobre o tema; a autores do campo fronteiroço da saúde pública; da antropologia e da psicanálise.

Nosso eixo de análise partirá sempre das questões suscitadas pela pesquisa com nossos nativos. Assim, os itens estão organizados de forma a abordarem primeiramente as

perguntas feitas nas entrevistas individuais^{xxxviii} e posteriormente a discussão com as cenas de filmes. Tentamos articular as falas e respostas dos entrevistados aos autores já pesquisados e descritos no capítulo 1 e a outros teóricos, quando necessário. O corpo analítico de nossa pesquisa foi uma tentativa de costura de nossos variados percursos, assim, tentamos amarrar os diferentes destinos que percorremos em uma rota e reflexão comum, em que as falas dos “nativos” encontrassem ou dialogassem com a dos teóricos.

3.1 . Fluidez x machismo

“Qual o êxtase maior? O da mulher ou do homem? Não serão talvez o mesmo?”(WOOLF, 1978, pg. 86)⁸²

Um dos temas centrais da pesquisa é a questão da sexualidade, mas especificamente aspectos ligados ao masculino, à “masculinidade”, ao ser homem. Minhas inquietações se articulavam no sentido de pensar se haveria mudanças, em especial nas juventudes, no que tange ao modo de representar, de experimentar e de vivenciar a diferença sexual, em particular no que tange aos “homens” ou aos modos de representar e vivenciar o que poderia ser ancorado como da ordem do masculino.

Interessava-me dialogar com os entrevistados no sentido de tentar compreender o que “estavam inventando” no que tange a essas questões, que possíveis estavam criando e experimentando; e também que constrangimentos ainda vigoravam.

Nesse sentido, somos de alguma forma tributários do debate empreendido pelos estudos sobre sexualidade nas ditas ciências sociais, que foram especialmente impulsionados pela obra de Foucault, como proposto por Duarte (2004a), principalmente no que se refere aos três volumes da história da sexualidade (2003 [1976]). No primeiro volume, mais citado, *A vontade de Saber*, nosso marujo desbrava as tramas referentes ao que chama de dispositivo da sexualidade, conforme problematizamos no primeiro capítulo.

Beauvoir (2009) dá outro estatuto ao feminino ao afirmar, na já célebre frase: “*ninguém nasce mulher, torna-se mulher*”, apontando na direção de uma

^{xxxviii} 1 – “Homem é...”, “Mulher é...”; 2 – “o que que você gosta num homem? E que que você não gosta num homem?”, “o que você gosta numa mulher? E o que você não gosta numa mulher?”; 3 – “o que você gosta de fazer? O que você não gosta de fazer?” 4 – “como você cuida da saúde? Como você cuida do corpo?” “como você acha que os homens cuidam da saúde?” 5 – “como alguém se torna homem?”

dessenssencialização do feminino. Partindo de Beauvoir e da crítica feminista, Arán (2003)⁸³ indaga se atualmente estaríamos num novo território para pensar as sexualidades.

Assim, Arán (2003) enumera uma série de mudanças nos regimes que forjam as sexualidades: a entrada da mulher no mercado de trabalho; a crise da família nuclear, com a ideia de igualdade entre os sexos, colocando em questão o lugar do homem e mulher na família; a separação da sexualidade da reprodução, e a visibilidade política da homossexualidade. Dessa forma, indagamos: estaríamos em um novo território para pensar as sexualidades no Brasil? Como estas mudanças repercutem nos valores ligados ao masculino por parte dos jovens? Existem novos modos de produção e sexuação dos corpos em curso?

Estas eram algumas de nossas inquietações e indagações, que, de certa forma, nos puseram a navegar. Assim, tínhamos como hipótese que ainda que estivesse (e esteja) em curso, em nosso cenário atual *globalizado-contemporâneo-ocidental-brasileiro*, uma desconstrução ontológica dos sexos, haveria ainda uma forma de dualização cultural, política e social.

Neste sentido, nossas primeiras indagações aos nossos “nativos” eram: “homem é...” e “mulher é...”. Com isso, não buscávamos uma nova forma de (re) essencializar os sexos, ou de estabelecer novas (ou velhas) hierarquias. Nosso intuito era saber o que pensavam nossos “nativos”. Como se moviam nessas questões? Como organizavam o mundo? Essa diferença fazia sentido para “eles”? A ideia de colocar reticências (ou três pontinhos) e não uma pergunta, com ponto de interrogação, teve a finalidade de possibilitar aberturas, interpretações, falas múltiplas. Acreditamos que teve esse efeito, ao menos parcialmente.

Muitos de nossos entrevistados (in) formados pelo debate atual (pós)-feminista e (pós)-“movimentos” gays se espantavam diante dessas primeiras indagações. Assim, alguns não conseguiam responder nossa primeira indagação, outros diziam ser difícil responder a pergunta, pois não viam tantas diferenças entre “homem” e “mulher”, conforme as falas abaixo:

“gente, homem é três pontinhos! Homem? Sinceramente eu não tenho muito uma definição assim, sabe?” (*Marlim Moore*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

“não sei, é difícil de responder. Não sei, é difícil.” (*Penélope Cruz*, 16 anos, 1º ano)

“Não, eu penso, eu não consigo ver tanta diferença, tanta diferenciação assim” (*Woody Allen*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

“Eu não encaro homem e mulher com tantas diferenças assim, sabe?” (*Alfred Hitchcock*, 17 anos 3º ano)

“eu acho que é bem relativo, não tem muito uma coisa, não tem muito algo concreto”. (*Tom Cruise*, 16 anos, 2º ano do E.M.)

“Não tem assim, uma definição assim. Não tem uma coisa muito certa”. (*Andrey Hepburn*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“Na verdade, eu acho que eu não atribuiria nenhuma característica inerente a nenhum dos dois, nenhuma essência a nenhum dos dois”. (*Federico Fellini*, 16 anos, 2º ano)

Assim, o primeiro ponto é que possivelmente existe no imaginário social de nossos “nativos” uma dessenssencialização do “homem” e da “mulher” em curso. Contudo, este é apenas um primeiro olhar. Conforme nos debruçamos sobre o material etnográfico fomos percebendo certas nuances nesses discursos. Ao mesmo tempo em que há esse movimento, quase que de recusa em classificar o que seria um homem ou uma mulher, em outros momentos eram acionadas falas em que se visava um lugar específico ou privilegiado para o homem ou para a mulher.

Se há novas configurações no que tange a diferença sexual em curso, estas não se fazem sem incongruências, interrupções, contradições. Nossa hipótese é que nossos “nativos” têm de se situar em um território ainda marcado pelo machismo (ou pela dominação masculina, se quisermos nos referir a Bourdieu) e ao mesmo tempo pela fluidez, ou pela desconstrução ou ressignificação das categorias “homem” e “mulher” em curso, como parece indicar a fala abaixo:

“Os homens e as mulheres não são indivíduos tão diferentes. Acho que homem tem a dificuldade de chorar tanto quanto a mulher. Pra que reprimir? Eu... tem aquela coisa, de que homem só quer ficar com mulher pra... pra sexo. Tem vias que falam isso. Eu não *porra*. Acredito que o homem tem um sentimento muito semelhante ao da mulher só que é reprimido em relação a isso. E acaba não sabendo se expressar direito. Eu, a minha questão de homem é que não é uma figura completamente diferente da mulher. Nem a mulher é aquele ser extremamente cismado, que é muito difícil de agradar, que é cheio de umas manias, ambos os sexos têm suas cismas, tem suas manias. Eu tento ver ambos os sexos como um único tipo, o ser humano, sabe? Que têm suas confusões, que têm suas manias, o que é cabível enquanto ser humano”. (*Grace Kelly*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Heilborn (2004) a partir de Matieu e Hérítier afirma que “tudo se passa como se no universo igualitário houvesse a pretensão de abolir essa diferença entre os sexos”. Duarte (2004a) ao fazer uma análise da produção recente nas ciências sociais sobre a (invenção da)

sexualidade aciona as categorias de perfectibilidade, experiência e fisicalismo, como fundamentais para a compreensão da relação entre sensibilidade e sexualidade na construção da dita *Pessoa Ocidental moderna*. Neste sentido, Duarte afirma:

“Com efeito, a suspensão da crença nas determinações holistas do mundo, característica da grande transformação em direção à modernidade, implica a ênfase cosmológica na conveniência, interesse e inevitabilidade da definição do ser humano como transformável, mutável, em função da experiência constante do mundo sensível que lhe garantiria a relação com um mundo concreto, palpável, de realidades *imanes*.” (DUARTE, 2004a, pg. 42)

Nas falas de nossos entrevistados, podemos perceber a pretensão referida por Heilborn (2004), e ênfase na transformação, na mutação na experiência destacados por Duarte (2004a). Contudo, nos chama atenção duas falas específicas que ao fazerem essa tentativa, recaem em explicações (ainda que *mínimas*) biológicas. Em que sentido esses ventos sopram? O que apontam essas falas?

“assim eu honestamente acho que as diferenças se restringem a fatores *mínimos* biológicos. Não a imposições culturais, mas eticamente assim, mentalmente não tem diferença nenhuma, absolutamente nenhuma”. (*Akira Kurosawa*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

“não tem como diferenciar o homem da mulher. *Entrevistadora: não tem como diferenciar? Truffaut: só biologicamente*”. (*Truffaut*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

Butler (2008) já afirmava que o sexo (biológico) é tão construído como o gênero, o que impulsionou novas formas de significar sexo e gênero, conforme Figorí e Díaz-Benítez (2009):

“Consideramos que, no Ocidente, sexo e gênero – assim como sujeito e raça – funcionam como conceitos *performativos* que se transformam em substâncias fictícias, unidades inicialmente só têm realidade linguística, isto é, sexo não é natural, tem uma história, um momento de surgimento e é produzido culturalmente, assim como o gênero.”(FIGORÍ E DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, pg. 21)

Não pretendemos esgotar todas as nuances das falas acionadas acima, apenas talvez pontuar algumas pistas. A primeira mais óbvia se refere ao fato de nossas tripulantes estarem inseridos em uma instituição de ensino também técnico em *saúde*, o que provavelmente dá relevância a determinados aspectos do discurso da saúde pública e coletiva, que envolve sim aspectos biomédicos.

A segunda que a nós parece mais interessante refere-se ao aspecto performativo por nós destacado na citação acima. O performativo aponta para a ação (Grunvald, 2009), para o

visível e também de certa maneira, para o corpo. É o aspecto corporal que nos chama atenção. E os aspectos biológicos destacados deste corpo, os visíveis. Não pretendemos aqui esgotar estas pistas, e retomaremos a elas no item sobre corpo e saúde.

Por fim, a partir das falas de nossos tripulantes e dos marujos acionados, concordamos com Arán (2006a), quando esta afirma que “não estaríamos nem mais num território totalmente ancorado na hierarquia entre os sexos, nem tampouco num terreno marcado pela indiferença.” (ARÁN, 2006a, pg. 40). Novas brechas, possibilidades e configurações se apresentam para nós e para nossos “nativos”.

Num contexto marcado pela computação, pela internet, pelas imagens técnicas, pela música eletrônica e virtual, referido por nossos tripulantes novas manobras vão sendo inventadas. É neste sentido, que Haraway (2000)⁸⁴ propõe o manifesto cyborgue, no intuito de desqualificar as categorias analíticas de natureza e sexo, e de escapar dos impasses dos feminismos, Haraway declara “somos todos cyborgues”. A autora dá assim destaque à tecnologia e à forma como ela vem adentrando e construindo nossos corpos, nossas vidas, nossa sexualidade.

Voltaremos a este ponto em algum momento de nossa jornada. Cabe agora assinalar que ainda que tenham questionado supostas diferenças entre homem e mulher, nossos entrevistados também as enumeraram. Muitos recorriam a sua “navegação social cotidiana” para estabelecer diferenças entre homem e mulher, ao se referirem às mulheres e aos homens que conhecem, que convivem, como amigos, colegas, pais, mãe, avós.

Assim, passamos agora a analisar as respostas dadas por nossos nativos a nossas primeiras indagações. Ressaltamos que os discursos por eles acionados possuem diversas nuances e níveis de complexidade. Iremos nos apropriar do que nos parecer pertinente ao debate, tendo clareza de que não esgotaremos todas as questões.

O último ponto que queremos destacar é que ainda que haja essa “fluidez” em convivência ambígua e contraditória com certo “machismo”, nossa pergunta, ainda que em reticências “forçava” nossos tripulantes a elaborarem alguma resposta a nossas indagações, ou seja, induzia-os de alguma forma a estabelecerem classificações ou definições ou ficções, ainda que provisórias, do que é ser homem e do que é ser mulher. Consideramos importante ter isto em mente para podermos adentrar nosso próximo rumo.

3.2. “Homem é...”

Nas falas de nossos entrevistados “induzidos” a definir o que é um homem, muitos pontos nos chamam a atenção. O primeiro alude às “imposições sociais” do ser homem, conforme enunciadas por nossos entrevistados. Assim, ainda vemos muito presente a ligação do homem como protetor e provedor, como o responsável financeiro pela família, por parte das “meninas”, conforme nas falas abaixo:

“Eu gosto do homem, sei lá, esse sentimento de querer ser protetor. De querer cuidar da mulher, o que é bom até porque o cara vai ter filho, entendeu?” (*Nicole Kidman*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

“Agora, não sei, uma coisa positiva de todos os homens, não sei, eu acho que os homens, não sei, zelam pela família, aquela coisa do pai protetor, lá em casa tem um pouco isso assim; do pai protetor, de ter responsabilidade de cuidar da mulher, de cuidar dos filhos...que eu acho que não tem uma coisa assim: “o homem tem que cuidar” ou “a mulher tem que cuidar”, é uma coisa mais dividida, né? Mas tem essa coisa dos homens de ser mais protetor e querer proteger, se bem que a mulher também tem isso muito em espírito, mas numa coisa mais financeira e econômica o homem tem essa responsabilidade mais financeira, a mulher tem mais essa responsabilidade efetiva, também tem essas questões de casa, de limpeza, de mais responsabilidade efetiva de criação dos filhos”. (*Fernanda Montenegro*, 18 anos 3º ano do E.M.)

Podemos relacionar as falas de *Kidman* e *Montenegro* com os mandatos referentes a ser homem enumerados por Olavarría (2001)⁸⁵, que seriam referentes à sexualidade, ao trabalho e à família, assim, ser homem seria: ser heterossexual (cuidar da mulher), ser pai, e ser provedor. Contudo, ao mesmo tempo podemos perceber uma certa nuance na fala de *Fernanda Montenegro*, mais próxima do universo do casal igualitário descrito por Heilborn (2004) ao dizer “é uma coisa mais dividida, né?”

Outro ponto que podemos perceber nas falas acionadas é que ainda há um modelo tradicional de família em curso, em que a mulher deveria ser responsável pelo cuidado efetivo dos filhos, e o homem pela proteção da família, e pelo sustento financeiro. Ao comparar as falas dos meninos e das meninas sobre o que é ser homem, podemos perceber algumas semelhanças no que se refere à manutenção deste modelo tradicional e a representação do homem como protetor:

“(Risos) Homem é...(Risos)...caramba...é uma pergunta difícil, porque é bem grande assim...é um ser humano, uma pessoa que normalmente assim seriam mais fortes, pessoa que veria a base como uma família, seria aquele que daria segurança, seria aquele que construiria uma família. Acho que é isso, não sei...” (*Clint Eastwood*, 17 anos, 2º ano do E.M.)

“cara...pergunta difícil. Homem é...(grito). Penso em lar quando em penso em homem, responsabilidade, *levar as coisas nas costas*, algo do tipo”. (John Ford, 19 anos, 3º ano do E.M.)

“O que eu acho chato em homem é assim, por exemplo, aquela dificuldade assim...tem muito isso, *homem leva as coisas nas costas*, é uma relação tanto quanto social. “Ah, o homem que paga a conta”, essas coisas assim. É, tem bastante., ainda tem bastante. Claro que de um tempo pra cá tem outras coisas, tem gentileza, essas coisas assim, mas *sei lá...isso às vezes incomoda*”.(John Ford, 16 anos, 2º ano do E.M.)

Os trechos acima nos remetem ao mito grego de Atlas, um dos titãs gregos que foi condenado por Zeus a sustentar o céu para sempre, a carregar o “mundo” nas costas. Segundo, Brandão (1991, 1992)⁸⁶ Atlas, em grego, significaria aquele “que sustém a abóbada celeste”^{xxxix}. Assim, nossos “nativos” enumeram que ser homem seria ser um pouco Atlas, carregar as coisas nas costas, mas referem também um incômodo em relação a isso.

Gomes (2008) se aproxima de Connell ao afirmar que feminino e masculino assumiriam diferentes feições de acordo com as múltiplas culturas, e por isso, podem ser entendidos como construções culturais. Gomes (2008) destaca, ainda, o caráter relacional ligado às construções acerca do masculino: “Os modelos de gênero se constroem em uma perspectiva relacional, significando que o que é visto culturalmente como masculino só faz sentido a partir do feminino e vice-versa.” (GOMES, 2008, pg. 65).

Contudo, conforme já apontado em nossa rota, essa perspectiva implica uma suposta oposição e complementariedade entre ser homem e ser mulher, e vem sendo ao menos problematizada como na bela dissertação de Grunavald (2009), e também pela teoria *queer*, a partir de Derrida. Assim, buscam-se novos sentidos do feminino e do masculino que não necessariamente sejam ancorados em pares de opostos e hierarquizados.

Contudo, podemos observar alguma correspondência entre as falas dos meninos e das meninas, como por exemplo na definição de um entrevistado do ser mulher, que corresponde de certa maneira, à expectativa enunciada por algumas das meninas: “que mulher...como eu posso dizer...tente a ser protegida, algo do tipo”(John Ford, 19 anos, 3º ano do E.M.).

Cecchetto (2004)⁸⁷, partindo de Connell e Kimmel, afirma que as masculinidades devem ser encaradas como configurações de práticas, ou seja, como um conjunto de

^{xxxix} Para maior apropriação deste mito consultar: BRANDÃO, J. (1991, 1992).

representações e valores que desaparecem e reaparecem ao longo do tempo. Nesta perspectiva, Miguel Vale de Almeida afirma:

“(...) ‘ser homem’, no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma, em constante processo de construção.” (VALE DE ALMEIDA, 1995, PG. 128)⁸⁸

Nesse sentido, no “mundo” dos nossos nativos, vemos operar aqui uma valorização do homem como Atlas, como protetor, como “pai”, como “provedor”. Entretanto, ainda que esta valorização possa ser predominante, ou ter aparecido com mais frequência, se aproximando de alguma forma de uma masculinidade hegemônica nos termos de Connell^{xl}, “incomoda” e há também outras representações e valorizações referidas por nossos “nativos”.

Assim, *Grace Kelly*, por exemplo, ao mesmo tempo em que evoca que o que gosta num homem é que ele seja protetor, critica o machismo, enumerando as dificuldades de convivência com certas práticas e representações machistas:

“E o que eu não gosto num homem é a questão do machismo. Aí eu não suporto. E o pior de tudo, assim, meu pai, que é o homem que eu tenho mais contato, mais assunto, é um poço de machismo. Quando você comentou, porque eu não tenho a minha mãe e ele me cria sozinho, e é aquele excesso de machismo. “Não se você é mulher não pode fazer isso, se você é mulher tem que fazer aquilo.” E eu também não admito isso de jeito nenhum. Eu fico “p” da vida. E tem uns amigos meus, que não foram só amigos, que eu já tive algum envolvimento extra amizade, que é exatamente assim. (...) Então é o machismo que me irrita completamente nos homens”. (*Grace Kelly*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

A recusa ao machismo e a hierarquia entre os “sexos” também aparece na fala de *Truffaut*: “Entrevistadora: e o que você não gosta nos homens? Tipo que você acha nada a ver? *Truffaut*: exatamente o contrário, quando o homem se acha superior à mulher, acha que a mulher é um objeto e que tem que satisfazer as vontades dele.” (*Truffaut*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

Outra nuance interessante nos discursos de nossos tripulantes é a ligação do homem com o feminino, com a fragilidade. Importa aqui destacar que esta aparece, junto com uma valorização do homem como másculo, como forte, como resistente, presente também em

^{xl} O autor propõe a partir de Gramsci que existiriam masculinidades hegemônicas e múltiplas masculinidades, entretanto esta hegemonia não seria de maneira nenhuma fixa, estando sempre em disputa. Para uma maior apreciação destes conceitos ver Connell (1995, 2000) e Gomes (2008).

algumas etnografias recentes no universo homoerótico, como mostram Vecanto (2009)⁸⁹, Pelúcio(2009)⁹⁰ e Oliveira (2009)⁹¹.

Heilborn (2004) alude, também, a uma “feminilização” presente no universo de seus entrevistados. Entre nossos “nativos” destacamos as falas de *Marx* e *Flusser*, e ressaltamos o fato dessa valorização aparecer na fala dos meninos:

“Cara, homem é...(pausa) eu acho que é um ser que por mais que mostre uma firmeza, uma dureza na forma, ele é frágil, sabe? Eu acho que o sexo frágil, na verdade, eu acho que é o homem, né. (...). O homem tem dificuldade em assumir esse caráter psicológico, esse caráter afetivo. E ele se torna mais frágil por causa disso. Os homens que fazem isso, que voltam-se para essa condição feminina, digamos assim...então primeiro, a gente tem dificuldade em aceitar isso, porque o padrão da sociedade é colocar o homem como aquele que não sente, aquele que somente faz, e que não consegue expressar e que não pode expressar o que realmente lhe incomoda, no sentido de desejo, de sentimento. (...) Homem apesar da postura forte e a postura mais centrada na verdade é só frágil.” (*Charles Chaplin*, 18 anos, 2º ano do E.M.)

“tem até uma música do Gilberto Gil, super homem, uma canção, que vai falando que todo homem devia ser um pouco mulher e tal, e se descobrir...eu acho que falta isso assim, no geral, né? Do homem se descobrir um pouco mulher. Essa coisa que é mais característica da mulher, historicamente, da sensibilidade e tal, eu acho que falta no homem. A delicadeza e tudo.” (*Woody Allen*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Por fim, apareceu ainda a referência à amizade, como definição do ser homem, exploraremos este aspecto em outro item, no qual abordaremos as entrevistas realizadas em pequenos grupos.

Assim, nossos “nativos” se movem por diferentes regimes de vento, e percorrem diferentes caminhos, como numa navegação às vezes o vento sopra de um lado, às vezes de outro, às vezes mais forte, outras, brisa fresca. Se há questionamentos da família tradicional nuclear em curso^{xli}, e assim de determinações de “papéis” masculinos, ela ainda possui força, e força renovada talvez pelos mecanismos cotidianos do biopoder, como tentaremos explorar brevemente no item saúde e corpo.

Existem, contudo, brechas, nuances. Nesse sentido, Butler (2000) afirma: “o sexo dos sujeitos é regulado e materializado por normas construídas pelas sociedades e, por mais que tais normas sejam reiteradamente afirmadas, *os corpos nunca se conformam totalmente a elas.*”^{xlii} (BUTLER APUD GOMES, 2008, pg. 63)

^{xli} (como referem, por exemplo, Áran, 2003, Birman, 2001, Heilborn,2004)

^{xlii} Grifos nossos

Assim, há normalização e criação. Existe Gilberto Gil em toda a sua força máscula feminina, e há novos ouvintes e intérpretes de Gil. Novos pontos de escapes, novas invenções, abjeções e possíveis se apresentam no território imperativo da normalização. Podem dizer que essas nuances são parte do ser jovem, que depois alguns se definirão, dentro do “imperativo social” que lhes couber, pode ser, mas preferimos pensar que as novos ventos que sopram e com estes novos (e velhos) destinos possíveis.

3.3. “eles não sabem o que dizem”^{xliii}

“Orlando já sabia, pela sua própria experiência de homem, que os homens choram tão frequentemente e tão sem razão quanto as mulheres; começava, porém a perceber que as mulheres se escandalizavam quando os homens manifestavam emoção diante delas.”(Woolf, 1978, pg. 100)

Intitulamos este item, desta forma, pois percebemos certo tom de “desconsideração” ou mesmo desvalorização dos homens, por parte de algumas falas das meninas. Soma-se a este fato, a representação do masculino, por parte das meninas também, como frio e racional, que tem que se manter firme. Nesse sentido, a seguinte fala de *Montenegro*, nos lembra, de alguma forma a epígrafe acima do personagem Orlando, homem-mulher, de Virginia Woolf: “o homem tem que manter um ego, uma postura.”(*Fernanda Montenegro*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Um de nossos entrevistados valorizando a questão da sensibilidade e das mulheres se aproxima de Orlando (a):

“Eu assim eu tenho as grandes pessoas, os grandes exemplos pra mim são mulheres. Então assim, o objetivo, o ponto central de tudo que desejo, que eu tento, sabe? Justamente porque elas se expressam simplesmente. Elas se expõem. O homem não, o homem pra fazer isso tem que romper com um padrão de sociedade todo instrumentalizado, todo configurado pra aquilo que eu já te falei, de não sentir, de não se expressar. E o que eu não gosto nas mulheres é quando elas acham que só elas podem ser assim. Só elas podem expressar, só elas podem sentir, porque, sem querer, elas acabam colocando dentro delas um aspecto machista, aí é o feminismo às avessas, né.” (*Charles Chaplin*, 18 anos, 2º ano do E.M.)

Barbosa (1998)⁹² se aproxima de nosso rumo, ao analisar a ideia de uma suposta racionalidade e controle emocional como associadas ao masculino. Assim, a autora afirma que o aprendizado da masculinidade estaria ligado a eliminação de argumentos e expressões

^{xliii} Referencia livro: MANNONI, M. *Elas não sabem o que dizem*. Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999. Contudo importa aqui destacar que esta autora usa esta metáfora para falar de Virginia Woolf e a desvalorização das mulheres, e ainda a linguagem do inconsciente, presente também, nas manifestações históricas do início do final do século XIX e início XX.

físicas de conteúdos emocionais. Destaca que o ensinamento dado ainda aos meninos, em alguns meios da sociedade brasileira, de que “homem que é homem não chora” e “não deve ter medo”, como também aparece na fala de *Fernanda*:

“os homens tipo assim eles não sabem, eu vou falar primeiro de negativo depois eu falo de positivo...*os homens não sabem*, até pelo jeito como funciona a sociedade, eles não sabem muito lidar com sentimento. Então os homens, então não é só essa coisa de não chorar, mas de *não saber lidar com as situações, né?*” (*Fernanda Montenegro*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Entretanto, Barbosa (1998) defende possíveis desconstruções do modelo hegemônico de masculinidade. Neste sentido, destaca na literatura brasileira, *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, analisando a desconstrução do conceito de virilidade do sertanejo e do jagunço através do choro.

Contudo, se existe Riobaldo e Guimarães Rosa, em suas veredas, outros marujos alertam para outros ventos que também sopram. Carrara, Russo e Faro (2009) se propõem a fazer uma análise crítica da recente Política Nacional de Saúde do Homem. Cabe-nos aqui destacar o que os autores declaram que esta política teria por objetivo “a medicalização do corpo masculino”, e que “visa, ao contrário das políticas voltadas para as mulheres e outras minorias, ao ‘desempoderamento’ do sujeito à qual se dirige”. Assim, após a apropriação da medicina pelo corpo da mulher (Birman, 2001) não estaria em curso uma domesticação do corpo masculino pela medicina? E mais, não seria esta uma reivindicação das mulheres?

Não pretendemos responder a estas questões aqui, talvez apenas levantar novos rumos. Assim, destacaremos algumas falas de nossas tripulantes que percebemos algo dessa desvalorização ou desqualificação, ou mesmo a reiteração de que “é a mulher que sabe”:

“e o homem...sei lá, o homem mente mal, por ser um pouco mais ignorante.(risos) .” (*Cate Blanchet*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“bom, vamos lá, homem é imaturo, homem é bobo, mas assim a maior diferença do homem pra mulher é que a mulher ela espera do homem o que o homem não vai conseguir, entendeu?” (*Sonia Braga*, 16 anos, 1º ano do E.M.)

“ela (*a mulher*) sabe o que é positivo, o que é negativo, sabe, ela sabe essa diferença melhor do que o homem”. (*Sonia Braga*, 16 anos, 1º ano do E.M.)

Fazendo um retrato um tanto irônico das diferentes definições dadas pelas meninas sobre o ser homem, temos um homem protetor, forte, que deve ser bom marido, bom pai, trabalhador e ainda fazer o que elas “dizem”, já que “eles não sabem lidar com as situações”.

Esse retrato um tanto caricato e grotesco nos chama a atenção; contudo, pontuarmos que os meninos também reiteram essas falas na representação do homem-atlas. Mas há outras nuances e signos do masculino, em curso, conforme elencamos acima. Passaremos agora a nossa próxima parada: ser mulher é...

3.4. “Mulher é...”

Os “jogos de linguagem” acionados por nossos tripulantes para definir o que seria uma mulher, é de certa forma, permeado pela historicidade do termo e suas respectivas práticas sociais. Desta maneira, Birman (2001) destaca que o que estava em pauta na teoria da diferença sexual^{xliv} era a problemática da maternidade, “a construção estrita do ser da mulher em torno da figura da mãe e da finalidade específica da reprodução da espécie” (BIRMAN, 2001, pg. 51).

Pós- Simone de Beauvoir, Butler (2008) empreende poderosa crítica com relação à dualidade “fixista “entre masculino /feminino e seus correlatos – como o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória – e com isso tem por alvo a crítica da categoria de identidade.

Grunvald (2009) analisa o conceito de abjeção em Butler, a partir fundamentalmente de Deleuze, Guatarri e Foucault, e aponta alguns outros possíveis, para além - de- Butler, questionando inclusive as categorias de natureza-cultura e doméstico-público, indivíduo-sociedade.

Contudo, se essa discussão está presente no cenário Ocidental-globalizado-contemporâneo, ainda vemos ecoar o barulho das ondas em outras direções. Assim, nossas entrevistadas, declaram-se feministas, mas associam frequentemente a mulher com os cuidados com a casa.

Há, entretanto, contraditoriamente, uma recusa desta mesma representação da mulher, pois ao indagarmos o que não gostavam de fazer, muitas meninas referiam tarefas domésticas. O que nos aponta duas direções, uma primeira de recusa deste “papel” e uma segunda que estas tarefas ainda são relegadas preferencialmente às mulheres.

^{xliv} Para uma breve problematização desta questão ver o primeiro capítulo desta dissertação, para uma apreciação mais cuidadosa e apurado remetemos: LAQUER, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001; e Foucault: A história da sexualidade, vol. 1: A vontade de saber.

Este dado, de certa forma, se aproxima do encontrado por Heilborn (2004), quando a autora descreve que entre os casais heterossexuais que entrevistou o cuidado com o lar, com os filhos e mesmo com a relação, era primeiramente direcionado às mulheres. Com relação aos casais gays e de lésbicas, Heilborn (2004) refere que entre os gays seria mais partilhado, destacando neste grupo a recusa de uma identificação de uma das partes do casal como a “mulher”, ou “efeminada”; e nos casais lésbicos a autora refere uma maior divisão com cuidados com a casa.

A autora destaca ainda uma maior associação da socialização feminina com o espaço da casa. Nossas tripulantes a corroboram neste sentido. Questionam a “condição estrita da mulher à figura da mãe”, e os cuidados com a casa, o marido e a família, mas ao mesmo tempo o reforçam, como na fala abaixo:

“Eu por exemplo eu sou feminista, mas eu acho que mulher não tem que ter...sei lá...mulher e homem são diferentes e eu acho que mulher não tem que tentar ser igual, elas são diferentes, sabe? Eu acho feio uma mulher virar e falar assim: “nunca vou cozinhar pro meu marido”, entendeu? Eu acho feio porque...sei lá...eu acho ‘supermaneiro’ cozinhar e tal, eu acho é bonito, sabe? Eu acho que gera até um certo orgulho, do marido, aquela coisa de mulher, é o teu jeito de cuidar do seu marido...você vai fazer o que? Você vai bancar o seu marido o tempo todo? Você que vai ser o marido e ele que vai ser a esposa, sabe? Eu acho que, não é querendo ser antiquada, mas eu acho que algumas coisas não deveriam ser levadas, sei lá, tão levadas ao extremo, entendeu? Ah, vamos ser feministas, vamos mudar tudo, entendeu? Eu acho assim, eu acho que algumas coisas não tem sentido mudar.”.(*Nicole Kidman*, 17 anos, 3 ano do E.M.)

A fala de *Nicole Kidman* nos remete a uma escolha por parte das mulheres de “assumirem” esse papel de esposa, de mãe. Birman (2001) refere uma “governabilidade do espaço doméstico” por parte das mulheres, no contexto da construção do paradigma da diferença sexual, e da ancoragem da mulher como mãe-esposa-do“lar”.

Neste sentido, Viana (2008) dialoga explicitamente com Birman, ao afirmar que este nos lembra que a figura da mãe passou por transformações, nesse contexto biopolítico; assim de uma função meramente reprodutiva que tinha na família extensa, ela passa a ser a responsável pela governabilidade do espaço doméstico. Contudo, a partir de Birman, Viana alerta: “Com isso a mulher por um lado ganhou um poder na esfera social antes inexistente e, por outro, vivenciou a perda de experimentar outras posições desejantes que não fossem a da maternidade”. (VIANA, 2008, pg. 57)

Vemos ainda ecoar este paradigma, e mais indagamos se não estaria em curso uma nova “normalização” das figuras da mulher e do homem, ancoradas agora no discurso (pós) moderno dos direitos de cidadania (e aqui as políticas de respeito às diferenças e à diversidade, como a briga política pelo casamento gay, por exemplo), da ecologia, da maximização da saúde, através de práticas “higiênicas”, saudáveis, “normais”, de prolongamento na vida.

Não pretendemos discutir e mais ainda esgotar esta discussão neste nosso (breve) percurso. Mas vemos nossas jovens tripulantes às voltas com essas questões, assim ao mesmo tempo em que questionam o machismo, e querem trabalhar, estudar, também querem corresponder com o “papel” de mãe:

“O que eu acho das mulheres? (...) as mulheres são muito guerreiras, porque apesar de todos os preconceitos, de todas as dificuldades que elas passam assim, as mulheres também têm uma responsabilidade, uma cobrança de criação dos filhos que é muito maior que a do homem, né? (...) a mulher é cobrada de uma questão de conseguir manter a integridade da casa, de conseguir manter os filhos bem, manter uma boa relação com o marido também, de conseguir manter a casa harmônica. E quando a mulher trabalha, a responsabilidade é maior, porque ela também tem que dar conta do trabalho (...) a mulher aguenta muitas pressões pra tentar manter tudo isso: o papel de mãe, de mulher... tudo isso equilibrado, e eu acho isso muito difícil.” (*Fernanda Montenegro*, 18 anos 3º ano do E.M.)

“a mulher eu acho que ela tem que ser dócil.” (*Lais Bodanzky*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Fernanda Montenegro diz que é difícil, mas toma as “cobranças” como inexoráveis, dadas, como algo que devemos “docilmente” aceitar e “cumprir”, ainda que seja “muita pressão”, temos que manter tudo “equilibrado”. *Catherine Deneuve*, nossa entrevistada, aponta questões interessantes:

“É como se tivesse tido um período, como se fosse uma revolução no comportamento da mulher, na década de 60, aquela coisa da tomada do corpo, do poder comandar a sua própria sexualidade e a questão do trabalho, mas *eu acho que com o tempo isso se tornou alienado*. Eu acho que hoje em dia já não existe mais uma cultura que faça as mulheres se lembrarem disso e até continuarem avançando.” (*Catherine Deneuve*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Destacamos ainda outra fala de *Catherine Deneuve*, em que ela se indaga sobre a questão que poderíamos chamar de novas “normalizações”, ou mais estritamente sobre o casamento:

“Aquela mulher que foi determinada através dos tempos, aquela mulher dona de casa, de uma mulher talvez inferior ao homem, isso é

uma coisa que me incomoda muito (mudança tom de voz). Às vezes você vê como isso existiu ou existe. Que essas coisas ainda não foram superadas. Eu penso até na minha vó: ela não trabalhou porque o marido não deixou, sabe? Não é algo que tá tão assim no passado... Entrevistadora: E ela queria ter trabalhado? RS: Ela queria ter trabalhado, ela não pôde porque o marido não deixou. Eu não gosto disso. Eu acho que às vezes... isso me deixa triste (mudança tom de voz), me incomoda. *Eu não quero cair nesse conceito de mulher*, eu penso no futuro... às vezes eu fico questionando... por exemplo, às vezes a gente fica com vontade de casar pra nós termos uma pessoa ao nosso lado. *Mas às vezes o próprio pensamento de como a entidade do casamento é vista hoje em dia me incomoda*. É, não sei eu não queria ser uma mulher que fica apenas cuidando dos filhos, não fizesse mais nada. Eu não queria cair nesse mesmo estereótipo, sabe?" (Catherine Deneuve, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, Catherine Deneuve aponta não apenas no sentido de (velhas) “normalizações” em curso, em que sua vó não pôde trabalhar, por exemplo, mas acena com incômodo sobre como a entidade do casamento é vista hoje em dia. Remetemos aqui o movimento pela legislação pró-casamento gay, e longe de queremos responder a esta questão, importa-nos como Butler (2004)⁹³ enuncia em entrevista sobre o tema, problematizar por que isso é uma questão, o que está por trás dessa questão não seriam novos mecanismos de normalização e captura das diferentes formas de família?

Lançamos nossas indagações ainda sem resposta ao vento de novos possíveis rumos futuros, quem sabe. Cabe-nos agora, pontuar ainda outros marcadores presentes nas falas dos nossos “nmativos” ligadas à figura da mulher.

Assim, percebemos ainda tanto nas falas das meninas como dos meninos a representação da mulher como sentimental, afetiva, sensível. Outro ponto interessante presente nas entrevistas é a ligação da mulher à beleza, que aparece tanto como representação do ser feminino, como também quase como um mandato, conforme explicita *Andrey Hepburn*, 17 anos, 3º ano do E.M.: “toda mulher *tem que se cuidar*, né. Então eu acho legal a mulher se cuidar, tipo assim, tá sempre cuidando do cabelo. Tá sempre bem arrumada e tudo mais (...)”

Por fim, destacamos que percebemos nas falas de nossos (as) tripulantes ainda a representação da figura da mulher, como falsa, dissimulada, o que nos remete novamente à Birman (2001), que ao revisitar, em novas bases, o percurso freudiano, destaca o discurso inicial (e ainda presente) do meio médico em torno da figura da histérica, como dissimuladas, “fingidoras”, “falsas”.

3.5. Bissexualidade – própria e de “outros” ou “I kissed a girl, I liked”^{xlv}

Perguntamos também a nossos “nativos” o que os atraía na mulher e no homem, o que gostavam, o que valorizavam, o que os chamava atenção. Aqui as respostas foram bem variadas indo desde a parte física (como rosto, mãos, “gostossisse”, ser forte – como ponto de atratividade dos homens), até questões como inteligência, “ser quem se é”, “talento” ou “dons naturais”, ou ainda “inquietação com o conhecimento”.

Assim, se a aparência física tem uma importância considerável para este grupo, como percebemos nos adereços que utilizavam e na preocupação com “não engordar”, também existem interesses outros.

Muitos também se referiam ao fato de no colégio existirem tanto casais homo, como heterossexuais, não sendo esta questão ainda tão marcada, a referência de nossos tripulantes apontava mais no sentido de uma experimentação erótica ou amorosa inicial. Contudo, durante as entrevistas e os grupos não abordamos diretamente essa temática, apenas uma entrevistada livremente declarou que se sentia atraída tanto por homens como por mulheres. Assim, ainda que haja essa experimentação em curso e que nossos “nativos” lidem com ela com uma *certa* naturalidade, vigora, de certa forma, uma norma heterossexual, em termos butlerianos, já que estas relações (homoeróticas) eram sempre referidas aos outros.

Outro ponto que nos chama a atenção é essa referência à questão dos “dons naturais”, do talento de cada um, de “ser quem se é”. Nosso intuito é navegar brevemente sobre este tópico em nosso próximo item.

3.6. Amor, romantismo e marxismo

Intitulamos este trecho da forma acima, pois nossa hipótese, percepção ou interpretação é que estes três termos se relacionam de alguma forma na “representação de mundo” de nossos “nativos”. Assim, inicialmente nos chamou a atenção a fala de *Grace Kelly*, nossa entrevistada, sobre compreensão, o que ela queria dizer com “porque eu tento compreender o indivíduo de todas as formas”.

Em outro momento, numa das entrevistas em grupo, *Costa-gravos* ao falar do seu recente término de namoro, fala que “é preciso uma retomada da inocência”, e depois

^{xlv} Referência à música da cantora Katy Perry “I Kissed a girl”

complementa romanticamente: “muito difícil você ver um casal que só se preocupa em deitar numa grama e ver as estrelas”. O que orienta(va) a navegação social de nossos entrevistados nessas falas?

No intuito de tentar responder as essas questões, remetemo-nos a marujos outros que empreenderam diferentes percursos. Nesse sentido, Viveiros de Casto & Benzaquem de Araújo (1977)⁹⁴ refletem sobre a tragédia de Romeu & Julieta e a origem do Estado-moderno, para estes autores o poder e o amor seriam duas noções “mana” que fundam a visão de mundo ocidental-moderna, do indivíduo-como-valor^{xlvi}. Os autores esclarecem:

“o indivíduo mesmo oferece essa dupla face: o lado do poder que o liga com o mundo oficial, legal, jurídico, de indivíduos iguais em essência que competem por esse poder; e o lado do amor, que o liga com o mundo privado, ‘natural’, povoado igualmente por seres sociais, mas dotados de uma personalidade que os singulariza e os eleva.”(VIVEIROS DE CASTRO & BENZAQUEM DE ARAÚJO, 1977, pg. 167)

Nesta perspectiva, Duarte (2004, 1999) reflete sobre o “romantismo” e a categoria de sexualidade na modernidade ocidental, e destaca três aspectos que considera correlatos a esta categoria: sensibilidade, fisicalidade, perfectibilidade. O autor destaca que desde o século XVIII percebiam-se críticas ao progresso, à mudança, para Duarte “é inseparável dessa reação o movimento de *revalorização da natureza* e do mundo rural.”(DUARTE, 2004, pg. 7), o que consideramos que pode ajudar a esclarecer a preocupação de *Costa-Gravos* em “ver as estrelas”.

Outro ponto recorrente na fala dos entrevistados era a crítica à falta de honestidade, de “caráter”, à falsidade, hipocrisia. *Alfred Hitchcock* estava particularmente incomodado com isso, pois se sentia traído por um amigo, que segundo ele não teria lhe dado apoio e ainda estaria “jogando intriga” no seu namoro. Consideramos que essa fala recorrente também diz da idade e juventude de nossos informantes, das “ilusões perdidas”^{xlvii}, que fazem um pouco parte da vida. Contudo, achamos que as cores aí se encontram carregadas pelo romantismo e pelo viés marxista da escola.

Nesse sentido, outro entrevistado afirma que gostava muito de sua namorada, achava que ficaria muitos anos com ela, mas que seu relacionamento teria terminado por causa da

^{xlvi} Dumont, 1986.

^{xlvii} Título do livro de H. Balzac

competição, que hoje “corromperia” as pessoas. Neste rumo, Vasconcelos (2005)⁹⁵ nos lembra que o romantismo representa uma dimensão crucial do pensamento de Marx e Engels.

Segundo o autor, o romantismo de Marx se manifesta em seus escritos de múltiplas formas, das quais uma das mais importantes é provavelmente sua concepção do comunismo moderno enquanto restabelecimento de certos traços das comunidades primitivas. Marx em sua carta de 1881 para Vera Zassulitsch escreve que a abolição revolucionária do capitalismo significará "o retorno (Rückkehr) das sociedades modernas ao tipo 'arcaico' de propriedade comunitária" ou, mais, "um renascimento do tipo de sociedade arcaica sob uma forma superior"(VASCONCELOS, 2005).

Al Pacino, um de nossos entrevistados, define que tornar-se homem, teria a ver com “sentir a dor do mundo”. Nossos românticos tripulantes ao se relacionarem uns com os outros, e “colocarem-se na vida”, “no mundo”, perdem talvez algumas de suas ilusões, criam outras, às vezes, mas dizem: “dói”.

3.7. Gostos & costumes

Outro ponto de investigação de nossa viagem foi com relação aos gostos e costumes de nossos “nativos”, assim nós os indagávamos sobre o que gostavam e o que não gostavam de fazer, para que lugares saíam, quais eram suas preferências musicais, literárias. Assim, dividiremos este tópico em subitens, que ressaltam os aspectos que consideramos mais expressivos.

“Eu tenho amigos de todas as tribos”

“que que eu gosto de fazer? Bom, eu tenho amigos de todas as tribos possíveis, então eu gosto assim de tudo, porque pra cada tribo eu faço algo diferente, sabe? E eu tenho amigos muitos diferentes, entendeu, eu gosto de falar que eu tenho que saber articular com os dois lados, entendeu? Eu tenho amigos completamente opostos de outros, por exemplo *eu tenho amigos aqui que são mais inteligentes e tal*, então a gente curte...é...eu posso sair com eles pra curtir coisas mais intelectuais, coisas que outros, entendeu? Aí o povo mais da bagunça eu posso curtir de outro jeito, entendeu? Então eu já fui...eu adoro ir em festa pra dançar, pra dançar. Eu vou pras essas festas, que tem gente que, por exemplo, *se eu fosse com os meus amigos daqui, a gente ia pra ficar olhando, tipo assim, talvez beber e tal, aproveitar, mas nem todo mundo aqui dança, sabe? Não dança e se acabar e sai destruída, sabe? Eu saio acabada, com outros amigos, entendeu?* Com outros...até por isso que quando a gente vai pra essas festas, a gente muda o estilo musical, se eu quero ir pra me acabar, eu vou pra funk, se eu quero ir pra escutar mais a letra, então eu vou, sei lá, pra uma coisa que tenha letra, já fui no

show do Djavan, sabe? Então eu acho maneiro, porque eu tenho amigos de todos os lados que todos eles me completam, entendeu? Eu posso me divertir de todo jeito”. (*Nicole Kidman*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Fizemos questão de reproduzir um trecho grande da fala de uma de nossas tripulantes, pois o consideramos elucidativo em relação aos valores e mundo social em que nossos “nativos” criam e se movem. *Nicole Kidoman* já tinha uma rede de amigos antes de entrar no *Poli*, continua mantendo essa rede, *meus outros amigos*, e também incorpora novos, *os amigos daqui*, nesse sentido, ao ampliar o seu círculo de relações sociais, expande a sua “individualização”, conforme propõe Simmel (1971)⁹⁶.

Simmel (1967)⁹⁷ inicialmente vai se interessar por estudar as cidades e as mudanças que ocorrem decorrentes da vida cidadina. O termo “individualização” implica considerar a discussão referente ao pertencimento aos grupos pequenos e grupos maiores. Se no campo, o indivíduo era mais “restrito” dentro de seu grupo, na cidade se tem a possibilidade de participar de diferentes grupos, ao mesmo tempo, em aspectos inclusive contraditórios, como *Nicole Kidman* deixa transparecer no trecho em itálico destacado de sua fala. Assim, para Simmel a maior possibilidade de interações levaria à diversificação das trocas, e a maior a individualização (1971).

Nesse sentido, Gluckman⁹⁸ propõe a teoria da situação social, em que ele discute quem são as pessoas e como se relacionam e que um mesmo indivíduo pode pertencer a vários grupos inclusive contraditórios (GLUCKMAN, 1987). Outro ponto importante que pode nos ajudar em nossas reflexões acerca do referido tema, é a questão trazida por Bott (1976)⁹⁹ e Mitchell (1969)¹⁰⁰ das redes sociais.

Assim, nas cidades (“mais misturadas”), os referidos autores propõem não mais o conceito de grupo para pensar a interação entre as pessoas, pois um mesmo indivíduo pode pertencer a vários grupos. Nesse sentido, os autores propõem o conceito de redes sociais, Mitchell clarifica o conceito de network (redes):

“A noção de rede social que Barnes (1954) introduziu em seu estudo de uma ilha norueguesa freguesia aproximado ao de um diágrafo em que as conexões entre as pessoas que foram pensadas em termos de ligações simples (ou seja, não havia arcos paralelos) e laços foram claramente inaplicável, assim, não havia limite para o número de pessoas envolvidas.”(MITCHELL, 1969, pg. 3)^{xlviii}

^{xlviii} Tradução nossa. Texto original: “The notion of the social network that Barnes (1954) introduced in his study of a Norwegian island parish approximated to that of a diagraph in that the connections between the persons were thought of in terms of singles links (i.e. there were no parallel arcs) and loops were plainly inapplicable but there was no limit to the number of persons involved” (MITCHELL, 1969, pg. 3)

As relações e interações sociais ganham complexidade tamanha, em que há múltiplas conexões e interações possíveis, num processo contínuo de expansão. Podemos referir também aqui a multiplicação das interações virtuais, via internet, também referida por nossos tripulantes. Cada um possui pontos de interseção com os amigos que fazem parte de sua “rede”, contudo há também, nessa “mistura”, pontos de divergência presente, que “exigem”, de certa forma, “mediação” ou “tolerância” como ressalta *Zelito Viana*:

“Eu sou muito tolerante, qualquer coisa, quase qualquer coisa eu relevo, porque as pessoas são diferentes. Por exemplo, o meu gosto é completamente oposto ao da minha namorada. Eu gosto de metal, ela gosta de funk, eu gosto de música clássica, ela gosta de pagode. Eu realmente odeio tudo que ela gosta. Nada que eu possa criticar, porque gosto é gosto”. (*Zelito Viana*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

3.8. “qualquer lugar é lugar”

Dois outros pontos também nos chamam a atenção com relação às falas e às práticas sociais descritas por nossos tripulantes. O primeiro é relativo ao espaço, e o segundo ao tempo. Por esse ângulo, nos aproximamos da etnografia da *night* carioca realizada por Almeida e Tracy (2003)¹⁰¹. Contudo, nossos “nativos” possuem algumas críticas e pontos de afastamento em relação a aspectos valorizados pelos jovens “etnografados” por estas autoras, exploraremos este tópico em nosso próximo item, cabe-nos aqui pontuar algumas aproximações possíveis.

As autoras referem-se a Foucault:

“em um artigo pioneiro intitulado ‘os espaços outros’ Michel Foucault atribui ao deslocamento das relações entre tempo e espaço a causa da inquietude contemporânea. Se ‘a época atual é antes de mais nada, a época do espaço, o novo regime espacial constitui-se em torno de uma série de transformações a partir das quais a produção social do espaço substitui a localização física. Foucault, porém, não está interessado apenas em apontar para a centralidade do espaço, mas para sua flexibilização, pois a contemporaneidade estaria experimentando uma ‘dessacralização prática do espaço (...)’ (ALMEIDA & TRACY, 2003, pg. 26)

Nas falas de nossos entrevistados esse deslocamento, de alguma forma, aparece. O que importa para eles não é o lugar, mas com quem se está. Nesse sentido, aproximam-se dos “jovens da *night* carioca” da pesquisa de Almeida e Tracy (2005), como explicita *Andrey Hepburn*:

“Eu falo muito com as minhas amigas, assim, “não tem lugar chato”, o negócio é você estar num lugar com pessoas interessantes que

você sempre arruma alguma coisa pra fazer.” (*Andrey Hepburn*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

A percepção da passagem do tempo por nossos “nativos” é também um aspecto interessante. Fazer a mesma coisa por certo período de tempo é considerado por eles como chato, desinteressante, difícil, enfim como algo que não gostam. Nessa perspectiva, ficar parado também é motivo de inquietação, como destacam *Zelito Viana* e *Andrey Hepburn*:

“Eu não gosto muito de lugar parado(...). Então uma coisa muito monótona, muito paradinha eu acho meio chato”. (*Andrey Hepburn*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

“Eu não gosto de ficar muito tempo sentado. *Isso me impede de fazer as coisas que eu gosto por muito tempo também.* Por exemplo, embora eu goste de ficar muito no computador, às vezes cansa. Eu não gosto de fazer a mesma coisa por muito tempo.”(*Zelito Viana*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Zelito Viana acha que isso, inclusive, o atrapalha, *impede de fazer as coisas que ele gosta por muito tempo*, contudo acena com uma dificuldade, de fazer a mesma coisa por muito tempo. Há uma aceleração na transmissão das informações, em nossas (e de nossos nativos) práticas cotidianas que pode ter alguma relação com essa inquietação, nesse sentido as autoras refletem:

“Como enfatizou Paul Virilio, a contemporaneidade é marcada por uma crise *das* dimensões temporais e espaciais. Essa crise, que atinge todos os domínios da experiência, é gerada pela velocidade de deslocamento e transmissão no âmbito dos novos meios de transporte e comunicação.” (ALMEIDA & TRACY, 2003, pg. 65)

Outra semelhança entre nossos tripulantes e os “jovens da night” é o tédio que ambos referem ao fato de “se estar em casa sozinho”. Almeida e Tracy (2005) argumentam que este “novo desenho do tédio” estaria relacionado a “um estado de coisas acionado por fatores de natureza eminentemente externa aos sujeitos”: “se estar em casa e não saber o que fazer consigo, é a condição de não se estar lá inserido, enquanto ‘tudo se move lá fora’ - é o fato, enfim, de não se ‘estar lá’.” (ALMEIDA & TRACY, 2003, pg. 96)

Alfred Hitchcock sintetiza esse tédio e ressalta uma “obrigatoriedade”:

“*Tipo assim quando eu vejo que não tem nada pra fazer e eu vejo que eu vou ficar o dia inteiro no computador eu fico entediado.* Penso assim: “poxa, ninguém me chamou pra sair...não tem ninguém em casa.” Não tem nada pra fazer (...) que saco, cara! Aí eu fico de saco cheio, aí eu não acho muito legal”.(*Alfred Hitchcock*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

No computador, *Alfred Hitchcock*, ao menos, fica conectado, inserido, em rede, comunicável, num tempo e num espaço virtualmente existentes.

“Adoro o Norteshopping, não gosto do Barrashopping”

A frase acima é um recorte de fala de uma de nossas “nativas”. Utilizaremos este recorte com o intuito de pensarmos acerca das “regiões morais” acionadas por nossos nativos, e também refletirmos sobre uma constante interposição em suas falas entre suas práticas e a de “outros jovens”. Aqui não se trata mais de pensar apenas com relação à mistura e multiplicidade, mas sim em tomar alguns marcadores comuns presentes nas falas de nossos entrevistados para se diferenciarem (e de certa forma se hierarquizarem) dos “outros”.

A noção de “regiões morais” é tributária de Park¹⁰². Assim, esse autor ao pesquisar as cidades, afirma que: “os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos, que se tocam, mas se interpenetram” (PARK, 1967, pg. 62). Wirth (1967)¹⁰³, ao problematizar as regiões morais descritas por Park, distingui-as como tendo algum valor (ou alguns valores) que mostram que aquele grupo se constitui como grupo. Becker (1977)¹⁰⁴, posteriormente, vai trabalhar com o conceito de mundos sociais.

Robert Park (1967) propõe que as cidades estão compostas por zonas morais, nesse sentido Heilborn (1999)¹⁰⁵ se apropria desse construto para pensar sobre a cidade do Rio de Janeiro:

“O Rio de Janeiro tem sido descrito como uma cidade que apresenta uma hierarquia simbólica do espaço organizada pela oposição sul-norte. Não se trata de uma segregação social simples de locais a partir da presença de segmentos mais afluentes e outros desfavorecidos, uma vez que as favelas incrustadas nos bairros mais valorizados ensejam a convivência de mundos sociais muito distantes. A história do desenvolvimento urbano da cidade a partir dos anos 40 altera os lugares valorizados de moradia. Os bairros mais do que divisões administrativas são suportes de estilos de vida diferenciados. A zona sul da cidade foi associada à modernidade, à riqueza, a cosmopolitismo. Tal classificação do espaço pode ser apreciada na maneira como a recente expansão da cidade na direção da Barra da Tijuca, essa parte da cidade foi incorporada como se fosse simbolicamente sul (Jaguaribe,1998). À zona norte e aos diferentes subúrbios da Leopoldina e da região da Central foram designados uma conotação moral de natureza mais tradicional e conservadora. Tal associação sempre esteve articulada com representações atribuídas aos segmentos sociais intermediários e inferiores das camadas médias e populares e às formas de controle da vida social em tais locais, onde se superpunham redes de vizinhança e parentesco.” (HEILBORN, 1999, pg. 98)

Boa parte dos jovens que entrevistamos reside na dita “zona norte” da cidade^{xlix}, em bairros como Penha, Olaria, Ilha do Governador, assim, podemos relacionar a fala de nossa tripulante, com o argumento de Heilborn, ao diferenciar “zona norte” (*NorteShopping, nós, adoro*) da “zona sul simbólica” (*Barrashopping, eles, não gosto*).

Um dos pontos de distância de alguns de nossos tripulantes dos “jovens da night” é o desgosto pela badalação. É importante ressaltar que este não é um ponto comum a todos os nossos “nativos”, mas que aparece com alguma insistência. *Woody Allen e Truffaut*, ambos do 3º ano do E.M. são categóricos em afirmar que não gostam de badalação, de agitação, “*essa coisa meio frenética, de festa, de lugares com muitas pessoas*”.

Alguns relatam que gostam de festa, de dançar, de sair, contudo, mesmo nestes podemos perceber também certo esforço em se diferenciarem dos *outros jovens*, “da moda”, “que consomem”, que “compram tênis super caros” e vão a micaretas, como afirmam *Jorge Furtado e Michael Keaton* numa das entrevistas em grupo:

“tipo eu me recuso, ir na micareta, ficar com alguém que você nunca viu na vida...”(*Jorge Furtado*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

“*Jorge Furtado*: tem grupo que chega o cara e fala: “ah, porque ontem eu fui pra micareta, peguei não sei quantas”, esse cara não vai chegar pro mesmo grupo e falar: “ah, eu tô gostando de uma garota e tal”. *Michael Keaton*: ah, eu não gosto disso não, eu tô num grupo de amigos e o cara chega: “ah, cheguei e peguei fulana”, eu mando logo um foda-se instantâneo, “ninguém te perguntou nada”. (risos) “todo mundo já pegou, se ferrou, décimo da fila”. Com amigo você não faz isso, pelo contrário, a gente fala “po, tô gostando daquela mulher e tal” aí tu: “pô, cara maneiro e tal”. (*Jorge Furtado*, 16 anos e *Keaton*, 17 anos, ambos do 3º ano do E.M.)

Jorge Furtado e Michael Keaton romanticamente desqualificam o “cara” que vai a micareta, “pegar não sei quantas”, neste sentido diferenciam-se dos jovens que vão para a “night”, como explica Almeida: “os espaços dedicados ao lazer noturno da cidade, como as discotecas e boates, são ocupados por jovens que, em sua maioria, para lá se dirigem com a intenção de ficar.” (ALMEIDA, 2006, pg. 150)¹⁰⁶. *Jorge Furtado*, inclusive, diz que se recusa a fazer isso, como destacamos no trecho acima.

Contudo, isso não quer dizer que nossos “nativos” não “fiquem”. O que considero que eles desqualificam é certa prática do “ficar” em que normalmente se desconhece seu

^{xlix} mas não todos é importante destacar, alguns moram em bairros mais distantes, como Santa Cruz, Inhoaíba, da Zona Norte, alguns (poucos) ainda na Zona sul, outros na Tijuca.

parceiro, e em que ele vai continuar igualmente *desconhecido* após a “ficada”, uma prática em que inicialmente não se pretende uma continuidade e nem o estabelecimento de qualquer vínculo.

Entretanto, isso também não quer dizer que nossos tripulantes não se utilizem desta modalidade do ficar, muito presente no universo pesquisado por Almeida e Tracy (2005). Utilizam-se dela, mas ao mesmo tempo a desqualificam e exercem práticas outras também. Nesse sentido, consideramos pertinente destacar a fala de *Costa-Gravos* na outra entrevista realizada em grupo:

“assim a gente convive num mundo que assim, homem sempre tem essa coisa “ah, agora quero dar um pente”, essa que é a moda. *que? dar um pente? Costa-Gravos: é dar um pente. que que é dar um pente, que eu não sei?*”(Costa Gravos faz um gesto simbolizando sexo). então assim você tem mulher pra isso. Você não precisa nem pagar pra isso. Tem muita mulher pra isso, agora assim é difícil você encontrar um cara que queira ser desafiado. O *Tom Hanks*^{li} é um dos poucos que eu conheço que..” (*Costa-Gravos* 18 anos, 3º ano do E.M.)

Ficamos um tanto curiosos com essa expressão “dar um pente”, encontramos duas letras de funk recentes^{lii}, que utilizam essa expressão. “Dar um pente” seria justamente o descrito acima, sexo sem compromisso. Consideramos que é possível que esta expressão tenha alguma relação com o “disparo”, com o “pente de uma arma”, apesar de esta ser apenas uma conjectura, podemos aproximá-la da ideia de afeto como projétil, referida por Deleuze e Guatarri e apropriada por Almeida e Tracy para falar das “ficadas” dos “jovens da night”:

“o afeto é a descarga rápida da emoção, o revide, ao passo que o sentimento é uma emoção sempre deslocada, retardada, insistente. Os afetos são projéteis, tanto quanto armas, ao passo que os sentimentos são [introspectivos] como as ferramentas.”(ALMEIDA & TRACY, 2003, pg. 43) (apud Deleuze e Guatarri mil platôs – 1227)

Costa-Gravos e Tom Hanks não negaram que às vezes só querem “dar um pente”, sem compromisso, mas ambos durante essa entrevista falaram que preferem “conhecer”, “gostar”, “se envolver mais profundamente com alguém”, o sentimento ao afeto, de acordo com a citação acima. Isso estaria de alguma forma relacionado com o que *Costa-Gravos* define como “um cara que queira ser desafiado”, o desafio seria sustentar isso, um

ⁱ Destaquei em itálico as minhas intervenções de modo a diferenciá-las da fala de Kierkegaard, utilizaremos este recurso em outros momentos se necessário.

^{li} Amigo que também participava desta entrevista em grupo.

^{lii} Referimos aqui duas músicas do grupo “os Havaianos”: “Um pente e rala”; e “Um pente é um pente”.

relacionamento mais longo, com as dificuldades que eles lhes atribuem, como competição e “mundo corrompido”.

3. 9. “queria ter uma biblioteca em casa” x “obrigações”

“eu acho bacana quem gosta de ler, eu particularmente gosto de ler...*que que você gosta de ler?* Spinoza: ah, tá, eu leio essas coisas de velho. *E: que que é coisa de velho?* S: Machado de Assis...e o último livro que eu ‘tava’ lendo era A República, de Platão. Que a gente viaja. (risos) até quando eu estabilizar, tiver mais grana e tal, quero ter uma biblioteca em casa. Eu prefiro ler”. (*John Ford*, 19 anos, 3º ano do E.M.)

O trecho acima traz alguns aspectos interessantes para refletirmos acerca das representações de mundo de nossos “nativos”. Assim, um primeiro ponto é que muitos referiram que gostam de ler, apenas um dos 30 entrevistados disse que não gostava de ler.

A classificação que *John Ford* dá aos livros que gosta de ler: “ah, tá eu leio essas coisas de velho”, também aparece nas falas de outros de nossos tripulantes. *Catherine Deneuve* esclarece: “Ah, eu gosto mais de livros mais antigos sabe? Dostoiévsky, Jane Austen(...) Ah, mas também eu leio muito assim bobeira, coisa que tá na moda, tipo Crepúsculo...” (*Catherine Deneuve*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, podemos pensar que há um duplo aspecto presente na classificação “livros de velho”, o primeiro é que são livros mais ‘antigos’, que não foram escritos agora; o segundo é uma certa distância em relação a esses livros, que o aspecto “de velho”, “antigo” é destacado.

Outro ponto é essa classificação que era frequentemente acionada “livros de velho^{liii}” e “coisas (livros) da moda”, hierarquiza os “livros de velho”, mais valorizados, e as “coisas da moda^{liv}” são lidas, mas tidas como “bobeira”.

Podemos perceber também nas representações de nossos entrevistados, uma valorização do conhecimento, muitos destacavam o “conhecimento” como importante para a “descoberta de si”, do “mundo” e da “relação com os outros”. Em uma de nossas entrevistas em grupo, percebemos também a representação do estudo como possibilidade de ascensão

^{liii} Nessa categoria geralmente eram enquadrados alguns autores, foram citados: Machado de Assis(o autor mais citado); Graciliano Ramos; Platão; Nietzsche, “autores da filosofia”, Dostoiévsky, Jane Austen, Álvares de Azevedo.

^{liv} Nessa categoria estavam presentes: Harry Potter; “A menina que roubava livros”; “Senhor do Anéis”; e a saga do Crepúsculo, esta composta quatro livros: Crepúsculo, Lua Nova, Eclipse e Amanhecer, por ordem de publicação. Gabriel Garcia Márquez também foi citado por um de nossos entrevistados, sem ter sido “classificado” por este em uma das duas categorias.

social, *Tom Hanks* dizia que precisava “estudar para tirar a mãe de lá (da favela em que mora)”.

Além de ler, alguns de nossos “nativos” também disseram que gostam de escrever, é interessante também os termos e as relações que estabelecem com os livros, relações de “vício” e “paixão”:

“Gosto de escrever poesia. Ah, eu adoro escrever. De vez em quando eu escrevo umas crônicas, uns contos, mas a poesia é a minha paixão. Eu também gosto muito de ler, sou viciada em livro! (...) *que que você lê?* Ai, eu leio de tudo. Mas eu prefiro mais os romances e agora eu tô numa fase muito de ler filosofia. Minha paixão do momento é o filósofo alemão Nietzsche. Eu tô viciada nesse homem!” (*Grace Kelly*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Contudo, há um aparente paradoxo nessas representações, se valorizam o conhecimento, gostam de ler, escrever, estudar filosofia, quando perguntávamos o que eles não gostavam de fazer, muitos disseram que odeiam estudar, mesmo os que diziam que adoravam ler. Nas falas de *Carla Camurati* e *Alfred Hitchcock* talvez fique claro o porquê desse aparente paradoxo:

“hum...deixa eu ver...eu não gosto de estudar. Não é uma brincadeira até, porque eu gosto e não gosto. Eu não gosto quando eu tenho que fazer aquilo, entendeu? Quando é a *obrigatoriedade*”. (*Carla Camurati*, 21 anos, 3º ano do E.M.)

“Não gosto de estudar. Odeio estudar. Odeio com todas as minhas forças estudar, fazer trabalho. Seminário, qualquer coisa. Não é uma coisa que eu não gosto, é que eu acho chato, eu tenho implicância pra fazer. Chego aqui, aí cheio de trabalho pra fazer, como é que eu vou fazer isso tudo? *Muita coisa*”. (*Alfred Hitchcock*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, consideramos que dois pontos interessantes de ancoragem deste suposto paradoxo são a *obrigatoriedade* e o excesso. Gostam de estudar, desde que não se sintam obrigados, outra questão que muitos apontavam era como a escola exigia muito deles. Contudo, consideramos que esse incômodo em relação à questão da *obrigatoriedade* talvez possa apontar outros caminhos. Não estaria havendo uma excessiva cobrança de certos comportamentos (estudo, trabalho) e práticas (saudáveis, limpas, ecológicas)? Não estaria em curso, não apenas no mundo social de nossos “nativos”, mas num mundo que os engloba, talvez, no suposto mundo-ocidental-contemporâneo-globalizado uma excessiva normalização e padronização das ações do “cidadão-consumidor-padrão”?

Nesse sentido, outro entrevistado aponta:

“que que eu não gosto de fazer? O que eu não gosto de fazer é ser obrigado. Ser obrigado, limitado, reduzido. (...) Eu acho que o que eu não gosto é isso. Me sentir limitado, de me obrigar. *E você se sente obrigado em alguma coisa?* Chaplin: Sinto. Eu me sinto obrigado, por exemplo, em ter que responder aos padrões sociais. Porque a gente por mais que faça um movimento de singularização, processo de singularização, um processo de você se tornar autônomo, de ser dono do seu pensamento, de ser crítico, ainda assim existem instituições sociais que têm ali a importância delas de controle social, mas que por vezes não admitem isso.” (*Charles Chaplin*, 18 anos, 2º ano do E.M.)

Juventude não representaria uma suposta liberdade de experimentação? Nessa perspectiva, Birman (2009) propõe que o mito que poderia se aproximar do universo social atual não seria mais o do Édipo, mas sim o mito de Hamlet. *Ser ou não ser eis a questão*. O autor argumenta que estaria em curso hoje, na contemporaneidade, no mundo-ocidental-contemporâneo-globalizado, uma realização dos ciclos de vida, e uma idealização do ser jovem, conforme apontamos brevemente no primeiro capítulo desta dissertação.

O mito de Hamlet remeteria a uma constante experimentação de si, pela qual transita supostamente o “sujeito-jovem” (que todos querem ser) contemporâneo. Portinari e Coutinho aproximam-se, neste argumento, de nosso marujo:

“a figura do jovem apresenta, entre outros atributos, a encarnação de uma certa liberdade generalizada, ou, mais precisamente, de uma certa permissividade e fluidez no que concerne à adesão / submissão às regras e papéis estabelecidos. Pouco importa, no que concerne à eficácia dessa representação, que os jovens ‘de fato’ raramente se valem em condições de desfrutar dessa liberdade (...)”(PORTINARI E COUTINHO, 2006, pg. 63)

Outro fato curioso aparece na valorização do descanso, do não fazer nada pelos entrevistados. *Woody Allen* sintetiza: “o que mais gosto de fazer é descansar.”(*Woody Allen*, 18 anos, 3º ano do E.M.). Nossos “nativos” “adoram” descansar da rotina pesada do *Poli*, por eles referido, e dos “padrões sociais” que “têm” de responder.

Assim, nossos “nativos” estariam talvez menos ancorados ao mito de Hamlet, de uma constante experimentação de si, e mais próximos de um universo menos contemporâneo, digamos. Possuem ao contrário dos jovens descritos por Birman (2009), de uma precariedade de investimento simbólico, e com isso um excesso de investimento no corpo (na aparência); uma alta cota de investimento, psíquico, afetivo e simbólico. Talvez o descanso seja de *ter que* de alguma forma responder a estes investimentos, sejam dos pais, do próprio *Poli*, dos professores.

Dessa forma, múltiplos tempos e concepções de mundo se atravessam, se invadem, se misturam. “Nossos” jovens possuem recursos outros, que talvez alguns outros não possuam, sejam de classes altas ou baixas. Há um excesso de expectativa em torno deles (e com isso de cobranças também), ao contrário de outros jovens no mundo-contemporâneo-globalizado-ocidental em que haveria talvez, segundo alguns autores, como Birman (2009), por exemplo, uma falta de expectativas e de investimento simbólico e afetivo. Assim, têm de dialogar e negociar as expectativas em torno de si próprios e ao mesmo tempo estar no mundo e conviver com jovens *outros*.

3.10. Música: de Gilberto Gil a Lady Gaga

Quando indagávamos o que gostavam citavam: cinema, esportes (futebol), barzinho, teatro, praia, festa. Contudo, ler e escutar música foram as respostas que mais apareceram.

Intitulamos esse item da forma acima, pois o universo musical referido por nossos “nativos” era realmente muito eclético e variado^{lv}. Neste sentido, pode-se ser “funkeiro” do apa-funk, e ao mesmo tempo, gostar de samba, música clássica, eletrônica.

Esse ecletismo é, de certa maneira, característica da “urbanidade como modo de vida”, e da variabilidade de referências disponíveis para nossos tripulantes, conforme propõe Viana (1987):

“Não podemos esquecer que uma das características da “urbanidade como modo de vida” é justamente a coexistência de muitas “regiões morais” e que o indivíduo não está preso a nenhuma delas. Esse mesmo indivíduo urbano já foi chamado de “esquizóide” por ter vários papéis segmentados, diferentes pra cada situação, sendo membro de vários grupos divergentes, tendo uma grande liberdade de circulação entre esses grupos, resguarda pelo “anonimato relativo”.(VIANA, 1987, pg. 37)

“árdua tarefa que estão submetidos os jovens de hoje de assimilar tudo ao mesmo tempo.” (ALMEIDA & TRACY, 2003, pg. 68)

Alguns de nossos “nativos” também disseram que gostavam de tocar instrumentos musicais. Alguns faziam parte de uma mesma banda, como *Zelito Viana*, que toca guitarra e *Hitchcock* que se define como: “baterista de METAL”, ambos do 3º ano do E.M. *Penélope Cruz*, do 1º ano do E.M., disse que gostava de tocar violão e guitarra; e *Truffaut*, 3º ano do E.M., referiu que gosta de tocar piano clássico.

^{lv} Foram citados os seguintes estilos musicais: rock, metal; funk, MPB (Djavan; Gilberto Gil); samba; pagode; eletrônica; pop (Lady Gaga); clássica. Com relação aos que citaram Rock ou Metal, geralmente era este o que predominava nas preferências musicais, contudo, não excluía ainda, o trânsito pelos diferentes estilos.

A música permeia o universo de nossos “nativos”. Podemos considerar que hoje o compartilhamento de músicas na internet, presente no universo de “nossos” jovens, por exemplo, pode funcionar no sentido de ampliar o acesso à música e pela maior reprodutibilidade dos arquivos em formato mp3^{lvi}. Assim, durante o período entre as aulas, era comum encontramos nossos tripulantes ouvindo música sozinhos, ou ainda em dupla (dividindo o fone de ouvido).

3.11. Mídia & internet

O computador e as mídias eletrônicas são parte integrante do universo de nossos “nativos”. Mesmo a filosofia é discutida no computador, pela internet, em comunidades virtuais.

Disseram que gostam também de “jogos eletrônicos”, tanto em videogames, como no computador, sendo muito destacado o aspecto interativo – “*jogo com os meus amigos*”. Como na pesquisa de Almeida e Tracy (2003), a internet coloca os “jovens” em “rede” constante, estão com os amigos na escola, na praia, e mesmo em casa, sozinhos, quando jogam ou “teclam” via *msn, facebook ou twitter*^{lvii}.

Um de nossos “nativos” inclusive tem um blog^{lviii}. Este blog foi criado por ele junto com alguns amigos do *Poli*, o nome, segundo *Tom Cruise*, remete ao início do blog, quando

^{lvi} Formato que são compartilhadas boa parte das músicas via Internet.

^{lvii} MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos “virtuais” e acompanhar quando eles entram e saem da rede. (retirado do site da Wikipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger, acesso em 13 de dezembro de 2010).

Twitter é uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como “tweets”), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las. As atualizações de um perfil ocorrem através por meio de site do Twitter, por RSS, por SMS ou programa especializado para gerenciamento. O serviço é gratuito pela internet. (retirado do site da Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>, acesso em 13 de dezembro de 2010).

Facebook é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004. Foi fundada por Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes da Universidade Harvard. Ela foi expandida ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), à Universidade de Boston, ao Boston College e a todas as escolas Ivy League dentro de dois meses. Muitas universidades individuais foram adicionadas no ano seguinte. Eventualmente, pessoas com endereços de e-mail de universidades (por exemplo, .edu, .ac.uk) ao redor do mundo eram eleitas para ingressar na rede. Em 27 de fevereiro de 2006, o Facebook passou a aceitar também estudantes secundaristas e algumas empresas. Desde 11 de setembro de 2006, apenas usuários com 13 anos de idade ou mais podem ingressar.[1] Os usuários podem se juntar em uma ou mais redes, como um colégio, um local de trabalho ou uma região geográfica. O website possui mais de 400 milhões de usuários ativos. (retirado do site da Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>, acesso em 13 de dezembro de 2010).

^{lviii} atrasdafolha.webs.com

um dos alunos escreveu um texto “atrásdafolha” de uma matéria de aula, e mostrou aos outros. Resolveram, então, criar um blog, para escrever, “relatar, fantasiar, desabafar”; e partilhar “o que vem à mente, ao coração, à vida”, pois de acordo com o “slogan” do blog “o tédio se transforma em criatividade”.

Assim, consideramos interessante destacar como na “árdua tarefa de assimilar tudo ao mesmo tempo” (ALMEIDA E TRACY, 2003, pg. 68) nossos “nativos” interconectam suas múltiplas referências em blog, em comunidades virtuais, em criatividade, em seus discursos e em suas múltiplas formas de “estar no mundo”.

3.12. Apa – funk

“claro que a gente sempre dança funk, né.”(PJ Harvey, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Um aspecto já destacado em outras pesquisas (Vianna, 1987, Ceccheto, 1997, Silveira, 2007) é a presença do funk e de “bailes funk” na cidade do Rio de Janeiro, dos anos 70 (Viana, 1987). Entre os nossos tripulantes muitos referiam gostar e ouvir funk, e mais alguns faziam referência ao “apa-funk”, sendo que *Kurosawa* inclusive se declarou militante deste “movimento”.

Assim, faremos algumas breves considerações a respeito do “apa-funk”, a partir das falas dos entrevistados, dos sites <http://www.funkderaiz.com.br/>, <http://apafunk.blogspot.com/>; e de algumas pesquisas que navegaram por estes mares, como Vianna (1987), Cecchetto (1997)¹⁰⁷, Silveira (2007)¹⁰⁸ e Lopes (2010)¹⁰⁹.

Vianna (1987) em etnografia pioneira sobre “funk carioca” refaz a história musical e social do funk. Para este autor, o funk seria herdeiro do soul, e da “black music”. Segundo Vianna (1987) “o nome funk teria vindo de uma gíria funky (segundo o Webster Dictionary - “foul-smelling; offensive”), que no final da década de 60, deixou de ter um significado pejorativo, quase um palavrão, e começou a ser um símbolo do orgulho negro. “Tudo pode ser funky: uma roupa, um bairro da cidade, o jeito de andar e uma maneira de tocar música, que ficou conhecida como funk”(VIANNA, 1987). Também segundo nosso marujo, o funk radicalizaria as propostas do soul empregando ritmos mais marcados (‘pesados’) e arranjos mais agressivos.

O funk mixa estilos da black music norte-americana, mas o fundamental é o funk mais pesado reduzido ao mínimo: bateria, “scratch”(a utilização da agulha do toca-discos,

arranhando o vinil em sentido anti-horário, como instrumento musical) e voz. (viana,1987, pg. 45-47). A voz no funk é dos MCs (“másters of ceremony”, que improvisando ou não entoam seus discursos).

Os bailes etnografados por Vianna (1987), da década de 80, realizados principalmente nos subúrbios cariocas, são, contudo, muito diferentes dos bailes do anos 1990 / 2000 e ainda do “funk de raiz” valorizado pelo “apa-funk”.

Lopes (2010) sintetiza três momentos ligados ao funk no Rio de Janeiro: um dos anos 80; outro da década de 90; e um terceiro da primeira década dos anos 2000. Assim, no primeiro momento, por volta dos anos 80, os bailes aconteciam principalmente nos subúrbios do Rio de Janeiro e de Niterói, e na Baixada Fluminense. Foi este o cenário etnografado por Vianna (1987).

O segundo momento, dos anos 1990, teria um duplo movimento, segundo Lopes (2010): um de divulgação e popularização do funk – “o funk vira moda”- “atraindo jovens de classe média para os chamados bailes de comunidade – bailes que acontecem em favelas”, como pode ter acontecido com as “namoradas de fé” etnógrafas por Silveira (2007); e um outro movimento, mais ligado à mídia e aos “arrastões” (ref) noticiados na imprensa na década de 90, em que ao funk atribuía-se uma suposta associação com o crime.

A etnografia de Cecchetto (1997) refere-se a este segundo momento proposto por Lopes (2010). Assim, a autora analisa as “galeras funk cariocas”, no circuito funk dos anos 90. Os aspectos destacados por Cecchetto (1997) envolvem a sociabilidade nos bailes funk.

Assim, a autora frequenta bailes funk e observa a convivência de diferentes “galeras” em diferentes tipos de baile: “o baile normal”, em que pode haver briga, mas essa tende a ser controlada pelos organizadores; “o baile de corredor”, também chamado “baile de embate”, em que segundo nossa maruja, “os funkeiros dançam ao mesmo tempo que lutam”; e o “baile de comunidade”, em que não existem os confrontos entre as “galeras”, uma vez que “a segurança é fornecida pelos grupos armados do tráfico que ocupam as comunidades pobres”(CECCHETTO, 1997, pg. 79)

Para Lopes (2010), no terceiro momento, primeira década dos anos 2000, o funk ganharia uma grande projeção por uma suposta ligação com a prostituição, e haveria uma “ampliação do argumento que funk seria sinônimo de tráfico” (LOPES, 2010, pg. 47).

Para nós, timoneiros, desta viagem, nesse terceiro momento, aconteceria, concomitantemente, o movimento Apa-funk. Assim, para os integrantes do “movimento”

Apa – funk (que significa Associação do Profissionais e Amigos do Funk), o funk não seria apenas uma música, mas “acima de tudo, uma linguagem da juventude das favelas”, como enuncia Mc Leonardo, um dos integrantes deste movimento.

Para Lopes (2010), o Apa-funk seria uma organização dos funkeiros em torno de uma identidade altamente política e ligada a movimentos sociais de esquerda, chamada ‘funk de raiz’. Uma de suas “lutas” é contra a exploração de artistas nos bastidores do mundo funk e pelo reconhecimento do funk como cultura, o que resultou na aprovação da lei 5.543, em 1º de setembro de 2010, pela Assembleia do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), que reconhece o funk como movimento cultural e musical de caráter popular.

Akira Kurosawa, nosso entrevistado se diz apaixonado por este movimento. *Tom Hanks* e *Costa-Gravos*, na entrevista em grupo, enunciam suas referências: Mc Leonardo^{lix} (integrante do Apa-Funk), Mc Fiel, Marcelo Freixo (deputado que presidiu a sessão^{lx} em que foi aprovada a lei que reconhece o funk como cultura); e declaram: funk é cultura. *Kurosawa* conta que conheceu o Apa funk por acaso:

“*como você conheceu esse movimento?* Foi aqui na escola. Porque todo ano a gente organiza um fórum estudantil, né, aí ano passado a gente queria falar sobre a cultura popular das favelas e foi assim ocasionalmente. Eu tava ali na central do Brasil e vi uma roda de funk, que roda de funk é quando os funkeiros vão pras ruas, é, nas favelas, ou nas ruas, universidades, em todos os espaços, né, é tipo uma roda de samba, mas faz a roda, mas não é só roda, após cada música há o debate, né. Aí os caras cantam, explicam o porquê daquela música, explicam os problemas sociais”. (*Kurosawa*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Ele ressalta ainda outro aspecto do Apa funk também abordado por Lopes (2010): a exclusão do chamado funk pornográfico, pelos defensores do “funk de raiz”:

“O Apa funk ele surgiu de um meio de alguns funkeiros que não concordavam com a maneira que está sendo o funk hoje, né, o funk de apelo estritamente pornográfico, machista, preconceituoso, mas de outro

^{lix} Uma das músicas que fazem parte da trilha do filme *Tropa de Elite 2*, é inclusive deste MC, e explícita, de certa forma, os pressupostos do movimento Apa-funk: “Tá tudo errado”: “Comunidade que vive a vontade/ Com mais liberdade tem mais pra colher / Pois alguns caminhos pra felicidade / São paz, cultura e lazer / Comunidade que vive acuada / Tomando porrada de todos os lados / Fica mais longe da tal esperança / Os menor vão crescendo tudo revoltado / Não se combate crime organizado / Mandando blindado pra beco e viela / Pois só vai gerar mais ira / Naqueles que moram dentro da favela / Sou favelado e exijo respeito / São só meus direitos que eu peço aqui / Pé na porta sem mandado / Tem que ser condenado / Não pode existir / Está tudo errado / É até difícil explicar / Mas do jeito que a coisa está indo / Já passou da hora do bicho pegar / Está tudo errado / Difícil entender também / Tem gente plantando o mal / Querendo colher o bem / Mãe sem emprego / Filho sem escola / É o ciclo que rola naquele lugar / São milhares de história / Que no fim são as mesmas / Podem reparar / Sinceramente não tenho a saída / De como devia tal ciclo parar / Mas do jeito que estão nos tratando / Só estão ajudando esse mal se alastrar / Morre polícia, morre vagabundo E no mesmo segundo / Outro vem ocupar / O lugar daquele que um dia se foi / Pior que depois geral deixa pra lá / Agora amigo, o papo é contigo! / Só um aviso pra finalizar / O futuro da favela depende do fruto que tu for plantar.

^{lx} A título de curiosidade destacamos que *Hermano Viana*, autor da etnografia sobre funk, já citada, também estava na mesa desta sessão da ALERJ.

lado também combatendo os aparelhos que fazem o funk ser isto. Que é o monopólio da indústria funkeira, furacão 2000 e DJ Malboro, que no ato de contrato, se você for rapper, ficar na laje, ele tem que falar as putarias, não tem jeito, todos os mc's é assim. Que se colocam contra o uso, que fazem crítica social...como era o funk, como ele surge, desde os Estados Unidos, movimento negro, que fica a parte da sociedade, né. Além do mais, além do monopólio, há também a questão contratual, porque 90% do fonograma, que é o dinheiro do áudio, é das empresas. Então o mc ganha 4%, fica muito pouco pra gente” (*Kurosawa*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, “contra” o funk pornográfico, *Akira Kurosawa* se diz maravilhado com o Apa funk. “Influenciado”, de certa forma, pelo discurso marxista muito presente no *Poli*, ele defende o funk como uma forma de “linguagem” dos moradores da favela, assemelhando-se assim a Lopes (2010).

Neste sentido, os funkeiros do Apa Funk diferenciam-se das “namoradas de fé” entrevistadas por Silveira (2007), em que o funk era destacado principalmente como um forma de lazer. Para os integrantes do Apa-funk, como *Kurosawa*, o funk é mais que dança, música, lazer: é militância política, defendendo não apenas certo tipo de funk, como melhores condições de trabalho para os profissionais do funk, e ainda estruturando-se como a voz “da juventude das favelas cariocas^{lxii}” (MC Leonardo, em Lopes, 2010). Por fim, não podemos deixar de mencionar o forte componente étnico do Apa funk destacado por Lopes (2010), entendido por esta autora como um movimento de resistência negra.

Assim, *Kurosawa* e alguns outros de nossos “nativos” aproximam-se do funk, de outra maneira, misturando de certa forma suas diversas referências, como a “militância política”, fortemente influenciada pelo *Poli*, e seus variados gostos musicais.

Passaremos agora a outra temática, que também permeia o universo de nossos “nativos” de forma singular: a questão dos cuidados com o corpo e com a saúde. Sendo assim, indagamos a nossos tripulantes de que forma cuidavam do corpo e da saúde, no intuito de perceber de que maneira se relacionam com o corpo e que concepção de saúde norteia sua prática de cuidados a ela referente. Nesse sentido, nosso próximo item: corpo e (é?) saúde.

^{lxii} A letra desse Funk, sintetiza de certa forma alguns pressupostos do movimento: “Funk-se quem quiser” (MC Dollores):
Pra quem não conhece o funk/ é com muito prazer/ que eu me apresento / agora pra você./ Sou a voz do morro,/ o grito da favela /sou a liberdade,/ em becos e vielas. /Deixa o meu funk entrar /Funk-se quem quiser /ao som do funk eu vou / seja o que Deus quiser. / Felicidade sim, / eu quero é ser feliz /sem discriminação / este é o meu País Muitos me condenam, /mas nada me assusta. /Eu sou brasileiro /e não desisto nunca. / Sou da sua raça / sou da sua cor, /sou o som da massa / sou o funk, eu sou!

3.13. Corpo e (é?) Saúde

“Como dizia Spinoza, não sabemos o que pode um corpo, quanto menos saberíamos o que pode esse corpo.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, pg.140)

“Homem tem que estar sempre másculo, nada afeta a sua masculinidade, a sua virilidade enquanto homem (...) da mulher ser sempre bela e do homem ser sempre homem. São coisas de imagem. As pessoas constroem imagens e tem que manter”. (Fernanda Montenegro, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Foucault (1979/2006)¹¹⁰ argumenta que, ao contrário do que se poderia supor, o nascimento da medicina moderna não teria apenas um caráter individualista, ou individualizado, mas teria um caráter marcadamente social. Nosso marujo destaca três momentos da formação da medicina moderna no Ocidente: a medicina de Estado, na Alemanha, do início do século XVIII; a medicina urbana, na França, no final do século XVIII; e a chamada medicina dos pobres, na Inglaterra, no século XIX.

A medicina de Estado na Alemanha se caracterizava um conjunto de conhecimentos que tinha por objetivo fortalecer e aperfeiçoar a força estatal. Neste contexto, desenvolveu-se uma prática médica centrada na melhoria do nível de saúde da população, assim algumas medidas foram adotadas como: um sistema mais completo de observação da morbidade; a normalização da prática e dos saberes médicos, a instituição de uma organização administrativa para controlar a atividade dos médicos; e a criação de funcionários médicos nomeados pelo governo com responsabilidade sobre uma região.

Na França, no final do século XVIII, a aceleração da urbanização suscitou preocupações com a higiene pública, com as condições de vida e meios de existência, que levaram à constituição de uma medicina urbana. Esta tinha como objetivo o controle da circulação dos elementos essenciais para manter o bom estado de saúde dos indivíduos, como o ar e a água. A organização da cidade, inclusive da sua arquitetura, tinha como pressuposto um sistema médico-político de vigilância e esquadramento do espaço social, que definia a distribuição da população de acordo com as condições higiênicas apropriadas. A noção de salubridade também é correlativa a esse contexto.

Foucault (1979b/2006) demonstra que a medicina dos pobres e operários, na Inglaterra, ou seja, a medicina da força de trabalho teria sido o último alvo da medicina social. Nesse sentido, Viana (2008) esclarece:

“Primeiro a medicalização do Estado, em seguida da cidade, para então dos trabalhadores. Com o desenvolvimento industrial foi

necessário um controle médico das classes pobres para evitar a transmissão de doenças e perigos biológicos às classes mais ricas, e também para torná-los mais aptos e úteis ao trabalho. O sistema inglês criado no século XIX foi original ao ligar uma medicina assistencial dos pobres a uma medicina administrativa de saúde pública e, ainda, a uma medicina privada para os que podiam pagá-la. Esse foi o modelo que permitiu a complexificação do esquadramento médico entre os séculos XIX e XX”. (VIANA, 2008, pg.61)

Soma-se a esta análise da medicina social, o argumento de Foucault acerca do nascimento do hospital. Assim, para Foucault (1979/2006) a associação entre hospital e medicina só teria se dado em meados do século XVIII. Antes, o hospital era, basicamente, um local de assistência aos pobres e moribundos. Nosso marujo situa então o surgimento de mecanismos disciplinares na organização do hospital, tanto no espaço físico, como na arquitetura, como na própria prática médica.

O hospital deixa então de ser um instrumento de assistência para ser um instrumento de cura, e mais a partir da associação entre o hospital e a prática médica, o hospital, além de ser um espaço terapêutico, passa a ser um local de formação do saber médico.

Consideramos fundamental esta breve retomada do argumento de Foucault sobre o nascimento do hospital e da medicina moderna, no sentido de introduzir as palavras de nosso marujo sobre o corpo:

“Neste conjunto de problemas, o ‘corpo’ – corpo dos indivíduos e corpo das populações – surge como portador de novas variáveis: não mais simplesmente raros ou numerosos, submissos ou renitentes, ricos ou pobres, válidos ou inválidos, vigorosos ou fracos e sim mais ou menos utilizáveis, mais ou menos suscetíveis de investimentos rentáveis, tendo maior ou menos chance de sobrevivência, de morte ou de doença, sendo mais ou menos capazes de aprendizagem eficaz. Os traços biológicos de uma população se tornam elementos pertinentes para uma gestão econômica e é necessário organizar em volta deles um dispositivo que assegure não apenas sua sujeição mas o aumento constante de sua utilidade” (FOUCAULT, 1979c/2006, pg.198).

Assim, o corpo deve ser “aperfeiçoado” ao máximo, pois a manutenção de um corpo saudável é mais que um cuidado individual, torna-se também um objetivo político. Neste sentido, a medicina seria uma estratégia (bio) política: “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (FOUCAULT, 1979/2006, p.80).

Portanto, a medicina moderna carregaria um duplo registro de inserção: um primeiro eminentemente social, coletivo, com vistas a promover condições de reprodutibilidade da

vida; e um segundo individual, marcado pelo aparato hospitalar e a prática clínica, centrado na cura individual.

Viana (2008) destaca os ventos foucaultianos que marcam, de alguma forma, as tecnologias biopolíticas de regulação do corpo e da saúde ainda em curso, na nossa concepção:

“O efeito dessa tecnologia do poder centrada na vida é uma sociedade normalizadora. Foucault (1976b/1988) aponta que, com o desenvolvimento do biopoder, a lei passa a se exercer cada vez mais como norma, e o sistema jurídico passa a funcionar integrado a aparelhos reguladores. Quando se visa encarregar-se da vida não se trata mais de ameaçá-la com a morte, mas de construir mecanismos de regulação, controle, correção, e avaliação. A norma cumpre essa função fundamental de regulação a partir de uma série de aparelhos normativos.(VIANA, 2008, pg. 63)

Realizamos essa manobra, com auxílio de Foucault, no intuito de dar inteligibilidade às falas de nossos tripulantes. Nossa leitura é que os discursos de nossos “nativos” são, de alguma forma, efeito das tecnologias biopolíticas. Nesse sentido, *Deneuve* reflete sobre os cuidados com a saúde:

“Eu acho que hoje em dia o cuidar da saúde virou algo automatizado. A gente pensa “ah, eu tô doente”, ah você vai ao médico, “ah, eu tô com um problema”: você vai se consultar. Eu acho que é uma cultura que existe hoje em dia, que seria o cuidar da saúde, né. É algo mais assim: “eu estou doente, eu vou ao médico”. Hoje em dia...eu acho que é mais isso.” (*Catherine Deneuve*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

A fala de *Catherine* nos remete a normalização descrita por Foucault. Automaticamente, procuramos o médico, para “regular” e “normalizar” o funcionamento de “nossos corpos”. Outro aspecto interessante é que nossos “nativos” habitam um espaço permeado pelos discursos “da saúde”, uma vez que o *Poli* proporciona também uma formação técnica em saúde, nossos tripulantes tem consciência da influencia destes discursos, como explicita *Al Pacino*:

“Aqui a gente já é ordenado pra gente entender que a saúde não é só a ausência de doenças, então é claro que eu não vou conseguir ver uma coisa separado da outra”. (*Al Pacino*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Kurosawa, por sua vez, reflete sobre o caráter englobante dessa concepção de saúde, presente nos discursos sanitários ocidentais atuais, inclusive nos discutidos no *Poli*:

“porque assim já é tanta coisa a saúde, já é tudo né. Por mais que tenha aquela famosa frase de que a saúde é mais que o bem-estar físico, não é só a ausência de doenças, é o bem estar mental, social, pô, então isso é tudo né. Então isso pô desde que eu to feliz lá vendo o flamengo

jogar no maracanã até aqui também, né”. (*Akira Kurosawa*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Percebemos também que há uma associação quase que automática entre corpo e imagem, ou, corpo e aparência nas representações discursivas de “nossos” jovens. Ao indagarmos nossos entrevistados sobre como cuidavam do corpo e como cuidavam da saúde, muitos deles argumentavam que haveria diferença entre cuidar do corpo e cuidar da saúde, pois cuidar do corpo estaria relacionado à imagem corporal, mas alguns cuidados com o corpo também estariam relacionados à manutenção da saúde:

“E eu acho que, tipo assim, tem uma diferença mínima, porque quando a pessoa fala: “vou cuidar do corpo”, ela tá pensando o que estética, sabe? e eu acho que tem partes da estética que você acaba ferrando o seu corpo, entendeu? Tem gente que injeta drogas no corpo pra poder, sei lá, ficar bonito, só que aquilo é droga, sabe? (...) E sei lá, nessa parte eu acho que você não tá cuidando da sua saúde, de jeito nenhum. Entendeu? Aí nessa vaidade. Mas eu acho que corpo, sua saúde é o seu corpo, sabe? Você não cuida da saúde, se você não cuida do seu corpo. tem gente que malha...acho que nada por excesso, sabe? Tem gente que malha pra ficar com o corpo sarado e não sei que lá, nem come direito o que deveria comer, então ele tá ferrando, entendeu? Mas é aquilo, atividade física é imprescindível pra você ter uma boa saúde”. (*Nicole Kidman*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“Tem a parte de saúde e tem a parte de beleza, claro. Mas teoricamente a beleza também faz parte da saúde, porque faz parte da sua saúde mental”. (*Zelito Viana*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, *Nicole* denuncia um certo excesso no cuidado com o corpo (ou a imagem corporal), como “malhar demais”, ou “injetar drogas pra ficar bonito”, contudo normatiza: atividade física é imprescindível para ter boa saúde. *Zelito*, por sua vez, explicita beleza faz parte da saúde mental, assim haveria *uma dose certa* de cuidados *saudáveis* com a imagem corporal. *Carmen Miranda*, 15 anos, 1º ano do E.M. enuncia então: “*Tem que fazer os dois (cuidar do corpo e da saúde)*”. (*Carmen Miranda*, 15 anos, 1º ano do E.M.)

Outro ponto é a imagem de corpo valorizada por nossos entrevistados, assim se a preocupação com a magreza é enunciada, como na fala de *Marilyn Moore* abaixo:

“E eu sou neurótica com o meu corpo, eu me acho gorda e eu tenho medo de engordar mais, porque na infância eu era gordinha, as pessoas brincavam, zoavam, sacaneavam. Então até hoje eu sou meio neurótica. (...) Às vezes eu fico sem comer. Às vezes eu...eu nunca tomo café, nunca tomo café, às vezes eu fico sem comer. Teve uma época do final do ano pra cá, o início desse ano, que eu perdi 10 quilos, eu emagreci muito porque eu não comia”. (*Marilyn Moore*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Percebemos também que muitas vezes, nossos “nativos” tentam disfarçar seu apreço pela imagem corporal, como faz *Kierkegard* ao nos dizer que estava de lentes verdes, porque havia sido um presente da irmã. Nesse sentido, Almeida e Tracy destacam três aspectos com relação à importância da imagem hoje entre os jovens:

“nosso campo analítico será composto de três aspectos: a centralidade da imagem, a multiplicidade que rege sua recepção e circulação; o agenciamento as imagens a partir de aparos visuais guiados por modelos culturais, narrativos e tecnológicos heterogêneos; as experiências de aceitação ou rejeição da aparência e suas contrapartidas comportamentais.” (ALMEIDA E TRACY, 2003, pg. 185)

Assim, haveria uma centralidade da imagem que também se faria presente numa *estetização do corpo*. Nossos “nativos”, ainda que digam que foi presente da irmã, ou critiquem “os caras que só pensam em tênis de marca”, ou que “malham demais”, evidenciam uma preocupação com a imagem corporal. Utilizam-se de adereços, cordões, pulseiras, “havaianas” combinando com a blusa, piercings coloridos. Uma estética, que muitas vezes foge do “estereótipo” adolescente (de roupas e adereços de marcas comerciais famosas), uma vez que muitos dos discursos corrente no *Poli* são veemente críticos ao consumo e ao capitalismo. De qualquer modo, trata-se de um corpo marcadamente estetizado.

Para Birman (2009), esse investimento na imagem corporal teria como correlato uma “precariedade” do registro simbólico:

“ora, toda vez que o sujeito não consegue sustentar o que ele é efetivamente no registro simbólico, resta-lhe apenas investir em seu corpo, a única coisa de valor que lhe sobra. Por essa razão, o culto corporal e o cultivo da força se têm disseminado cada vez mais na contemporaneidade como simulacros de uma potência que parece ter deixado de existir efetivamente entre os jovens”. (BIRMAN, 2009, pg. 38)

Não nos cabe aqui aprofundar essa discussão interessa-nos apenas apontá-la e indagar: essa hipótese de nosso marujo Birman se sustenta? É efetivamente disso que se trata na estetização do corpo percebida em diferentes contextos (Almeida e Tracy, 2003; Almeida, 2005; Birman, 2009) jovens-urbanos hoje?

Consideramos que essa hipótese se sustenta sim, contudo há outros ângulos de análise e jovens que apontam sentidos outros, diferentes dos “jovens em geral”, como os que entrevistamos no *Poli*. Assim, percebemos outras nuances nas falas de nossos “nativos” sobre corpo e saúde.

Grace Kelly, 18 anos, 3º ano do E.M. fala de uma preocupação com o psicológico, e diz que para cuidar da “mente” tenta se “livrar das coisas que a aprisionam”. *Truffaut* aciona uma “apropriação” da filosofia oriental:

“saúde pra mim é importante, mas eu tenho um pensamento meio diferente da maioria das pessoas. Porque pra mim a saúde tá muito relacionado com a natureza. Eu gosto muito da filosofia oriental, que diz que a gente tem que manter um equilíbrio, então eu acho que o nosso corpo e a nossa saúde tem que estar em equilíbrio e a saúde não é só do corpo, é também a saúde da mente”. (*Truffaut*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

Por fim, percebemos ainda nas falas de nossos entrevistados que os cuidados com a saúde são enumerados em duas vertentes: uma curativa, que envolve ida a hospitais e médicos; e uma preventiva, que envolve cuidados com a alimentação, com a prática de exercícios físicos, com o lazer, com a limpeza e com o sono. Birman (2005)¹¹¹ argumenta que a perspectiva preventiva teria adquirido um desdobramento espetacular na contemporaneidade, mas que se inscreveria na mesma matriz biopolítica do século XIX, com a finalidade de produzir uma população mais sadia como fonte de riqueza das nações.

Passaremos agora a tratar especificamente dos cuidados relativos à saúde do homem. Justificamos essa manobra, pois é recorrente nos “discursos do biopoder”^{lxii} atualmente, a assertiva de que os homens não cuidam da saúde ou de que cuidam menos da saúde que as mulheres, ou ainda, de que não cuidam da saúde como deveriam. Indagamos nossos entrevistados a esse respeito e interessa-nos agora refletir sobre as falas acionadas por nossos tripulantes.

3.14. Saúde do homem?

Gomes (2008) aponta que, na literatura internacional e nacional, são recorrentes as considerações sobre o fato de que os homens utilizam menos os serviços de saúde do que as mulheres, o que, na sua concepção, pode trazer prejuízos para a cura de doenças.

Para este autor, o reduzido envolvimento dos homens com os cuidados em saúde, pode estar relacionado às influências dos modelos de masculinidade. Neste sentido, estudos têm apontado o modelo tido como hegemônico de constituição do masculino tem trazido consequências para a saúde e a vida dos homens. Este modelo implicaria uma visão do homem como potência, invencível, “super-homem”, enfim uma visão fálica dos homens.

^{lxii} Política Nacional De Atenção Integral À Saúde Do Homem, 2008.

Neste sentido, a fala de *Marilyn Moore* corrobora esta visão:

“Mas eu acho que assim, com relação a cuidar da saúde, agora o SUS até lançou, né, uma política de saúde do homem. O homem realmente acha que é o *superman*, nada acontece comigo... “tá frio, coloca um casaco.” “não, mas eu não tô com frio não”, “tá chovendo, leva um guarda chuva...”, “não, precisa não, não precisa não, eu não sou de açúcar”. Então eu acho que assim as mulheres em relação aos homens elas têm muito mais essa preocupação do que eles. Os homens eu acho que não, eles acham que...que são eternos, que vão viver pra sempre e acabam deixando isso um pouco de lado”. (*Moore*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Essa visão de que o homem “acha que é o superman”, também aparece nas falas dos “meninos”, contudo alguns ressaltam uma certa cobrança em relação a isso, a manter um ideal “viril” para não serem “tachados” de efeminados:

“Tem sempre aquela coisa homem tem que ser mais forte, que não sei que, invencível, não se liga tanto pra isso. Se ele vai no médico sempre, fica falando que parece frescura, coisas assim. Nem sempre isso é assim. Você tem, você pode ir ao médico várias vezes e não ser fresco, não ser gay . (*Tom Cruise*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

Gomes (2008) explicita que a primeira explicação dada por seus entrevistados em suas pesquisas sobre a falta de cuidados dos homens com relação à saúde, referiu-se ao fato de que a ideia de cuidados está muito associada ao âmbito feminino. Para este autor, essa explicação reforça o verificado em outros estudos; e está ancorada na ideia de que a socialização das mulheres, desde cedo, se volta para a reprodução e consolidação de papéis que as tornam responsáveis, quase que exclusivamente, pela manutenção de relações sociais (de cuidados) e pela prestação de serviços aos outros. “Assim, o cuidado de si e dos outros e a preocupação com a saúde não são tidos como atribuições masculinas.” (GOMES, 2008, pg. 53)

Gomes ressalta ainda que: “Diferentemente do homem, a mulher foi mais acostumada a ter seu corpo exposto para a medicina. Principalmente com o advento da ginecologia, ela teve o seu corpo mais medicalizado em diferentes ciclos de vida.” (Gomes, 2008, pg. 55).

Carrara, Russo e Faro (2009) ao analisarem a *Política Nacional De Atenção Integral À Saúde Do Homem*, também citada e conhecida por muitos de nossos entrevistados, indagam-se se não estaria em curso agora uma proposta de normalização e medicalização do corpo masculino, tal como teria ocorrido com o corpo feminino, através dos diferentes

programas de cuidado à saúde da mulher, visando a preservação da *maternidade saudável*; agora a questão seria também: uma *paternidade saudável*.

Woody Allen analisa: “olha, eu tava conversando isso ontem...até... eu sempre vi o foco do ministério da saúde na saúde da mulher, hoje em dia não. Hoje em dia tá saindo várias campanhas aí de saúde do homem. Isso não é à toa, não é aleatório”. (*Woody Allen*, 18 anos, 3º ano do E.M.).

Nicole Kidman ressalta outro aspecto: a governabilidade (ainda) feminina no domínio do lar: “bom, os homens, sei lá. Eu acho que eles não cuidam tão (acentuado) bem quanto as mulheres. Sabe? Porque geralmente a parte de alimentação do homem, quem cuida não é ele. É a mulher que vai cuidar da alimentação do cara”. (*Nicole*, 17 anos, 3º ano do E.M.). Nesse sentido, Viana (2008) ressalta que o “modelo de família nuclear e de prole reduzida possibilitou a implantação das estratégias do biopoder no coração da produção social”. (VIANA, 2008, pg. 57)

Outro ponto interessante enunciado tanto pelos “meninos”, como pelas “meninas” é com relação à preocupação dos homens com os cuidados com o corpo e com a prática de exercício físico. Como apontam *Catherine Deneuve* e *John Ford*:

“Pelos homens que eu conheço eu acho que sim, talvez isso (cuidados com a saúde) tenha estado como menos importante do que no feminino. Eu acho que talvez cuidem do corpo segundo exercício físico. Têm muitos homens que, ah, vão pra academia, pra ficar sarado, vão nadar, vão fazer alguma coisa. Eu considero isso não por fazerem só por gostar, mas também pelo cuidado com o corpo, com a aparência”. (*Deneuve*, 17 anos, 3º ano do E.M.).

“mas a questão corpórea, questão estética assim, eu malho, não dá resultado, mas eu malho (risos). Faço karatê também. Aí corpórea mesmo é só isso, mas saúde é um pouco mais complicado né. Devido a vida corrida”. (*Ford*, 19 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, muitos de nossos “nativos” destacaram a questão dos cuidados com o corpo, por parte dos homens, e não apenas com a prática de exercício físico, mas também foram enunciados aspectos como “ vaidade”, “se vestir bem”, “metrossexual”. Joss Stone considera que esta é uma “cobrança” feminina: “porque as mulheres cada vez mais cobram que os homens tenham uma preocupação com o corpo”(*Fernanda Montenegro*, 18 anos, 3º ano do E.M.).

Outro ponto é que ainda que achem que existem práticas e “relações sociais machistas na sociedade”, alguns de nossos tripulantes consideram que este “estigma” do

homem superman estaria diminuindo. *John Ford*, 19 anos, 3º ano do E.M., por exemplo, enuncia que homens e mulheres cuidam igual da saúde, assim como *Truffaut*.

Não podemos afirmar, contudo, que esta é uma prática em curso, mas sim que as representações e visões de nossos tripulantes acerca dos cuidados dos homens com saúde talvez apontem, também, em direções outras. Assim, apesar de muitos de nossos “meninos” dizerem que “odeiam” ir ao médico, muitos praticam exercícios físicos, alguns dizem que vão a consultas médicas regulares e outros enumeram ainda outros modos de cuidado como “meditação” e “filosofia oriental”.

Passaremos agora a nosso próximo tópico que remete ao “tornar-se” homem. Assim, indagamos a nossos nativos sobre o que achavam que seria “tornar-se homem” e “deixar de ser menino”. Nesse sentido, faremos agora uma breve análise dos diferentes discursos e representações acionados.

3.15. Menino-Homem?

O filme “*El Ultimo Verano de la Boyita*”^{lxiii} trata da entrada na puberdade e da descoberta das questões do gênero e da identidade sexual. Jorgelina, a personagem principal, é uma menina prestes a deixar de ser criança e a tornar-se adolescente; ao passar férias no campo com o pai, aproxima-se de Mário, e os dois tornam-se amigos.

Mário está treinando para um corrida de cavalos, que na comunidade “rural” onde vive, marcaria sua entrada no “mundo dos homens”. Contudo, com a ajuda de Jorgelina, Mario irá perceber que afinal o seu corpo não é bem o de um rapaz. Mário vive então momentos de ambiguidade entre assumir seu lugar no “mundo dos homens”, independente de seu “corpo”; ou assumir um novo “sexo”, digamos assim, invertendo toda a sua construção, até ali, em torno de seu corpo, seu “sexo”, seu “gênero”.

Retomamos esse filme no intuito de introduzir nossa temática. Assim, haveria entre nossos “nativos” marcas de entrada no “mundo dos homens”? Existiriam essas marcas? Quais seriam? Como nossos tripulantes as enumeram?

Nesse sentido, consideramos interessante realizar uma manobra no sentido de encontrarmos ventos que nos ponham a velejar. Assim, convidamos a bordo outro marujo:

^{lxiii} “O Último Verão da Boyita”, filme argentino, de Júlia Solomonoff, exibido no Rio de Janeiro, no festival do Rio de 2009.

DaMatta. Esse autor escreve um artigo interessante em que problematiza a relação entre limiaridade e individualidade no que concerne aos ritos de passagem. Não adentraremos a fundo nessa discussão, contudo, interessa-nos pontuar alguns elementos que podem nos auxiliar a “mapear” as representações de nossos tripulantes em relação ao “tornar-se homem”.

Dessa forma, DaMatta (2000)¹¹² retoma, primeiramente Van Gennep (1978 [1909]), e argumenta que este autor teria rompido “pioneiramente com a universalidade da fisiologia como característica dos chamados “ritos de puberdade” (DAMATTA, 2000, pg.10) , e assim teria “descoberto” que dentro de uma multiplicidade dos “ritos de passagem”, haveria um padrão que implicava três fases: separação, incorporação e, entre estas, uma fase liminar, fronteira, e ambígua que, “embora se produzisse em todas as outras fases, seria destacada, focalizada e valorizada”. (DAMATTA, 2000, pg.10)

O autor retoma então Victor Turner, argumentando que os ritos de passagem teria sido reinterpretados a partir dos anos 60, sobretudo por este autor. DaMatta (2000) destaca duas tendências interpretativas desta fase. Uma primeira em que os ritos de passagem seriam uma resposta adaptativa, quando os indivíduos seriam “obrigados a mudar de posição dentro de um sistema” (DAMATTA, 2000, pg. 11). Nas palavras do autor:

“Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de apagar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana. Nessa perspectiva, o foco é sempre nos jovens e naquilo que é percebido como uma arriscada e conflituosa transição dentro da sociedade”. (DAMATTA, 2000, pg. 11)

Por sua vez, a segunda tendência interpretativa destacaria o caráter coletivo dos ritos de passagem, tomando o simbolismo destes ritos como “uma dramatização de valores, axiomas, conflitos e contradições sociais”. (DAMATTA, 2000, pg.12) . Nosso marujo segue, então, argumentando que o que estaria em questão nos ritos de passagem não seria um processo de ruptura, de ênfase em “uma subjetividade paralela ou independente da coletividade” (DAMATTA, 2000,pg. 17), mas ao contrário, essa individualização seria complementar ao grupo, no sentido de que os “noviços” retornam à “aldeia”, ao final do ritual, para assumirem novas responsabilidades sociais, de acordo com os valores e forma de organização de cada grupo social.

Assim, nesse argumento haveria uma tendência interpretativa que daria ênfase ao caráter individual, “evolutivo”, do “tornar-se homem” e outra que daria ênfase ao caráter

coletivo, um rito em que se selaria o pertencimento ao grupo, a comunidade (dos homens). Atualmente, no universo social contemporâneo-globalizado-ocidental talvez estes ritos tenham menos expressão. São poucos, talvez, os ritos que permanecem. É difícil delimitar, hoje em dia, essa passagem entre ser menino-ser adolescente-ser homem. Não existiria uma marca ou ritos tão precisos e delimitados, talvez.

Contudo nossos “nativos” refletiram sobre o tema e elaboraram diferentes respostas. Uma de nossas entrevistadas enuncia: “é o social que transforma o homem diferenciando do menino”. (*Grace Kelly*, 18 anos, 3º ano do E.M.). Destacamos essa fala, como representativa de “outros discursos nativos” que também sinalizaram nessa direção. Entretanto, DaMatta (2000) faz uma ponderação interessante:

“Tudo isso revela uma boa distância da concepção moderna de subjetividade, pois o que os ritos de passagem acentuam vai na direção de uma subjetividade interdependente, ao passo que a nossa subjetividade é construída salientando uma interioridade marcante...”(DAMATTA, 2000, pg. 21)

Assim, consideramos crucial a enunciação de DaMatta do dilema brasileiro, no intuito, de dar alguma inteligibilidade à nossa questão e às falas de nossos tripulantes. Nosso universo de navegação social seria então marcado por um duplo registro, um da pessoa e sua rede de relações hierarquizadas; e outro do indivíduo-como- valor, tal como proposto por Dumont (1986).

Por fim, consideramos interessante ainda pontuar, a relativização na sociedade-contemporânea-globalizada-ocidental apontada por Birman (2009) no que concerne aos ciclos de vida. Para este autor a “modernidade” teria sido marcada pela “disciplinarização dos corpos” em fases como infância, adolescência, fase adulta e velhice; contudo, argumenta que hoje estaria havendo uma “exacerbação” da categoria juventude, que contribuiria se não para o rompimento dessas fronteiras etárias, ao menos para uma maior “porosidade” destas fronteiras.

Tendo percorrido estes mares, nos aproximaremos agora da forma de navegação de nossos tripulantes. Assim, o ponto comum em relação ao “tornar-se homem” nas falas de nossos “nativos” refere-se à assunção de maior responsabilidade. Nesse sentido, responsabilidade implicaria assumir novos papéis ou “obrigações” sociais.

Na visão de nossos entrevistados, essas “obrigações” estariam relacionadas ao trabalho; a “ter uma família”; “lidar com (um) relacionamento”; “conseguir manter as

amizades e um relacionamento amoroso”; “pensar no futuro profissional”; “fazer uma faculdade”, “estudar”; “a questão da sexualidade”; “buscar estabilidade”. *Montenegro* sintetiza:

“Quando você sai do 3º ano e vai pra universidade, e quando você tem que começar a trabalhar, eu acho que o menino passa pra homem, que ele tem que assumir mais responsabilidades, responsabilidades que a sociedade coloca de postura de homem, de criação de uma família, então quando o homem também, quando o menino tem uma namorada, começa a pensar em noivar, casar, a responsabilidade aumenta e aí ele também passa...então tem a questão da família e emprego, e universidade nem tanto, mas como eu acho que universidade é bem junto ao emprego, geralmente as pessoas que, não sei se geralmente, mas no meu meio é muito assim, as pessoas que entram na faculdade, trabalham, até porque se tem que trabalhar, então é nesse contexto de pressão, de ter que fazer as coisas, que tanto homem quanto mulher, viram de fato meninos para mulheres e homens”. (*Fernanda Montenegro*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Podemos relacionar as “obrigações” e responsabilidades descritas por nossos tripulantes, com os mandatos relacionados à masculinidade descritos por Olavírria (2001), em sua pesquisa com jovens chilenos. Para este autor, haveria três “mandatos” relacionados ao tornar-se homem: um referente à sexualidade, e as primeiras relações sexuais, amorosas e afetivas – em que haveria também um compromisso, uma “honra”, diferente das relações “puramente” sexuais; outro referente ao trabalho; e um terceiro relacionado a paternidade, podemos associar nas falas de nossos “nativos” a “ter uma família”.

Uma questão interessante que aparece nos discursos de nossos tripulantes em relação a este aspecto é que eles argumentam que “tornar-se homem” é muito semelhante ao “tornar-se mulher”. Muitos inclusive responderam a pergunta acionando os termos “homem” e “mulher”, ou “masculino e feminino”; como *Catherine Deneuve* que pontua que o que muda é o comportamento:

“Eu acho que talvez tenha uma mudança de comportamento, talvez tanto o feminino como o masculino tem essa marca. (...) O comportamento dos seus pais em relação a você passa a ser diferenciado.(...) Então eu acho que o que importa é o comportamento, assim, as ideias, ter contato com novas coisas”. (*Deneuve*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, nossos nativos se diferenciam de uma ideia presente em estudos de antropologia do gênero, conforme analisado (e criticado) por Grunvald (2009), de descontinuidade associada *tornar-se homem* e de continuidade associada ao *tornar-se mulher*, Analisando esta produção, este autor explicita, nestes estudos, que essa descontinuidade do

tornar-se homem estaria ligada à ideia de masculino como do âmbito público (político), da cultura e do feminino como do âmbito doméstico, ligado à natureza. Contudo, para nossos tripulantes, ainda que esta distinção se faça presente, existem nuances e outras representações concorrentes, de forma que para nossos “nativos” tornar-se homem e tornar-se mulher seriam processos que se assemelham.

O aspecto destacado por DaMatta (2000) em relação a uma “interioridade marcante” também aparece nos discursos acionados por nossos entrevistados nessa navegação. Assim, nossos entrevistados dizem que tornar-se homem implicaria um *processo* (um “gradiente”) de amadurecimento, de auto conhecimento, o conhecimento de mundo, a mudança de posição subjetiva, de “responsabilidade com o outro”, conforme as falas abaixo:

“Mas não existe um período que você fale: “agora sou isso”, “agora eu sou aquilo”, até porque é um gradiente. Você não passa imediatamente num dia e você acorda e fala: “agora mudou”. Não, você tem um percurso e a partir daquele percurso você fala: “hoje eu sou mais isso, do que antes eu era.” Então, por exemplo, a maturidade, a da educação, o próprio conhecimento de mundo são importantes pra marcar quando uma pessoa é e quando ela não é alguma coisa.”. (*Tom Cruise*, 17 anos, 3º ano do E.M.)

“E o que que você acha que é amadurecer? LG: Ah, eu acho assim que tem certas posturas. (...) São coisas mais que dá pra perceber na postura da pessoa, mas no jeito como se relaciona mesmo. Tem uma mudança, mas não dá pra dizer é isso. É mais o jeito como eles encaram certas coisas, sabe, tipo começa a se posicionar diferente diante de certas situações. Ah, acho que mais isso”. (*Andrey Hepburn*, 16 anos, 3º ano do E.M.)

“Agora isso deveria ser a diferença do menino pro homem, embora isso não aconteça: a própria responsabilidade com o outro também. Eu acho que é isso.”. (*Woody Allen*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Outro aspecto interessante é que aparece novamente a associação do homem com a ideia de proteção. Assim, para *Nicole Kidman* tornar-se homem implicaria “começar a agir pra proteger as pessoas que tão perto dele.” (*Kidman*, 17 anos, 3º ano do E.M.). Este aspecto também está presente na pesquisa de Olavarría com jovens chilenos, em que “ser homem” incluiria “proteger a família”.

“Nossos” jovens destacam, ainda, a brincadeira, o infantil como o lado criativo, e “defendem” que “virar homem e assumir suas responsabilidades”, não significaria abrir mão do “lado criança”. Contudo, *Fernanda Torres* aponta que “os homens já escondem mais um pouco disso (*a brincadeira*) pra tentar manter a masculinidade”. Assim, nossos “nativos”

explicitam uma aparente contradição inerente a seus projetos e visões de mundo “assumir sim responsabilidades” e “manter a masculinidade”, mas “não deixar de ser criança”.

Por fim, há um último aspecto a ser destacado nas falas de nossos “nativos”. Para eles, “crescer”, “amadurecer”, “tornarem-se homens e mulheres” implicaria, também “perder a ingenuidade”, “lidar com as dificuldades da vida”, “sentir a dor do mundo”. Assim, significaria sair de uma postura protegida, de “criança^{lxiv}” para uma postura de “encarar os desafios e dificuldades da vida”. Como sintetiza *Marilyn Moore*:

“eu acho que muitas das vezes, desculpa o termo, eu acho que as porradas que a gente leva da vida. Faz a gente amadurecer. Determinadas situações, cada situação é única. E acho assim leva a gente a amadurecer”. (*Marilyn Moore*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Assim, há uma diversidade e uma pluralidade de sentido do tornar-se homem e “amadurecer” para nossos tripulantes. Implica não apenas os “mandatos” da masculinidade como exposto por Olavarria, mas também sentidos outros, como o conhecimento, a mudança de posição, o cultivo do lado infantil, o lidar com as “porradas” da vida e “dores” do mundo.

Passaremos agora a analisar algumas questões pertinentes a nosso trabalho que surgiram durante as discussões em grupo. Ressaltamos que iremos nos ater apenas a alguns aspectos que consideramos que ainda merecem “visita” nesta viagem. Deixaremos outros para novas, prováveis e possíveis navegações.

3.16. Diálogos

Primeiro, descreveremos os mares pelos quais velejamos nesta etapa da pesquisa. Assim, nosso intuito era aprofundar algumas questões em pequenos grupos, e efetivando um diálogo com nossos tripulantes. Tínhamos um disparador deste diálogo: uma seleção prévia de filmes sobre nosso tema – juventude e masculinidades.

Essa seleção era composta de oito cenas, totalizando oito minutos^{lxv}. Cada cena tinha um eixo temático a ser discutido, da seguinte forma:

Cena Um: “O jovem não tem nada para fazer” – eixo temático: juventude e ser jovem (questões: ser jovem hoje? O que significa a fala de uma “adulta” dizer que o jovem não tem nada para fazer? O que gostam e o que não gostam de fazer?)

^{lxiv} Aqui no sentido diverso do exposto no parágrafo acima.

^{lxv} Referências cenas dos filmes, em ordem de aparição: Viana, Z. *Maré sem complexo*, 2006; Meireles, F. *Cidade de Deus*, 2002; Furtado, J., *Meu tio matou um cara*, 2004; Salles, W. *Linha de Passe*, 2007; Amaral, T., *Ântonia*, 2006.

Cena Dois: “Lei de aumento de roupa” – eixo temático: juventude e ser homem (questões: como lidam com seus corpos? Como lidam com a exposição do corpo próprio e do outro? Como exercem a sexualidade?)

Cena Três: “Zé pequeno chegando numa mulher” – eixo temático: relação entre homens e mulheres (questões: como veem a conquista? O homem que deve “chegar” na mulher? Como se sentem ao “chegar” em alguém?)

Cena Quatro: “Você vai na festa da 203?” – eixo temático: corpo e relação entre homens e mulheres (questões: o que valorizam no corpo feminino? E no corpo masculino? Como se sentem ao chegar ou conversar com alguém que consideram muito atraente?)

Cena Cinco: “Jogando futebol” – eixo temático: relação entre pares (questões: Como veem a relação em grupo entre homens? Em que espaços ela acontece? Qual a sua importância?)

Cena Seis: “Levando a mina para o motel” – eixo temático: juventude e iniciativa sexual (questões: como veem a questão da iniciativa sexual? Sexo é uma iniciativa do homem? Como consideram mulheres que tomam a iniciativa?)

Cena Sete: “Preta grávida” – eixo temático: contracepção, prevenção e sexualidade (questões: Prevenção AIDS/ DST – responsabilidade de quem? Contracepção – responsabilidade de quem? Escolha pelo aborto – quem decide? Ser homem e ser pai? Ser homem e “ter uma mulher”? Como veem a fala do personagem “mulher minha não faz...”)

Assim, tínhamos perguntas prévias e temas que queríamos discutir. Contudo, foi necessário manter uma postura de abertura, já que cada cena os impactava de diferentes formas. Nesse sentido, discutimos e dialogamos com os aspectos que mais os interessava e que fazia mais sentido em seus “mundos sociais”. Dessa maneira, por exemplo, no segundo diálogo em grupo, nossos “nativos” ficaram muito provocados pela primeira cena, que despertou neles questões múltiplas ligadas a “exclusão social”, por conta disso, centramos nossa discussão nestes aspectos.

Fica claro para nós que fazer pesquisa é sempre uma interação. Não necessariamente as questões que tem o pesquisador são as mesmas de seus entrevistados. Aliás, achamos que o mais comum é que não sejam. Há um encontro entre falas e modos de dizer múltiplos. Há ajustes sempre necessários. E ainda assim, nossas possibilidades de interlocução são sempre parciais.

Recordamos Fernanda Young (1998)¹¹³, na contracapa de *Carta para alguém bem perto*:

“Não pode ser. Não posso ser assim. Estar dessa forma, existir. Por quê? Será que todo mundo sente isso? Essa esquisitice enquanto respira? Todo mundo pensa enquanto respira? Pensa em cada bocado de oxigênio que entra e sai, depois, já estragado, já gás carbônico? Eles sentem dessa maneira que eu sinto? Gostaria de saber se as pessoas ficam pensando sobre ao ar ou se apenas respiram de forma simples e vital. Queria saber se é mais agradável ser outra pessoa. Se é bom sentir se outro. num corpo mais gordo – será mais macio existir dentro de 90 quilos? O gosto da boca, a sensação de estar vivo seria diferente?” (YOUNG, 1998, *contracapa*)

3.16.1 “o jovem não tem nada pra fazer”

É diferente o “ser jovem” de nossos “nativos” do nosso “ser jovem”? Em que diferem de nossas concepções? Em que diferem entre si? Neste sentido este item.

Essa era também a primeira cena de nossa seleção. Foi uma cena que causou certa indignação nos dois grupos que realizamos. O primeiro ponto ressaltado pelo primeiro grupo, composto por *Elizabeth Taylor, Jorge Furtado e Michael Keaton* com idades de 18, 16 e 17 anos respectivamente, todos do E.M., foi com relação a valorização do estudo, *Taylor* argumentou: “é que ela acha que estudo não é ter alguma coisa pra fazer, só trabalho que é”. Dialogamos um pouco sobre isso, sendo que todos ressaltaram a educação e o estudo como valores que lhes eram importantes.

Intervi, então. Falei do contexto da cena^{lxvi}, argumentei; contudo, nesse ponto, *Jorge Furtado* logo se colocou:

“eu sei, entendi, é que assim eu moro na favela, e a gente vê que os pais têm preocupação com os filhos, porque moram na favela. E assim eles acham que quando o filho não tem uma cabeça ocupada ele vai acabar se desvirtuando. (perguntei para *Jorge*): e você acha que isso acontece? J: Não. Eu sou um exemplo disso”.

Keaton então interveio: “pra mim ela tá dos dois lados errada tanto achar que o jovem não tem nada pra fazer, quanto achar que não ter nada pra fazer é sinônimo de caminho ruim”.

Aqui há um aspecto interessante de comparação entre os dois grupos realizados. Por acaso, em ambos os grupos participaram alunos do *Poli* que moravam em favelas. No

^{lxvi} Esta cena é do filme *Maré sem complexo*, de Zelito Viana, de 2006. Uma mulher faz um depoimento dizendo que o “jovem não tem nada pra fazer”, esta mulher, moradora da Maré havia “perdido” dois filhos, que entraram para o tráfico de drogas, e morreram em confrontos com a polícia.

segundo diálogo, participaram eu, *Glauber Rocha e Costa-Gravos*. O interessante é que a posição dos dois era completamente diferente da do primeiro grupo.

Glauber e Costa-gravos, ambos também do E.M. do *Poli*, com 19 e 18 anos, respectivamente, ainda que apontassem saídas e questionassem a visão “o jovem não tem nada pra fazer”, argumentaram acerca das dificuldades de se crescer numa favela, no Rio de Janeiro de hoje, dizendo “como o jovem não tem nada pra fazer, você abre uma porta, que é muito tentadora, pra esse jovem entrar nesse ramo (tráfico de drogas). Que além de tentadora, por vezes é quase que a única opção.”.

Os dois seguiram problematizando “que a Maré também assim, a gente não pode generalizar, ela é completamente regionalizada também. E a gente não pode ver a Maré como “a” Maré”. Nesse sentido, *Glauber* argumenta:

“muita gente, por exemplo, só vê a parte da cultura (da Maré), que só vê as organizações de black, de trace, de gay. Só vê lance de esporte, de grafite, essas coisas. Que você tá num meio social totalmente...que tipo você vê um garoto que tá ali jogando bola com você, e de repente morre, que que tu faz? Se corre tu morre, se ficar tu morre, que que você faz? Ou das outras vezes, tu tá empregado vai ganhar 200 reais, que só o gato da luz não é o suficiente...e ainda tem uma coisa que é famoso lá dentro que é o jovem achar que é homem, com 10 anos. Você tá lá com 10 anos, lá jogando bola, aí tu vai pra escola, ou tu vai estudar o dia inteiro (...)Mas não tem essa coisa de estudar o dia inteiro não, você apanha o dia inteiro. Se você não obedece toma porrada em dobro, “de”(...) Assim, o jovem na periferia ele foi criado ou pra ser bandido ou pra...assim...” (*Glauber Rocha*, 19 anos, 3º ano do E.M.)

Costa-Gravos dialoga com *Glauber*:

“Você sucateou, a sociedade tá fragmentada de uma forma com que na favela estão todos aqueles que não tem nenhuma utilidade pra sociedade. Aqueles que não tem poder aquisitivo, né? Então assim...o Estado tem um projeto pra excluir eles. Então assim eles são os inimigos da sociedade”(*Costa-gravos*, 18 anos, 3º ano do E.M.).

Perguntamos também se eles achavam difícil ser jovem hoje, Esta talvez seja uma inquietação da pesquisadora. No primeiro grupo, a resposta a essa pergunta foi com uma negativa, “que o difícil era ser velho, pois tem mais responsabilidades”. Também argumentaram que a dificuldade dependeria do contexto. No segundo grupo, *Glauber* retornou a pergunta para mim, talvez consciente do fato de ser uma inquietação minha. Respondi falando da dificuldade hoje de se colocar no “mercado de trabalho”, de “ocupar uma posição mais criativa no mundo”, da falta de estabilidade do trabalho, *Glauber* me interpelou “maldizendo” o capitalismo:

“a questão do capitalismo é isso, né? Se você tem emprego, você é alguma coisa, se você não tem...qualquer jovem, de qualquer lugar não tem valor, né?”(*Glauber Rocha*, 19 anos, 3º ano do E.M.)

Nesse sentido, dialogamos com Birman:

“o imponderável caracteriza, de maneira efetiva, a relação da juventude com a ordem social. A imponderabilidade se impõe hoje em decorrência da impossibilidade vivida pela juventude em traçar de maneira segura as relações entre presente e futuro, já que este se delinea como algo da ordem do improvável e do impalpável”. (BIRMAN, 2009, pg. 25)

Contudo, talvez esta preocupação os afete ainda de outra forma, já que estão no colégio, fazem estágio, pretendem fazer vestibular. As coisas ainda seriam mais palpáveis, talvez. As cenas seguintes envolviam questões relacionadas à “iniciação” sexual e afetiva. Dividimos a discussão destas em dois itens no intuito de facilitar nossa ancoragem.

3.16.2. “a mulher que controla”

“É porque tipo assim, homem geralmente eles querem ter uma garota na cama e tal, a mulher tem que saber o momento certo dela, não se deixar levar, ir pela cabeça mais dela. É isso (risos).”(Cameron Dias, 16 anos, 3º ano do E.M.)

A fala acima de *Cameron* explicita um pouco uma das discussões em grupo. Nesse sentido, reproduzimos uma parte do diálogo travado:

Elizabeth Taylor: se você toma a iniciativa os homens estranham. Principalmente isso (sexo)

Keaton: porque depende. A gente tá numa fase da minha em que a gente tá com pressa, o cara tá com pressa, e a mulher não...então é mais complicado, né?

Entrevistadora (eu): o cara tá mais afim e a mulher menos?

Taylor: não.

Keatons: não, a mulher tá tentando se controlar. Então dificulta um pouco o balanceamento, porque você já chega todo e tal, mas tá na época de ouvir muito “não”. (T: (durante a fala de *Keaton*): depende da mulher) K: Que dirá ouvir até ouvir uma proposta, né?”

Nesse aspecto, nossos “nativos” aproximam se destacado por Bozon e Heilborn (2001) de que a “resistência da mulher e insistência do homem” “fazem parte do regime ideal das relações de gênero” (2001, pg.115). Contudo, *Taylor* pondera durante a fala de *Keaton*: “depende da mulher”. Assim, ainda que este regime explicitado pelos autores também tenha expressão, outras nuances se anunciam.

3.16.3. Iniciativa afetiva e sexual

Elizabeth Taylor afirmava, durante a discussão, que gostava de “chegar nos caras” e que eles se assustavam com isso. Nas suas palavras: “Eu sou meia de chegar e assim: e aí, fulano, rola ou não rola? Alguns gostam, alguns se assustam, alguns fogem, aceitam”.

Ela conta, inclusive, que alguns “caras” “em quem chegou”, falaram pra ela que é o papel deles de homem, chegar numa mulher. *Keaton*, dialogando com ela, ponderou que para ele não havia problema, e que havia sido sua namorada que tinha “pegado” ele. *Jorge Furtado*, por sua vez, concluiu: “na verdade, é que as meninas ainda tem isso: ‘ah o menino que tem que chegar”.

A fala de *Furtado* aproxima-se, de certa forma, da pesquisa de Heilborn (1998)¹¹⁴. Nossa maruja conclui que haveria um “modelo hegemônico do gênero masculino”, que seria o namorador, “aquele que tem facilidade de acesso e lábria para ‘ganhar’ parceiras” (HEILBORN, 1998, pg. 405). A timidez, para esta autora, revelaria uma certa inadequação a este modelo.

As “meninas” , segundo *Furtado*, ainda “cobram” dos “meninos” este modelo. Outras como *Taylor* assumem outras posições, com todos os seus riscos, como o “susto” e a “fuga” de seus pretendentes.

Uma das cenas relacionadas a “iniciação” sexual e afetiva era do filme “Meu tio matou um cara” em que dois colegas de escola conversavam sobre uma menina que consideravam atraente. Assim, indagamos nossos tripulantes sobre o que os atraía em termos afetivos e sexuais. Nesse sentido, *Keaton* categorizou:

“Eu costume fazer uma separação de mulher: tem o bonito por dentro; tem o bonito por fora, e o gostosa. Então assim tem a beleza interior e a beleza exterior, tem os dois, pô, maravilha. (risos) mas assim pode ter um só. Então assim são três: beleza interior, beleza exterior e gostosisse. Então assim pra me atrair tem que ter pelo menos dois. Não adianta ter só um”. (*Keaton*, 3º ano do E.M.)

Taylor, diferente de *Keaton*, ressaltou que prefere “os caras legais”, nas suas palavras:

“tipo todos os caras que eu fiquei não são nem um pouco próximos do padrão de beleza da sociedade, são muito diferentes, sabe? E eu não me importo. e o que que é um cara legal? T: uma cara legal? É um cara que sabe falar bem sobre vários assuntos, um cara bruto e carinhoso ao mesmo tempo. (*Elizabeth Taylos*, 3º ano E.M.)

No segundo grupo, *Costa-Gravos* ressaltou aspectos como “a postura corporal, o jeito de andar, o jeito de expor, o jeito de se impor”. *Glauber Rocha*, por sua vez, ressaltou outros aspectos. Disse que estava interessado em uma menina, pois ela tinha lido 11 livros da coleção “Os pensadores”^{lxvii}, enquanto que ele “só tinha lido 5”.

Costa-Gravos e Glauber argumentaram ainda sobre o “poder de atração que as armas exercem sobre as mulheres”:

“*Costa-Gravos*: também assim, porque que a arma acaba sendo objeto de poder pras mulheres, por exemplo? Você tem uma discussão muito grande...você tem uma roda de homens, a mulher vai escolher aquele que estiver com o cano maior.

Glauber Rocha: é, é sim... o maior cano, pra ela poder ter valor(...)”

Nesse sentido, as falas dos dois corroboram a pesquisa de Silveira (2007) sobre as namoradas de fé, pois segundo as suas entrevistadas, “ser “bandido” na favela é uma forma de distinção e reconhecimento”. (SILVEIRA, 2007, pg. 41).

Ainda nesta perspectiva Velho afirma que “o acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens” (VELHO, 1996, pg. 20).

Nesse sentido, é interesse notar o conflito e a tensão que nossos “nativos” têm de negociar. Assim, como dizem, não portam armas, nem talvez outros signos de *status*, como tênis e roupas de marca, ou ainda músculos; valorizados nos diferentes contextos que estão presentes, possuem *outros* valores. Se a distinção entre nós do *Poli* e os *amigos de antes*, atua no sentido de reforçar os valores intra-grupo, ela também possui tensões e percalços.

Muitas vezes, como no caso apontado por *Glauber e Costa-Gravos*, os “meninos” são preteridos por outros, principalmente fora do universo do *Poli*. Não estamos querendo dizer que nossos “nativos” não sejam musculosos (alguns inclusive falaram que frequentam academia, no intuito de adquirir músculos) ou que não usem roupas e tênis “de marca”.

O que queremos apontar é que muitas vezes seus outros valores chocam-se com os de outros jovens. Fora do *Poli*, junto a outros jovens com quem também convivem e mantêm laços, nossos “nativos” têm de negociar essa tensão. Talvez não sejam tão reconhecidos e valorizados pelas outras jovens ou pelos outros jovens como gostariam, o que funciona ainda

^{lxvii} Coleção de livros que reúne vários pensadores da filosofia ocidental. Esta coleção já teve várias edições e reedições no Brasil.

mais para fortalecer o vínculo intra-grupo. Assim, é muito comum o namoro e o envolvimento afetivo entre os próprios alunos do *Poli*.

Nossos “nativos” pontuam, então, diversos fatores relativos à atratividade sexual e afetiva, que permeiam seus múltiplos universos sociais. A cena seguinte da seleção ressaltava o aspecto do convívio coletivo entre homens, em grupos intra gêneros, é sobre este aspecto nossa próxima parada.

3.16.4. Futebol e grupos de homens

Em um livro considerado como um dos primeiros da teoria *queer*^{lxviii} “Between Men”, Eve Sedwick analisa diferentes obras da literatura inglesa^{lxix}, sendo a primeira *Os sonetos*, de Shakespeare (provavelmente escritos entre 1570 e 1580) e a última *The mystery of Edwin Drood*, de Charles Dickens, em 1871, para pensar as relações entre homens, que ela diz serem conduzidas pelo “desejo homosocial”.

Para Sedwick(1985), haveria o desejo homosocial que seria um continuum, se expressando de diferentes formas, desde a relação amorosa-sexual-afetiva entre dois homens até a homofobia. Climaco (2009) esclarece a influência de René Girard e Dorothy Dinnerstein na obra de Sedwick, ao enfatizarem o fato do eixo do triângulo que une os dois homens ser prioritário com relação ao que une cada um deles com a mulher. Muitas vezes, o laço com a mulher apenas cobra importância para cada um dos homens na medida em que para o outro também o têm.

Por sua vez, Welzer-Lang (2004, 2001)¹¹⁵ se utiliza da análise de Godelier do povo Baruya para articular um pensamento acerca da relação entre homens. Assim, a ordem social Baruya, como descrita por Godelier em 1960, era rigidamente demarcada: os homens detinham as armas e controle da produção e da venda dos produtos, enquanto as mulheres se encontravam numa posição de submissão e exploração. Entretanto, nem todos os homens tinham os mesmos poderes. Os “grandes homens” eram os responsáveis por “educar” (através de práticas de dominação, humilhação e violência) os meninos Baruya em um espaço monossexuado: a casa dos homens.

A proposta de Welzer-Lang é a de estender a casa dos homens à contemporaneidade europeia. Assim, espaços “monossexuados”, como bares, escolas, clubes ou quartéis, passam

^{lxviii} Ver primeiro capítulo

^{lxix} Analisa, por exemplo *Homosexuality in Renaissance England*, de Alan Bray; e *The Country wife*.

a ser considerados como casas dos homens. Assim, nestes espaços os mais jovens seriam submetidos a violências por parte dos maiores, os quais os “feminilizam” (e homossexualizam) e da os quais apenas se livram passando eles mesmos a exercer violências equivalentes.

Na casa dos homens, o masculino e o feminino seriam estabelecidos, como também uma hierarquia do masculino sobre o feminino. Essa hierarquia seria transposta para a relação entre os pequenos e grandes homens, sendo que os pequenos homens seriam sempre associados ao feminino, e por isso seriam passíveis de sofrer violência. Neste sentido, para Welzer-Lang afirmar a violência seria o principal pilar das relações sociais de sexo.

Para nossos tripulantes, a “casa dos homens” seriam espaços “monossexuados” como o futebol ou o “judô”. Diferente de Welzer-Lang, eles caracterizam estes espaços, de outra forma, como podemos perceber no diálogo abaixo entre *Keaton e Jorge Furtado* :

“*Keaton*: eu fazia judô, por exemplo, e só tinha homem. Eram uns 15 homens. De noite, na academia, e era uma sacanagem, uma gritaria rolando o tempo todo.

Jorge: é difícil ter um amigo entre homens, mas quando tem é um amigo de verdade.

Entrevistadora (eu):hum-hum, e o que que vocês veem de diferente quando vocês estão no judô, por exemplo, e quando vocês estão num grupo misto?

Keaton: pra começar, o palavreado. Pô, quando só tem homem: “pô, aquela mulher é mó gostosa, que não sei quê”, grupo de homem e de mulher pode até falar, mas não é comum. Quando tá grupo misto “pô, mó gatinha e tal”, você até fala, mas quando tá entre os homens perde a linha. (*risos*). A cada 10 palavras, 9 são palavrões. Fala mesmo, pra desestressar”.

Keaton destaca uma linguagem diferente, um outro jeito de se expressar quando está no judô e ainda a conversa sobre mulheres, que se efetua, segundo ele, também em outros termos. *Furtado*, por sua vez, aponta outro aspecto: é difícil ter um amigo entre homens. Nesse sentido, Sedwick (1985) destaca o pânico homossexual, como sendo a forma mais particular, mais psicologizada através da qual os homens do século XX experimentam sua vulnerabilidade à pressão social da chantagem homofóbica. Assim, a amizade entre homens é, inclusive, objeto de chantagem homofóbica.

Por esse ângulo de navegação, é interessante notar os termos que *Kierkegaard*, no outro grupo, se utiliza para falar sobre a amizade entre homens:

“Mas o que eu tava falando do *momento gay*, é que os amigos, cara, tipo assim, os amigos que você faz de verdade, de coração, pô, meu irmão...pra sempre. Pra sempre vai estar com você. e aí assim você acaba deixando essa coisa de lado. E aí não são só homens, mas os

homens eles sabem como é ser homens, entendeu? Então se você é um homem sensível e encontra homens sensíveis pra serem seus amigos, você encontra também um lar”.(*Costa Gravos*, 18 anos, 3º ano do E.M.)

Para *Costa Gravos*, enuncia assim a importância da amizade que tem com outros homens, independente do “pânico homossexual”. Declara-se um homem sensível, sem ser homossexual, e afirma que o encontro com pares, a amizade é também um lar.

3.16.5. Aborto

A última cena da seleção era sobre aborto. Uma “menina” fica grávida e quer ter o filho. Conta para o namorado e este não quer que ela o tenha, quer que ela faça o aborto. Ao final da cena, entram num “acordo” de terem o filho e morarem juntos, desde que ela respeite a condição imposta por ele: “você vai parar de cantar rap.”^{lxx}.

Na discussão desta cena, o primeiro aspecto interessante foi ressaltado por *Furtado*, ao afirmar que “*gravidez não é doença*”. Nas suas próprias palavras:

“E eu acho que muita gente confunde gravidez com doença. Acha assim, “ah, a menina ficou grávida, perdeu a vida”. Mas eu acho que não é assim. Se uma namorada minha falasse que está grávida, eu ia ficar feliz”.(*Furtado*, 16 anos, 3º do E.M.)

Keaton e Taylor concordaram com *Furtado*, e se declararam a favor do aborto, e declararam ainda que ter um filho seria uma responsabilidade grande demais e que nas circunstâncias e condições (“financeiras”) do casal do filme^{lxxi} seria preferível abortar. Assim, este diálogo aponta que, na visão de nossos nativos, é preciso ter “condições” para criar um filho, ainda que questionem que “gravidez não é doença”.

Nesta perspectiva, *Costa Gravos e Glauber* sinalizam nuances diferentes. O primeiro, por sua vez, se coloca veemente contra o aborto: “Porque pra mim aquilo (o aborto) é matar alguém, até por um contexto mais anímico, mais espiritual (...) tem certos caminhos que fazem tomar essa decisão que assim, eu não poderia deixar alguém fazer isso por mim”.

Glauber, pelo contrário, defende o aborto, se dizendo, após as colocações de *Costa Gravos* “corrompido pelo sistema”. Para ele, antes de ele ter um filho precisa “estudar para

^{lxx} Sinopse do filme *Ântonia: Preta (Negra Li)*, *Barbarah (Leila Moreno)*, *Mayah (Quelynah)* e *Lena (Cindy)* são quatro amigas de infância que moram na Zona Norte de São Paulo formam o conjunto de hip-hop que dá nome ao filme. Enquanto lidam com a violência da região onde moram e o machismo dentro da cena musical, elas tentam o sucesso.

^{lxxi} Pela cena, fica claro que o casal não tem “boas” condições financeiras. A “menina” é cantora de rap, mas não fica clara a profissão do namorado, contudo a cena se passa no quarto dele, que não tem cama, apenas um colchão e poucos “bens” de elevado valor monetário.

tirar a mãe de lá (da favela)”. Ao final declara: “eu não sou a favor do aborto, mas tem situações e situações”.

Há dois aspectos interessantes na fala de *Glauber*. O primeiro é a declaração romântica de que ele já é “corrompido pelo sistema”, o segundo é a ideia de que o estudo pode possibilitar ascensão social, e a “obrigação” que ele se coloca em relação à família, no caso, à mãe. Nesse sentido, recordamos Heilborn (1998) que destaca uma maior precocidade de iniciação sexual com relação aos jovens das camadas populares, por conta de uma certa exterioridade e da “obrigação de trazer dinheiro para casa” presente neste universo navegação social.

Por fim, dialogamos ainda sobre prevenção e métodos contraceptivos e *Costa Gravos* declarou a “obrigatoriedade” do uso da camisinha na geração “pós-AIDS”.

Assim, cabe ressaltar os mares em que nossos tripulantes navegam: moram no Rio de Janeiro, em diferentes contextos, e convivem com a violência urbana em seus cotidianos; gostam de ler, reparam na “gostosisse” e na postura corporal de si e dos outros; preocupam-se com a imagem corporal; tem de responder, segundo eles, aos “imperativos sociais” seja com relação ao trabalho, seja em relação às “normas” relacionadas à saúde; transitam por universos múltiplos, *de Gilberto Gil a Lady Gaga*, e dessa forma, múltipla procuram criar sentidos de mundos que lhes sejam próprias.

Capítulo 4: A chegada – (ou À deriva).

“a diferença entre os sexos tem, felizmente, um sentido muito profundo. As roupas são meros símbolos de alguma coisa profundamente oculta. Foi uma transformação do próprio Orlando que lhe ditou a escolha das roupas de mulher e do sexo feminino. E talvez nisso ela estivesse expressando apenas um pouco mais abertamente do que é usual – franqueza, na verdade, era a sua principal característica – algo acontece a muita gente sem ser assim claramente expresso. Pois aqui de novo nos encontramos com um dilema. Embora diferentes, os sexos se confundem em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro; e às vezes só as roupas conservam a aparência masculina ou feminina, quando, interiormente, o sexo está em completa oposição com o que se encontra a vista.”(WOOLF, 1978, pg. 105)

“Se tudo pode acontecer
Se pode acontecer qualquer coisa
Um deserto florescer
Uma nuvem cheia não chover
Pode alguém aparecer
E acontecer de ser você
Um cometa vir ao chão
Um relâmpago na escuridão
E a gente caminhando de mão dada de qualquer maneira
Eu quero que esse momento dure a vida inteira
E além da vida ainda de manhã no outro dia
Se for eu e você
Se assim acontecer. . .
Se tudo pode acontecer
Se pode acontecer qualquer coisa
Um deserto florescer
Uma nuvem cheia não chover
Pode alguém aparecer
E acontecer de ser você
Um cometa vir ao chão
Um relâmpago na escuridão
E a gente caminhando de mão dada de qualquer maneira
Eu quero que esse momento dure a vida inteira
E além da vida ainda de manhã no outro dia
Se for eu e você
Se assim acontecer. . .”
(ANTUNES, 2001 e 2004)¹¹⁶

Nossa velejada (e capítulo) final é uma tentativa de síntese de nosso percurso. Nosso intuito é vislumbrar um ponto de chegada possível a partir de nossa rota e da viagem empreendida. Assim, depois de aportamos em diferentes lugares, dialogarmos, viajarmos e nos aproximarmos de nossos marujos e de nossos tripulantes, aonde chegamos? Aonde esta viagem nos levou? Descobrimos coisas e mundos novos, sobre a juventude, o masculino e a saúde? Produzimos conhecimento com “C” maiúsculo? Somos diferentes do início da

viagem? Somos os mesmos? Ou talvez os dois, somos ao mesmo tempo diferentes e os mesmos?

Nosso percurso nos aproxima da descrição de Flusser (2007)¹¹⁷ sobre a amizade. Estabelecemos relações com nossos tripulantes e nossos marujos, talvez não tanto trabalhadas e cultivadas como uma “boa” amizade, mas relações de conhecimento mútuo, diríamos.

Neste sentido, Flusser (2007) ao relatar a experiência da morte de um amigo querido, Vicente Ferreira da Silva, (“é algo insubstituível no mundo que morreu”) poetiza a amizade: “A amizade nasce quando um rótulo após o outro são retirados, e o outro inteiramente inclassificável aparece por baixo deles (FLUSSER, 2007, pg.107).” Talvez fazer pesquisa tenha um pouco a ver com a amizade.

Tentamos assim retirar os rótulos de nossos tripulantes, e enxergá-los de diferentes ângulos, múltiplos. Nossos “nativos” deixaram de ser apenas alunos do *Poli*, e tornaram-se filósofos, cantoras com diferentes visões de mundo sobre a vida, sobre a juventude, sobre o masculino e o feminino, sobre saúde, sobre si mesmos. Contudo, foi-nos necessário um trabalho de escrita sobre o que diziam, faziam, e pensavam. Nesse sentido, temos ciência da redução (necessária talvez) que fizemos a suas inclassificabilidades. Algo precisava ser dito, e com isso, o que não foi dito, o que poderia ter sido dito, sempre fica de fora. Necessariamente.

Tivemos que reconhecê-los, definir e ressaltar alguns de seus aspectos, com isso perdemos, parcialmente, o mistério:

“Vir a conhecer alguém’ é processo melhor designado por aprender que o outro é irreconhecível’. Quanto mais penetro no outro, tanto mais me perco dentro dos seus abismos. Mas tal descrição falsifica a essência do processo. Na realidade, o outro se abre para mim a medida na qual eu me abra para ele. O mistério abismal do outro é revelado pela sucção mútua, que é a essência do diálogo entre amigos.”(FLUSSER, 2007, pg. 169)

Contudo, este foi ao menos um princípio, um esboço de diálogo. Traçaremos outros, quem sabe futuramente, em busca de novos (e velhos) mistérios, enigmas, sem nunca os esgotarmos, é preciso que se diga.

Assim, cabe nos agora percorrer ainda alguns mares de nossos “achados”, ou “descobrimientos”, ou na estreiteza da linguagem científica atual “nossos resultados”. Dividimos este capítulo em três tópicos: masculinidade e feminilidade; juventude, atualidade e multiplicidade; corpo, estética e saúde. Vamos a eles.

4.1. Masculinidade e feminilidade

Tão pequeno
“onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?
(Caetano Veloso sobre poema de Luís de Camões, onqotô, 2005)¹¹⁸

Inicialmente, pode causar surpresa o título deste subitem, ao final de nossa viagem sobre “juventude e masculinidades”, contudo algo se insinuou para nós decorridas tantas milhas, nesta nossa última perna de viagem. O ponto central desta questão, que necessitou que realizássemos manobras múltiplas e complicadas, é que consideramos que, talvez, possamos estar num momento de transição no que concerne a representação do paradigma da diferença sexual, na sociedade-ocidental-globalizada-brasileira.

Com isso, não estamos querendo afirmar que a predominância de um paradigma exclua todas as outras formas de pensar sobre determinado ponto de vista, pelo contrário, é necessário seu contraste, seu(s) contraponto(s) para que este se afirme, como pontua Derrida acerca do pensamento binário, com seu conceito de complementaridade, brevemente visitado no traçado da rota^{lxxii} de nossa viagem.

Contudo, nosso percurso empreendido até agora nos leva a pensar se não estaríamos num terreno em que ainda que o paradigma da diferença sexual se apresente fortemente, há fronteiras bem porosas e discursos outros que ganham peso, cor e voz. Não apenas nos movimentos sociais, como na produção acadêmica-intelectual, como por exemplo, a teoria *queer*, como também nas falas e vivências de nossos tripulantes, em que fica difícil e em alguns há mesmo uma recusa em definir, separadamente, o que é um homem e o que é uma mulher, e ao mesmo tempo há outro olhar para a questão homoerótica no *Poli*, quando nossos “nativos” anunciam “aqui tem muito casal homo, tem gente que um dia tá com mulher...outro com homem”.

Mas ao nos determos em outros aspectos no “mundo social” (Becker,1977) de nossos tripulantes percebemos também outras nuances. Há “imperativos sociais” ou responsabilidades, como apontam com relação ao “tornar-se homem”, diferentes para o

^{lxxii} primeiro capítulo desta dissertação

homem e para a mulher ainda que “a coisa tenha que ser mais dividida né?”, como enuncia *Fernanda Montenegro*, aluna do 3º ano do E.M..

Assim, tomamos como ilustração possível para alguns desses aspectos ressaltados por nossos tripulantes, a figura do homem-atlas, que leva o mundo nas costas. Mesmo Atlas, o homem é frágil, “o sexo frágil é o homem”, afirma *Chaplin*, aluno do 2º ano. Haveria uma fragilidade também do ser masculino. Não mais alçado a perfeição, como ressaltado no *one sex model*, e mesmo mantido, de alguma forma, no modelo da diferença sexual, em que a figura do homem é tido como mais “capaz” de determinadas ações (especialmente no domínio público), e a figura da mulher de outras, como a maternidade e o “cuidado efetivo com os filhos e a casa”, por suas matrizes biológicas distintas.

Se a crítica empreendida pelos movimentos feministas e homossexuais, e também pelas ciências sociais no “Ocidente”, impulsionadas pela reflexão de Foucault (1977/2006), como propõe Duarte (2004), do paradigma essencializante da diferença sexual, não o eliminou, ao mesmo alargaram-se suas fronteiras. A fala de *Chaplin*, acima sobre, a fragilidade do homem pode nos aproximar dos versos de Caetano sobre o “fraco humano” e do conceito de feminilidade originária de Freud, ressaltado por Birman (2001), em que nós, homens e mulheres, *queers* e *não-queers*, somos todos imperfeitos pela nossa própria condição humana. Nossas forças para percorrer a imensidão dos mares são limitadas, muitas vezes fraquejamos, naufragamos, atravessamos o barco, mas isso não nos impede de navegar.

Woody Allen, aluno do 3º ano, traz também a música de Gilberto Gil para pensarmos sobre ser homem, “é preciso o lado mulher, para homens e mulheres”, argumenta ele. Gil escreve a música referida por *Allen*, *Superhomem, a canção*; em diálogo com Caetano Veloso. Caetano chega em casa “empolgado” ao ver o filme do “Superhomem”, e descreve para Gil, o momento que considerou mais lindo do filme, “em que a namorada do Superhomem morre no acidente de trem e ele volta o movimento de rotação da Terra para poder voltar o tempo para salvar a namorada”. Gil diz que então ficou sem dormir e escreveu a música:

“Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter

Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver

Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
Ser o verão o apogeu da primavera
E só por ela ser

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um Deus o curso da história
Por causa da mulher

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher.”
(GIL, 1979)¹¹⁹

Gil explica sobre a "porção mulher" que:

"Muita gente confundia essa música como apologia ao homossexualismo, e ela é o contrário. O que ela tem, de certa forma, é sem dúvida uma insinuação de androginia, um tema que me interessava muito na ocasião - me interessava revelar esse embricamento entre homem e mulher, o feminino como complementação do masculino e vice-versa, masculino e feminino como duas qualidades essenciais ao ser humano. Eu tinha feito Pai e Mãe antes, já abordara a questão, mais explicitamente da posição de ver o filho como o resultado do pai e da mãe. Em Superhomem - a Canção, a idéia central é de que pai é mãe, ou seja, todo homem é mulher (e toda mulher é homem)^{lxxiii}."

O cantor destaca o imbricamento entre feminino e masculino, e é a essa ideia que *Allen* se refere para responder nossas indagações “Homem é...”, “Mulher é...”. *Allen*, a partir de Gil, inventa para si margens em que feminino e masculino se mesclam, não se hierarquizam, ou combatem, mas estão imbricados.

Assim, a questão não é uma apologia ao homossexualismo, como Gil explica sua música, mas essa mescla. Nesse sentido, Grunvald (2009) critica o conceito de abjeção de Butler (2009):

“(...) enquanto a noção psicanalítica de *Verwerfung* traduzida como ‘forclusão’ produz a socialidade através do repúdio de um significante primário que engendra um inconsciente ou, na teoria lacaniana, o registro do real, a noção de abjeção designa uma condição degradada ou excluída dentro dos termos da socialidade” (GRUNVALD, 2002[1993], p.20)

Para Grunvald (2009) este conceito pensa a abjeção como possível, como uma instância de realização, tornando necessária a busca pela legitimação cultural dos abjetos (como por exemplo da homossexualidade feminina, uma das “preocupações” de Butler, segundo este autor).

^{lxxiii} Informações retiradas do site oficial do cantor: http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_interno.php?id=18

Nosso marujo autor argumenta que “a luta pela legitimidade e pelo reconhecimento telos da ação política tradicionalmente associada à “política identitária”, acaba por substituir o virtual efetivo (real) pelo possível (imaginário) a ser realizado” (GRUNVALD, 2009). Nesta perspectiva, a própria Butler questiona a “luta” pelo casamento gay e lésbico, pois promovem “uma norma que ameaça tornar ilegítimo e abjeto aqueles arranjos sexuais que não estejam de acordo com a norma do casamento tanto em sua forma existente quanto na revisada” (Butler, 2004, p.5). A autora indica, então, rumos outros:

“Ao invés de lutar pelo casamento gay, nós podíamos estar buscando uma legislação para garantir o bem-estar de qualquer cidadão a despeito de seu status marital, para separar o poder de delegação e de herança do status marital e deixar o casamento como um ato ‘simbólico’ que adultos em acordo podem realizar se quiserem” (BUTLER APUD GRUNVALD, 2009, pg. 119).

Assim, Grunvald (2009) propõe então “minorar” a abjeção, que seria “incitar a abertura do possível para o novo, ao invés de reduzi-lo a um campo sócio-natural desde sempre bem delimitado que se apresenta, por sua vez, como a base sobre a qual se constroem os projetos (políticos, pessoais)” (GRUNVALD, 2009, pg.107). Segundo o autor, do seu ponto de vista da abjeção, não se trata de dar coerência ou inteligibilidade cultural aos que não as possuam; “e sim de produzir um corpo abjeto que não objetiva a dissolução do sujeito, mas que instaura um lugar onde o sujeito não existe enquanto tal” (GRUNVALD, 2009, pg?). Como declara, Haraway “Somos todos cyborgs (HARAWAY, 2000 [1991]). “O cyborg é nossa ontologia, nos outorga nossa política” (ibidem, p.254).

Marcados pela mescla feminino-masculino, denunciada por *Flusser*, nosso entrevistado, e pelo cantor Gilberto Gil; pelo “obscuro mistério” da feminilidade originária; pela atualidade do mundo tecnológico-cyborguiano, segundo a concepção de Haraway, nos caberia inventar novos possíveis. “O possível como o que pode acontecer, efetiva ou logicamente, aponta para um tipo de não-resignação a partir da idéia de uma situação cheia de possibilidades: “ainda não se tentou tudo: aposta-se, então, em uma alternativa atual (Zourabichvili, 2000[1998], p.335)”(GRUNVALD, 2009, pg. 107)

O autor articula, então, a noção de possível à de subjetivação (Foucault,2004):

“Foucault mostra como a subjetivação é a efetuação que constitui um ‘eu’ aberto a partir de um processo que nunca encontra seu fim, pois supõe sempre uma contra-efetuação que não estabelece com a própria efetuação uma relação de causalidade, mas de pressuposição recíproca. Por isso, é a própria subjetivação que, para Foucault, aparece

como nódulo de resistência ou linha de fuga.”(GRUNVALD, 2009, pg. 114/115)

Assim, através da abertura de novas formas de subjetivação, novas reinvenções das condutas, das práticas e das relações consigo e com os outros apontam para novos possíveis. Consideramos que este aspecto criativo, de novos possíveis, de reinvenções, de reflexão sobre si e o outro permeia de alguma maneira o universo de nossos tripulantes. Contudo, este também é permeado de normas, constrangimentos e “imperativos sociais”.

Nossos tripulantes navegam por estes mares, onde sopram ventos variados. De direções diferentes. Nossos entrevistados homens reconhecem em si mesmos, por exemplo, outras práticas de cuidado com a saúde, que não correspondem inicialmente ao esperado por exemplo pelas políticas públicas, como a *Política Nacional Integral de Saúde do Homem*. Enumeram outras formas de cuidado como a amizade; o diálogo com o outro; “estar bem consigo mesmo”; práticas de meditação; princípios de “filosofia oriental”; o futebol, o esporte e o exercício físico.

Por este ângulo de análise, é interessante notar a concepção de política destacada por nosso autor-marujo Grunvald (2009): “Uma nova concepção da política, portanto: a prática política como máquina de problematização, mais do que como centro de (determinação e) resolução dos “problemas sociais”. (Grunvald, 2009, pg. 118). Neste sentido, o autor dialoga com Latour e afirma: “a dúvida é o acontecimento político por excelência e apenas de forma derivada objetiva uma crítica; é, antes, generativa, criadora de uma política que não pode ser reduzida à representação dos sujeitos de direito”. (GRUNVALD, 2009, pg. 137)

O que Grunvald (2009) propõe é não mais uma dúvida cartesiana, que teria como fim a chegada às “coisas verdadeiras e claras”, mas uma dúvida e uma política que em que posições heterogêneas são afirmadas simultaneamente, não se busca sua resolução. Para ele: “A dúvida, assim como o paradoxo de Carroll, não é uma falta de sentido, certeza ou determinação, mas algo que ocorre quando os princípios da determinação política unificadora estão ausentes”. (GRUNVALD, 2009, pg. 139).

Assim, não se trata de unificar, solucionar, mas manter em aberto, em dúvida, em questão, como mistério e enigma. Nesse sentido, podemos nos aproximar novamente de Butler, que afirma a partir de Luce Irigaray: “Irigaray deixa claro que a diferença sexual não é um fato, e não um alicerce de qualquer tipo e não o recalcitrante "real" da linguagem

lacaniana. Pelo contrário, é uma pergunta, uma questão do nosso tempo. Como uma questão, ela permanece instável e sem solução” (BUTLER, 2004, pg. 177).

É uma questão de nosso tempo e carrega uma historicidade que marcou corpos, histórias e modos de relação, como enuncia *Deneuve*, aluno do 3º ano “minha vó não trabalhou porque meu avô não deixou”. Neste sentido, retomamos a resposta de Collin a Emma Goldman, que declara se eu não puder dançar, eu não quero fazer parte da vossa revolução”(feminista), Collin então escreve “Mas sem a sua revolução eu poderia dançar?”, e acrescenta no texto “*Le philosophe travesti ou le féminin sans femme*”:

“Eu não coloco aqui em questão uma concepção de diferença dos sexos que recusa sua dualização em essências ou em identidades talhadas e distintas. Ao contrário, eu seguiria de boa vontade. Derrida por exemplo na sua denúncia de toda metafísica dos sexos, de toda definição essencialista, monista ou dualista dos sexos. É verdade que a diferença sexual é da ordem do irrepresentável no sentido de que é impossível definir o que é um homem e o que é uma mulher, o que equivaleria a normatizar a existência de homens e mulheres. Porém, o que me parece ingênuo ou insuficiente neste tipo de abordagem é que ela evita o fato de que foi a dominação de um sexo sobre o outro que produziu este dualismo, o qual está inscrito no funcionamento social e cultural, e que não se pode querer apaga-lo criticando-o somente a nível de categorias.” (COLLIN APUD ARÁN, 2006, pg. 37)

A masculinidade e a feminilidade seriam assim formas de resposta a esse enigma. Os homens poderiam forjar-se enquanto homens também a partir do feminino e da feminilidade, como acenam *Allen e Chaplin*, alunos do *Poli*. Mas como tecer outras formas de relação em que estes termos carregados que são de uma história, possam apontar destinos outros?

Fica-nos como melodia a ideia de Collin de que a diferença sexual seria da ordem do irrepresentável, e no nosso ponto de vista, assim deve permanecer. A diferença sexual seria um enigma, e como enigma não há solução, nem ponto final, nem fixidez. Há indagação e possibilidade. Há relação com o outro e possibilidades de experimentação. Diante dessa potencialidade da sexualidade originária “como um “n” sexo se relaciona com outro neste contexto histórico e político, já que a sexualidade, por definição, só existe na relação com o outro?”(ARÁN, 2006, pg. 39)

Arán recorre Fraisse para sair da armadilha da indiferenciação entre os sexos:

“Segundo a autora(Fraisse), sair do universo fálico para pensar a questão da diferença não significa mergulhar na indiferenciação sexual, mas sim pressupor que, historicamente existem duas formas de lidar com esta questão. Desta maneira, pensar a historicidade da relação entre os sexos assim como, admitir o conflito constitutivo desta relação, seria a base para pressupor uma nova forma de pensar a alteridade. A questão é

como, no exercício da alteridade, não reproduzir o modelo masculino onde o outro – eternamente feminino – assume o lugar de objeto e o Um masculino se forja como universal.” (ARÁN, 2006, pg. 39)

Consideramos interessante ainda como Fraise pensa a alteridade. Assim, para esta autora, a alteridade não seria “questão nem da posição da mulher face ao homem nem da asserção de um feminino face um outro masculino”(FRAISSE APUD ARÁN, 2006, pg. 40). A alteridade não terminaria entre dois sexos, ela seria levar em conta a historicidade da diferença dos sexos. Não seria possível apagar essa historicidade, pelo contrário, pensamos que novas possibilidades surgem justamente a partir de considerar esta história e com isso pensar mudanças e outros movimentos.

Esses novos movimentos se fariam não mais calcados numa ideia de fixidez do sujeito, do masculino, do feminino, do homem, da mulher, das essências, mas tendo como tom a ideia de subjetivação. Assim, é importante ressaltar que ao tomarmos este conceito, estamos querendo pôr em evidência que não se trata de apagar as diferenças, nem a singularidade da vida de cada um, mas sim que a experiência da sexualidade e suas múltiplas possibilidades se faz sempre na relação com o outro. Neste sentido, Arán conceitua: “Subjetivação como sendo uma forma de singularização no universo da alteridade. Universo de valores compartilhados que se constitui não por uma ilusão transcendente, mas sim pela práxis da experiência cotidiana, pela forma de ser com o outro.” (ÁRAN, 2006, pg. 25)

Woody Allen pontua, então, outro significado para “tornar-se homem”, talvez em consonância com nossas inquietações acima, ao enunciar que: “agora isso deveria ser a diferença do menino pro homem, embora isso não aconteça: a própria responsabilidade com o outro também”. Assim, nosso tripulante aponta vislumbra outros rumos, ainda que diga que “embora isso não aconteça”. Há uma dimensão de alteridade e outro estatuto dado ao feminino e ao masculino por *Allen*, nosso entrevistado.

Nesta perspectiva, Irigaray se aproxima de Arán (2006) ao pensar na questão da diferença sexual e do exercício da alteridade. Conforme anuncia Butler:

"Irigaray tem em mente uma ética que não é aquela que resulta da diferença sexual, mas é questão que é colocada pelos próprios termos da diferença sexual em si: como atravessar a alteridade? como atravessá-la sem domesticar seus termos? Como a permanecer sintonizados com o que fica permanentemente inquieto com a questão?" (BUTLER, 2004b, pg 177.)¹²⁰

Assim, tomaremos como ponto de partida (e de chegada), o vislumbre de possibilidades de subjetivação e formas de se exercer enquanto homens tecidas em novos arranjos sociais, em que a masculinidade tenha um outro estatuto que não o da dominação masculina, nem o da indiferenciação, mas o do exercício cotidiano da alteridade. Neste exercício, novos passos de dança poderão ser feitos a partir de novas posições e movimentos tecidos nas formas de subjetivação atual, em que o “fraco humano” não tenha de ser expurgado, nem faça oposição ao falo, ao forte, à potência, ao Homem. Mas seja parte da experiência cotidiana da vida.

Nesse sentido, navegamos por velhos e novos mares com relação à masculinidade e à feminilidade. Há uma abertura dos homens para o feminino, para a mescla, mas há também a expectativa e a vontade de corresponder com o “homem-atlas”, ou o “superhomem”, aos mandatos da masculinidade, conforme Olavarría (2001). Há também um outro barco em curso, como destacado em lugares que já aportamos, o item “*eles não sabem o que dizem*”.

Consideramos como hipótese que talvez a Política Nacional de Saúde Integral do Homem se alinhe nesse sentido, em que são os homens que se moldam como as mulheres esperam, a partir de como elas querem que eles ajam, assim, o que esta em questão agora é um “homem sensível”; “que cuide do corpo”; “que tenha estilo” e que aja de acordo com as mulheres, “pois elas que sabem lidar melhor com as situações”, como indicam nossas tripulantes.

Contudo, novas dimensões, possíveis e abjeções (no sentido de Grunvald, 2009) também se apresentam. Bernardo Carvalho, ao final de seu livro, escreve:

“Quando eu era pequeno, viajando pelas montanhas com o meu pai, para conhecer a terra do seus antepassados, passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamam quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. Era um animal estranho, parecia um potro, mas era outra coisa, dois fundidos num só, indistintos. Não conseguia ficar em pé. As quimeras são raras e os pastores das montanhas as veem como portadoras de mau agouro, porque põem a reprodução num impasse, fazem da reprodução uma monstruosidade. Por isso, quando esses animais não morrem ao nascer, os próprios camponeses se encarregam de lhes dar um fim. Nas montanhas, todo homem tem um kunak, um amigo estrangeiro que o salvará da morte e que ele também tem a obrigação de salvar. Nenhum homem será completo enquanto não encontrar seu kunak. Só então poderá seguir seu próprio caminho em paz, sabendo que existe no mundo alguém, como ele, com quem ele pode contar na vida e na morte. As quimeras morrem para que sobreviva o pacto dos que não podem contar nem com Deus nem com os anjos.”(CARVALHO, 2009, pg. 161)

121

Talvez possamos, futuramente, conviver com as quimeras e as Herculines, e o pacto entre os homens possa ser pautado em outras premissas, que leve em conta a alteridade, a dúvida, a feminilidade originária, uma outra concepção de política. Talvez não. Ansiamos, contudo, por outros oceanos.

4.2. Juventude, atualidade e multiplicidade

Outra referência importante para nossa pesquisa foi a questão da juventude hoje. Partimos de uma abordagem teórica que ressaltou a pluralidade e também a especificidade da juventude no contexto atual pós-moderno-globalizado-brasileiro. Assim, percorremos com nossos marujos as “noites nômades” da juventude carioca; a ideia de experimentação e o mito de Hamlet, propostos por Birman (2009); as violências (e também suas invenções) no que concerne as formas de subjetivação contemporâneas entre os jovens (Birman, 2009; Castro, 2009); a juventude como valor, ideia destacada por alguns autores citados no início de nosso percurso. Também tínhamos em pauta, a noção de juventude como passagem à vida adulta; transitoriedade; conflito; e como momento importante para construção da “masculinidade” (HEILBORN E BOZON, 2001).

Nesta último capítulo, cabe considerar o que ficou para nós desde nossa partida, calcada nesses pontos, até a viagem empreendida em companhia de nossos jovens “nativos” tripulantes. Assim, o primeiro ponto que para nós ganha relevância é com relação à especificidade do grupo estudado. Ainda que possamos ter em conta, nosso pouco conhecimento em relação à multiplicidade das juventudes hoje, ao comparamos “nossos jovens” com os etnografados por Almeida e Tracy (2003); com os jovens brasileiros “de classes médias e alta” que produziram atos de violência, como os destacados por Birman (2009); com a sociabilidade do “ficar”, regida de certa forma, destacada por Almeida (2005); com a pesquisa de Gonçalves (2005) em que os jovens dizem que só podem contar com a família; temos em conta que nossos jovens são outros.

Não que não tenham a família como referência importante, nem que não “fiquem”; nem que não frequentem a “night” ou as festas do circuito noturno carioca. A família tem sim uma importância central para eles, e é referida na fala de muitos deles. Vão a festas, “ficam”, mas “de outra forma”, dizem.

Assim, suas referências são estas e também outras. Um fator importante já destacado é o “gosto pelo conhecimento”, pela leitura, pela escrita. Seus gostos musicais também são múltiplos. Velhos e novos. Uma mescla de tempos e linguagens diferentes. Leem “A República”, de Platão, ouvem “metal”, “jogam bola”, e compartilham suas inquietações em blogs, no twitter, no facebook.

Há uma mistura. As novas tecnologias de comunicação são muito presentes, mesmo para escutar e compartilhar uma música. Nossos “tripulantes” usam estas tecnologias cotidianamente, com certa destreza. Entretanto, para eles (quase todos) também é muito importante ler, por exemplo, a coleção “Os pensadores”. Também é importante se engajar em “movimentos sociais”.

Consideramos que esta mistura lhes dá um aspecto singular interessante. Talvez os possibilitem recursos outros para criar novos possíveis (Grunvald, 2009). Talvez não. Não sabemos. Percebemos, contudo, as potencialidades destacadas por Groppo (2000), no início de nossa viagem.

Entretanto, um aspecto merece ser, ainda, destacado. Consideramos a partir do exposto acima, que nossos “nativos” no mundo-globalizado-ocidental-brasileiro-contemporâneo estão expostos a muitas informações, talvez, diríamos, um excesso de informações. Não apenas a incessante produção atual, seja em termos de música, cinema, literatura e das novas tecnologias; seja os “livros de velho”, ou músicas e obras de outros tempos históricos que ainda (in) formam a nós mesmos, é preciso que se diga, e também a nossos tripulantes.

Não iremos aqui estender nossa navegação neste rumo, cabe-nos, entretanto, pontuar este excesso e a ideia de “produção incessante atual”, temas que consideramos merecem viagens mais extensas, programadas e planejadas. Neste aspecto, uma questão interessante a ser investigada é a percepção do tempo e do espaço nas formas de subjetivação das juventudes atuais. Temos como hipótese que haveria uma certa urgência do tempo, assim, como diziam nossos “nativos”, “ficar muito tempo parado”, ou “fazendo a mesma coisa” é quase que da ordem do insuportável. Contudo, estes são apenas vislumbres possíveis de rumos futuros.

Outro ponto interessante a ser ainda destacado é com relação à própria “juventude” da pesquisadora. Assim, ainda que tenhamos alguns bons anos a mais que nossos “nativos”, temos uma idade relativamente próxima. Alguns de nossos signos são comuns. Somos já da

“geração tecnológica”, diríamos. Desta forma, algumas das aflições com relação aos destinos possíveis e aos cenários presentes para as juventudes hoje são preocupação nossa. Talvez mais nossa do que de nossos tripulantes.

Novaes (2005) fala acerca da incerteza quanto ao futuro presente hoje para os jovens. Talvez nos identifiquemos com este argumento. Nossos “nativos” possuem estas preocupações sim, de alguma forma, mas outras têm mais peso para eles. Como o “vestibular”, “passar no colégio”, “ser quem se é”, “ser militante do apa-funk”, “os flagelados excluídos”. Um de nossos entrevistados, *Glauber Rocha*, durante o diálogo com os filmes, percebeu esta nossa inquietação, e nos indagou: “e você acha difícil ser jovem hoje?”. *Glubaer* entendeu que algumas das questões da pesquisa, eram nossas, e apontou.

Para ele, talvez outras questões façam mais sentido como sua réplica a nossa resposta, “o capitalismo é isso. Você só vale se tem emprego”. Assim, importa para ele decodificar seu mundo social, a partir também de um olhar crítico ao capitalismo, ao “consumo”, nossas ênfases e momentos são talvez diferentes.

Uma última questão a ser ressaltada ainda neste item e de modo a já nos alinharmos com o próximo é com relação à preocupação com a estética por parte de nossos tripulantes. Nesse sentido, consideramos interessantes as colocações de Portinari e Coutinho sobre a moda:

“A moda, em si, é uma linguagem cuidadosamente construída”.

“A moda não é apenas aquilo que é veiculado nas revistas que lhe são dedicadas. Um exame dessas publicações nos revela que a moda não se limita a vestuário e acessórios. Ela abrange o corpo, incluindo aí não apenas a anatomia, a forma corporal, mas também os gestos, a voz, a entonação, o olhar, a postura, o andar, o tom, a textura e a tonicidade da pele, os pelos, os cabelos, enfim, esse todo que compõe a imagem pessoal.” (PORTINARI E COUTINHO, 2006, pg. 65)¹²².

Esse trecho nos remete a algumas falas de nossos entrevistados, que definiam estilo, como “jeito de andar, de se portar, a postura”; também nos chamaram a atenção durante a pesquisa os adereços, os gestos, os brincos, os *piercings*, pulseiras, colares que usavam, como ressaltamos no segundo capítulo de nossa navegação. Assim, nossos tripulantes fazem crítica ao consumo, ao shopping, ao “tênis da nike”, isso contudo não quer dizer que não tenham uma preocupação estética. Têm sim, mas se apropriam dela de outra forma, como propõe as autoras:

“A relação dos jovens com a moda oscila, enfim, entre o mais arragado conformismo e uma experimentação que, se não chega a

romper inteiramente com os códigos, beneficia-se da permissividade com que o próprio sistema da moda contempla essa faixa da sociedade”.(PORTINARI E COUTINHO, 2006, pg. 66)

Assim, nossos “nativos” “brincam” com os códigos estabelecidos pelo sistema de moda, e mesclam múltiplos elementos, como por exemplo, *Federico Fellini* no dia da entrevista, usava camisa do Che Guevara, pulseirinha de reggae no pulso, junto com cordões grossos de prata e bonés, elementos típicos da estética do hip-hop americano, como os usados por cantores como *Snopp Dogg* e *50Cent*. Uma mistura “surreal”, diríamos, na linguagem de nossos “nativos”.

Recorremos, novamente, às autoras: “tudo se passa como se a moda, o sistema da moda, servisse ao jovem, ao mesmo tempo, como laboratório e linguagem para uma experimentação de suas relações com regras. Códigos, identificações e formas de adesão a grupos sociais.”(PORTINARI E COUTINHO, 2006, pg. 67). A multiplicidade de referências de nossos tripulantes se traduz também em sua estética.

Por fim, as autoras sinalizam com argumentos que relacionam duas de nossas preocupações presentes, a diferença sexual e a estética. Para elas, haveria um certo deslocamento da questão da diferença sexual, conforme afirmam:

“o deslocamento, se há, não parece ir no sentido de um apagamento da diferença, e sim no sentido de uma concentração dessa diferença quase que exclusivamente no plano da representação imaginária, da estetização e do gosto. Já não se invoca mais uma essência masculina ou feminina como ancoragem da diferença entre os sexos. Em compensação, parece haver uma revalorização das diferenças na ‘aparência: *a aparência torna-se a própria essência*^{lxxiv}. Ou como diz um entrevistado: ‘óbvio que a questão estética chega primeiro que tudo né?’”(PORTINARI E COUTINHO, 2006, pg. 76)

Assim, mesmo a diferença sexual é agora ancorada na aparência. Consideramos que a “imagem pessoal” de muitos de nossos entrevistados nos chamaram a atenção, parecendo muitas vezes, uma composição, uma obra. Consideramos que este é um assunto que merece ser aprofundado, o que não faremos aqui. Contudo, ao passarmos para nosso próximo item pontuaremos alguns aspectos interessantes no que concerne a esta temática. Prossigamos viagem.

^{lxxiv} Grifos nossos

4.3. Corpo, estética e saúde

Com relação a este item, tínhamos, primeiramente, dois eixos de investigação direcionados a nossos tripulantes “como cuidam da saúde?” e “como cuidam do corpo?”. Fazíamos as duas perguntas juntas, ou uma seguida da outra, no intuito de perceber as diferenças entre as respostas. Queríamos perceber, assim, no mundo de navegação social de nossos “nativos”, estudantes de um colégio que possibilita também uma formação técnica em saúde pública, como representavam o corpo e como representavam a saúde? Eram representações diferentes? Em que se diferenciavam?

As respostas apontaram muitas diferenças. E possuem uma complexidade que não pretendemos esgotar. Teceremos algumas breves linhas de análise.

Assim, o primeiro ponto é que a saúde é quase que “amarrada” a práticas e normas (saudáveis) de conduta. O cuidado com a saúde envolve, na concepção de nossos “nativos”, “regras” de alimentação, zero gordura, pouco doce, “dieta balanceada”; imperativo do exercício físico, ainda que digam que não tem tempo para fazer, esta conduta seria um imprescindível para alcançar a saúde; o lazer, apareceu menos, mas apareceu; e as “práticas curativas”, como nomeavam nossos tripulantes, e consultas regulares a médicos.

Quase todos diziam, contudo, que não cumpriam estas regras ou normas, mas eram quase unânimes em afirmar que ser saudável seria seguir a risca estas normas. Há, entretanto, outras representações que também apareceram, como a ideia de saúde ligada ao psicológico, a importância dos amigos, das conversas e diálogos. Nesse sentido, uma coisa que nos chamou a atenção, também eram os laços que teciam (e tecem), acho eu, uns com os outros. Muitos parecem cultivar laços estreitos de amizade, como ficou evidente nos dois grupos realizados, especialmente no segundo.

Nesta perspectiva, lembramos Foucault (2004), que analisa:

“Vivemos, de fato, em um mundo legal, social, institucional no qual as únicas relações possíveis são muito pouco numerosas, extremamente esquematizadas, extremamente pobres. Há evidentemente a relação de casamento e as relações familiares, mas quantas outras relações deveriam poder existir, poder encontrar seus códigos não nas instituições, mas em eventuais suportes”(Foucault, 2004, pg. 120)

O autor prossegue argumentado que viveríamos “em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições”. Assim, segundo ele: “A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um

mundo relacional rico seria muito difícil de administrar. Devemos lutar contra esse empobrecimento relacional.”(FOUCAULT, 2004, pg. 120)

Foucault (2004) segue falando sobre as relações de amizade no mundo helênico e romano, e a importância que estas relações adquiriam. Nossos tripulantes também acenam com a importância dos laços de amizade, e não da “competição”, como argumentou *Costa Gravos*, aluno do 3º ano, no segundo grupo. Neste mesmo grupo, *Costa Gravos* também ressaltou a importância de sua amizade com *Glauber Rocha*, e com outros amigos do *Poli. Tom Cruise*, também do 3º ano, por sua vez, afirmou a importância da amizade entre homens, aproximando-se, de outra forma, de nosso marujo-autor que aponta uma revalorização da relação homossexual, especialmente entre homens.

Foucault (2004), alguns anos depois de sua história da sexualidade, ao refletir sobre sua própria obra afirma que o que tentou fazer foi, portanto: “história da sexualidade como experiência – se entendemos por experiência a correlação, em uma cultura, entre campo de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.”(Foucault, 2004, pg. 193)

Assim, o autor aponta uma “quadritêmica” sobre a qual a sexualidade, presente desde a moral da antiguidade, foi tematizada, “moralizada”, e “normalizada”: o corpo; a instituição do casamento, das relações entre homens e da existência da sabedoria. Haveria um conjunto de regras, condutas prescritas e proibições nestes domínios.

Nossos “nativos”, com relação à saúde, enumeram suas regras: alimentação saudável; exercício físico diário; e ainda uso do preservativo nas relações sexuais. Muitos tinham alguma questão com estas “regras”, gostavam muito de comer doce, ou diziam que “tem que usar, mas sexo com camisinha não é a mesma coisa”. Nossos nativos pontuam, assim, ainda mais dentro da escola que estudam suas “normas de conduta saudáveis”, que tem quase o estatuto de uma lei, deve-se segui-las a risca.

Contudo, não as seguem assim (e ainda bem) tão “na linha”, e quando as seguem talvez tenham motivos outros, não apenas a saúde em si, como norma (lei?), mas para também acompanhar os amigos, como disse uma menina, que segundo ela, passou a comer verduras e legumes, quando entrou no *poli*, porque seus amigos comiam.

Com relação ao corpo, o cuidado é com a aparência, dizem. Fazem críticas, segundo eles, um excesso de cuidado com a aparência, “em que muita gente toma bomba, para ficar musculoso e depois fica mal da saúde”, ou à mulheres que tomam medicamentos para

emagrecer, mas são quase unânimes, também, ao afirmar que tem sim uma preocupação com o corpo, e mais com a estética corporal.

Assim, para eles o cuidado com o corpo não envolveria só cuidados mais imediatos como uso de cosméticos, ou a escolha de uma roupa, mas também “o jeito de se colocar, de se portar”, “a postura corporal”. Nesse sentido, outra preocupação de nossos tripulantes é “com o modo de se colocarem no mundo”, e com o conhecimento “de si, do mundo e dos outros”, como formula *Charles Chaplin*, aluno do 2º do E.M.

A partir disso, faremos uma manobra arriscada, mas que, contudo, talvez nos possibilite vislumbrar caminhos e ilhas que poderemos explorar futuramente. Assim, o gosto de nossos “nativos” pela filosofia, a preocupação com uma estética, com o conhecimento de si, nos remeteu as formulações de Foucault, acerca do *cuidado de si*. Faremos algumas breves considerações, sabendo-as insuficientes, exploraremos, talvez, em lances futuros.

No final de sua obra, Foucault se volta para o estudo do mundo greco-romano antigo. Ao pesquisar a história da sexualidade e dos prazeres, o autor aponta que na Antiguidade, a atividade e prazeres sexuais eram problematizados de forma diferente das descritas no início deste percurso através de práticas de si, do que ele chama de “uma estética da existência”.

Assim, nosso marujo afirma que a exceção de *A república* e *As leis* – de Platão - as reflexões morais na antiguidade grega ou greco-romana teriam sido muito mais orientadas para as práticas de si e para a “questão da askêsis” do que para as codificações e normas de condutas e para as definições do permitido e do proibido. Ao contrário do discurso hoje corrente em relação à saúde, como enunciado por nossos tripulantes, a questão não seria a proibição do consumo de gorduras, por exemplo, mas práticas de si, que impliquem um cuidado de si.

Nas práticas de si e no cuidado de si:

“a ênfase é posta na relação consigo mesmo que permite não se deixar levar pelos apetites e prazeres, que permite proteger-se contra seu domínio e superioridade, manter seus sentidos em estado de tranquilidade, manter-se livre de qualquer escravização interna quanto às paixões, e atingir um modo de ser que pode ser definido pelo gozo pleno de si mesmo ou pela perfeita soberania sobre si mesmo.”(FOUCAULT, 2004, pg. 216)

O que está em pauta no cuidado de si é também a relação consigo mesmo. O cuidado de si implica, no mundo greco-romano, uma ética, o modo como a liberdade individual foi

pensada, e não uma “imposição” de regras e condutas. Neste sentido, é interessante notar, como Foucault, neste momento já final de sua obra, concebe a própria filosofia:

“há sempre algo de derrisório no discurso filosófico quando ele pretende, do exterior, estabelecer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira achá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; porém, é seu direito explorar o que, em nosso próprio pensamento, pode ser modificado, pelo exercício que ele faz de um saber que é estranho. O ‘ensaio’- que é preciso entender como experiência transformadora de si mesmo e não como apropriação simplificadora de outrem – é o corpo vivo da filosofia, se pelo menos esta for ainda o que era antigamente, ou seja, uma ‘áscese’, um exercício de si, no pensamento.”(FOUCAULT, 2004, pg. 197)

Foucault critica, assim, o discurso filosófico quando “ele pretende, do exterior, estabelecer uma lei para todos”, e acena com experiência transformadora de si mesmo, possibilitada pela filosofia. Nesta perspectiva, consideramos interessante o gosto de nossos “nativos” pela filosofia e a intensidade deste contato, será que a filosofia tem esse caráter para eles? De transformação de si mesmos? De reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo?

A partir de alguns discursos de nossos tripulantes, acreditamos que sim, contudo, não para todos, e não da mesma forma. Também não podemos afirmar com precisão náutica que houve modificação, e em que sentido. Apenas talvez acenar com uma intuição, com relação ao espaço que dedicam a filosofia e importância que nossos nativos dão para ela.

O autor reflete ainda sobre os contrapontos do cuidado de si na Antiguidade e o cuidado de si “em nossas sociedades”:

“é interessante ver que, pelo contrário, em nossas sociedades, a partir de um certo momento – e é muito difícil saber quando isso aconteceu – o cuidado de si se tornou alguma coisa um tanto suspeita. Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual que em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou como o necessário sacrifício de si mesmo. tudo isso ocorreu durante o cristianismo, mas não diria que foi pura e simplesmente fruto do cristianismo. A questão é muito mais complexa (...).”(FOUCAULT, 2004, pg. 268)

Para o autor, “não é possível cuidar de si sem se conhecer”. O cuidado de si implicaria o conhecimento de si e também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou princípios que são ao mesmo tempo verdades ou prescrições. Assim, cuidar de si seria munir-se dessas verdades; conhecer a si mesmo; o cuidado com os outros, sendo que ontologicamente, o cuidado de si vem primeiro; e atingir um modo de ser de soberania sobre

si mesmo. Há uma ética implicada no cuidado de si, uma ética de liberdade, e cuidado consigo e com os outros, e não uma ética normativa, legislativa e burocrática.

Foucault afirma então que a ética, na antiguidade, girou em torno de um imperativo fundamental: “cuida-te de ti mesmo”. Hoje parece que o imperativo é outro: “seja saudável e produza muito, faça o dinheiro circular e a economia crescer”. Assim, a moda, o cuidado com a saúde, a ética, o trabalho parecem ser pautados por outros pressupostos.

Ainda que possamos pensar que a preocupação com a “aparência” relatada por nossos “nativos” possa apontar sentidos outros, talvez de “uma estética de si”, nossos “nativos” partem necessariamente de outras premissas e modelos culturais. Apontam algo que talvez não esteja imediatamente no script e nos slogans propagados em nossa sociedade-brasileira-ocidental-consumista-globalizada sobre o “ser jovem”: “livros de velho”, “filosofia”; “conhecer a si mesmo”.

Talvez haja uma potência nisso. Algo interessante. *Movimento e arte*. Mistura e energia. Força. Nesse sentido, há ainda um aspecto a destacar do texto foucaultiano. Nosso marujo reflete, enfim, sobre sua própria obra passando dos estudos sobre a loucura, “O nascimento da clínica”, “Vigiar e punir”, “As palavras e as coisas”, e ainda os três volumes da história da sexualidade^{lxxv}:

“se agora me interesso de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social.”(FOUCAULT, 2004, pg. 276)

As práticas de si, forçosamente falando, de nossos tripulantes têm esquemas múltiplos, permeadas que são pela multiplicidade de referências referida pelo grupo; e também a proporcionada pelo colégio, como o “marxismo”, o ensino de filosofia, o discurso da saúde pública, oficinas de criação. Além destas, encontram outras propostas, “andando pela central do Brasil”, como o movimento apa-funk, que *Kurosawa* diz que conheceu, assim, “por acaso”. Este nosso tripulante, refere toda uma estética e um modo de se colocar no mundo totalmente diferente após sua entrada neste movimento. *Akira Kurosawa*, geralmente,

^{lxxv} É importante destacar que enumeramos aqui apenas algumas das obras de Foucault, para destacar a mudança de “rumo” digamos assim, referida, pelo filósofo.

usava camisetas do movimento apa-funk, colares de motivos-afro, e se dizia “apaixonado pelo movimento” e “por tudo que faz”.

Por fim, consideramos que as imbricações entre masculinidade, juventude e saúde são múltiplas. Como há diversas maneiras de tratar destes conceitos dentro do universo de nossos tripulantes. Consideramos que articular que “os homens não cuidam da saúde por conta de modelos de masculinidade presentes na cultura”, como enumera Gomes (2008) e a Política Nacional de Saúde do Homem é verdadeiro, mas também não abarca toda a questão. Além disso, há outros termos em jogo ao se construir essa política, como apontam Carrara, Russo e Faro (2009).

No que tange ao universo estudado há muitas nuances em jogo, diferentes formas de “masculinidade” foram enunciadas e referidas. Existem mudanças, tensões e conflitos nas falas e práticas cotidianas de nossos tripulantes com relação ao “ser homem” e ao “ser mulher” que apontam direções diversas. Nossos jovens nativos não viveram propriamente a revolução feminista, mas colhem seus frutos e percalços. O casamento e a família ainda tem demasiada importância, e mesmo os papéis “tradicionais” de homem e mulher ainda se fazem representados. Há também outras formas de cuidado com a saúde, diferentes das enumeradas pelo discurso biomédico, em curso, com também aparece com força a preocupação com o corpo e com a aparência.

Assim, consideramos que há imbricações complexas entre estes três termos, esboçamos apenas algumas, presentes no universo estudado. Cansados da viagem, vislumbramos alegremente velejadas futuras, com rotas que naveguem mais profundamente sobre as juventudes hoje e a passagem do tempo; sobre a questão do corpo e da estética na atualidade, especialmente entre os jovens; e sobre as práticas de sujeição e liberdade que os jovens inventam para si, no cotidiano ocidental-globalizado-tecnológico-midiático-consumista. Mas estes são apenas planos de viagens futuras.

Considerações Finais: Ancoragem

“um poema erótico se levanta do sofá. Invulgarmente frio para um dia de primavera. É sábado, o poema erótico com pés pegados firme ao piso da varanda. O poema erótico está ereto, porém não titilado, longe disso. Há, talvez, um foco de tristeza nos olhos do poema erótico.

‘Quem há
de se escreve
por mim
agora?
(...)

O poema erótico vê Eros em tudo. Sim, ele é generoso a esse ponto. Hipnotiza-se de como a chave devassa a fechadura. Uma volta, duas, todas as portas se abrem. Todas as portas estão, para o nosso infinito deleite, abertas. Todos os cômodos secos. Esvaziados. Não é força, meu bem, é jeito. (...)” (TIRELLI NETO, 2009 – fragmentos)¹²³

Terminamos nossa viagem-dissertação com uma citação de Foucault (2004), sobre sua própria experiência de escrita. O autor, compara, assim, a escrita de um livro ou uma obra a uma viagem e afirma: “a viagem rejuvenesce as coisas e envelhece a relação consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2004, pg. 199). Talvez tenhamos caminhado nesse sentido. Percebemos novos e frescos ventos que sopram hoje na juventude, que nos animam a novas pesquisas, talvez. Vislumbrar, perceber e descobrir outros ângulos de análise, antes por nós desconhecidos, de alguma forma nos mudou, ainda que sejamos, ao mesmo tempo, os mesmos. Somos outros de nós mesmos, talvez, agora. Provisoriamente, futuramente, seremos outros, ainda por nós desconhecidos.

Por enquanto, ancoramos. Cansados, fatigados e satisfeitos com a viagem. Atravessamos momentos de dificuldade e de calma. Surpreendemo-nos, desde o princípio da viagem. Nossos mares conhecidos não eram tão conhecidos assim. De nossas hipóteses iniciais chegamos a outras. Nosso ângulo de análise aumentou em muitos graus.

Assim, a primeira impressão que ficamos de nossa viagem é de surpresas. Esperávamos, jovens outros, tripulantes outros. Com outras preocupações, outras inquietações, outras dificuldades. Talvez nosso olhar seja “contaminado” pelas imagens obsessivas e às vezes preconceituosas transmitidas pela mídia acerca da juventude, como argumenta nossas marujas Alvim e Paim (2005). Ou então esperávamos “jovens” meio “sem rumo”, “à deriva”, talvez.

Contudo, não foi este o cenário que encontramos, ao menos com relação ao universo analisado. *À deriva?* Não parece ser o caso. Ainda que de vez em quando possam perder o

controle do leme e atravessar o barco, nossos tripulantes possuem muitos recursos para orientá-los. Refletem, filosoficamente, sobre como que caminhos podem construir. Escrevem sobre isso. Leem. Discutem entre si, *on line*, ou ao vivo e a cores.

Poetizam o cotidiano. Aventuram-se na vida. Veem, talvez e algumas vezes, eros em tudo, como Tirelli. Há, entretanto, uma enorme variabilidade na maneira com que fazem isso. Possuem também dificuldades outras, que não prevíamos, como o “excesso” de horas de aula, de estudo, de “informação”, de normalização.

Quanto a isso, talvez seus ângulos de navegação sejam mais estreitos, reclamam do excesso de “obrigações”, mas buscam responder a elas. Assim, ainda que *Woody Allen e Charles Chaplin*, nossos tripulantes, tenham apontado na direção de uma valorização do feminino, do obscuro, da fragilidade, muitos de nossos “nativos” buscam ser ainda o “Homem-Atlas”, e muitas de nossas nativas esperam que eles sejam “Homem-Atlas”, mas também sensíveis, cheirosos, que “cuidem do corpo”, e saibam que “elas que sabem o que dizem”.

O retrato acima é apenas um dos que tiramos. Há também nuances interessantes, como a ideia de uma fluidez maior e de mistura de masculino e feminino em homens e em mulheres, ou ainda, a concepção e valorização que alguns apontaram da amizade entre homens. Com relação à saúde, nossos tripulantes ao mesmo tempo que corroboram as pesquisas que dizem que “homem não cuida da saúde, por conta padrões culturais de masculinidade”, indicam também direções outras, ao dizer que “se cuidam de outra forma”.

Nossos tripulantes são também diferentes dos jovens etnografados por Tracy e Almeida (2003) e dos que cometem atos violentos, como os destacados por Birman (2009). Pode ser que sejam violentos em alguns momentos, provavelmente o são, mas apontam direções e reconhecimentos outros como literatura, filosofia, música, internet. Misturam o velho e o novo. O passado e o atual. Em uma velocidade que não pode parar, já que o tempo passa urgentemente, na percepção de nossos nativos.

Assim, a viagem nos levou a vislumbrar novos rumos. Os visualizamos não com clareza e brancura, mas obscuramente, com uma áurea necessária de sombra, mistério e enigma, tal como o elogio que tece Tanizaki (2007)¹²⁴. Gostamos navegar pelos mares da juventude, talvez possamos traçar uma nova rota para uma futura viagem que aborde alguns aspectos que demandem uma viagem mais cuidadosa, como por exemplo, a questão do corpo

e da imagem; ou ainda as práticas do cuidado de si e a excessiva informação e normalização em curso, apontada por nossos tripulantes. Mas esse é assunto para uma próxima viagem.

Por fim, ancoramos. No anseio de uma próxima viagem. Sem um porto seguro, único, certo, perfeito, chegada final ou encerramento, mas uma ancoragem que nos permita novos recomeços, novas rotas e novas partidas. Esperamos que o leitor que navegou até aqui conosco possa ter sentido e percebido um pouco os mares por onde navegamos. Que nossa viagem possa estimular outros marinheiros a velejar, por estes e por outros mares; ou a poetizar e erotizar a vida cotidiana como Tirelli. Que venham novos ventos, que nos ponham (sempre) a navegar.

¹ VIOLA, P. e CARVALHO, H. In: *Bêbada chama – gravado ao vivo*, São Paulo: BMG, 1997.

² NOVAES, R., *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, M. I. M. & EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

³ VELHO, G., *Juventude, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In: ALMEIDA, M. I. M. & EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

⁴ SOUZA, M. A. *A juventude no plural - anotações sobre a emergência da juventude*. In: ALVIM, R. Q., T.; FERREIRA Jr, E. *Jovens & Juventudes*. João Pessoa, Editora Universitária - PPGS/UFPB, 2005.

⁵ BASSIT, A. Z. *O Curso de Vida como Perspectiva de Análise do Envelhecimento na Pós-Modernidade*. In: DEBERT, G. G. & GOLDSTEIN, D. M (orgs) *Políticas do Corpo e Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré. pp. 217 – 234, 2000.

⁶ KANAUTH, D. e GONÇALVES, H. , *Juventude na era da AIDS: entre o prazer e o risco*. In: ALMEIDA, M. I. M. & EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

⁷ BIRMAN, J. *Juventude e condição adolescente na contemporaneidade: uma leitura da sociedade brasileira hoje*. In: *Juventudes subjetivações e violências*. H. B. S. A. Nunes. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

⁸ GROppo, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

⁹ VIANA, D. *Biopolítica e Psicanálise: uma análise histórico-genealógica das formas de subjetivação na contemporaneidade*, Tese de Doutorado (Doutorado em Teoria Psicanalítica), Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

¹⁰ GONÇALVES, H. S. *Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP v.17 n. 2: 207-219, 2005.

¹¹ VIANNA, H. (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

¹² ABRAMO, H. W. *Cenas Juvenis*. São Paulo. Editora Página Aberta Ltda.: 1ª edição: setembro de 1994.

¹³ ZALUAR, A. *Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência* In: *Galeras Cariocas*, Hermano Vianna (org.), Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

¹⁴ CASTRO, J.P.M., *A invenção da juventude violenta – análise da elaboração de uma política pública*, Rio de Janeiro: E-papers: Laced/Museu Nacional, 2009.

¹⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Vol. I Rio de Janeiro: Graal, 2003.

¹⁶ ALVIM, R. & PAIM, E. *Crianças e adolescentes do cinema: o cotidiano de crianças e adolescentes das classes populares através da imagem*. In: ALVIM, R. Q., T.; FERREIRA Jr, E. *Jovens & Juventudes*. João Pessoa, Editora Universitária - PPGS/UEPB, 2005.

¹⁷ HEILBORN ML, Aquino EML, BOZON M, KNAUTH DR, organizadores. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz; 2006.

¹⁸ BIRMAN, J. *Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise*. *Natureza Humana* 8(1): 163-180, 2006.

¹⁹ ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

²⁰ FREYRE, G. (1933). *Casa Grande & senzala*, 17ª edição, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

²¹ DAMATTA, R.. *Brasil: uma nação em mudança e uma sociedade imutável? Considerações sobre a natureza do dilema brasileiro*. *Estudos históricos* 1(2): 204-219, 1998.

²² COUTINHO, M. L. R. “*Transmissão geracional e família na contemporaneidade*”. In: Barros, Myriam Lins de (org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

²³ BARROS, M. L. *Família e gerações*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2006.

²⁴ BOZON, M. HEILBORN, M.L. *As carícias e as palavras: iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris*, Novos Estudos CEBRAP, 2001.

²⁵ LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 2001.

²⁶ BIRMAN, J. *Gramáticas do erotismo*, Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2001.

²⁷ BIRMAN, J. *Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise*. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2006.

²⁸ MARTINS, A. P. V. *Visões do Feminino: A Medicina da Mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

-
- ²⁹ ARAUJO IL. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2008.
- ³⁰ BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*, Editora: Nova Fronteira, 2009.
- ³¹ ARAN, M. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Rev. Estud. Fem. [online]. vol.11, n.2, pp. 399-422, 2003.
- ³² SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS, 1990.
- ³³ CASTRO, M. G.. *Gênero e poder: leituras transculturais - quando o sertão é mar, mas o olhar estranha, encalha em recifes*. Cad. Pagu [online]. n.16, pp. 49-77, 2001.
- ³⁴ ARAN, Márcia. *A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero*. Ágora (Rio J.) [online].vol.9, n.1, pp. 49-63, 2006.
- ³⁵ FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade e política*. Ditos e escritos V, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- ³⁶ ARAN, M.; MURTA, D.; LIONCO, T. *Transexualidade e saúde pública no Brasil*. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, Agosto. 2009.
- ³⁷ MACHADO, L. Z. *Gênero, um novo paradigma?* In: Cadernos Pagu. Campinas, Unicamp, (11), p. 107-125. 1998.
- ³⁸ GOMEZ, E. G. *Género, muyer e salud en las Americas*. Washington: OPS/OMS, 1993.
- ³⁹ GOMES, R. *“Sexualidade masculina, gênero e saúde”*, Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

⁴⁰ BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre os limites materiales y discusivos del “sexo”*, Buenos Aires: Paidós, 2005.

⁴¹ BUTLER, J. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 2008.

⁴² CLIMACO, D. *Tráfico de mulheres, negócios de homens. Leituras feministas e anti-coloniais sobre os homens, as masculinidades e/ou o masculino*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

⁴³ ÁRAN, M. *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação* (capítulo1) Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

⁴⁴ LOURO, G. L. *Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação*. In: *Revista Estudos Feministas* . V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.

⁴⁵ MISKOLCI, R. *A teoria Queer e a Sociologia; o desafio de uma analítica da normalização*. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun., p. 150-182, 2009.

⁴⁶ GRUNVALD, V. P. *Teseu e o touro: Algumas sugestões feministas para uma crítica da razão*, Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 2009.

⁴⁷ DUARTE, L.F.D. *A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções*. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M.F. e CARRARA, S. (Orgs.). *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

⁴⁸ FOUCAULT, M. *As palavras a as coisas*. Trad. De Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes Ed, 1995 [1995].

⁴⁹ BUTLER, J. *El género em disputa*. México: Paidós. 2001[1990].

⁵⁰ VIVEIROS DE CASTRO, E. “*Filiação intensiva e aliança demoníaca*”. In: *Novos estudos CEBRAP*, vol. 77, pp.91-126, 2007.

⁵¹ FREYRE, G. (1936) *Sobrados e Mucambos*. 16ª edição, Recife: Global Editora., 2006.

⁵² HEILBORN, M.L.; CARRARA, S. *Em cena, os homens....* Estudos Feministas, Rio de Janeiro, 6(2): 370-374, 1998.

⁵³ CONNELL, R. *Understanding men: Gender sociology and the new international research on masculinities*. Clark Lecture, Department of Sociology, University of Kansas, 2000.

⁵⁴ PASSINI, E. *Sexo com prostitutas : uma discussão sobre modelos de masculinos* In: Días-Benítez e Fígari (orgs), *Prazeres Dissidentes*, Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

⁵⁵ CONNELL, R. “*La Organización Social de la Masculinidad*”. In: VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José (eds). *Masculidad/es: Poder e Crisis*. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, N° 24, 1995.

⁵⁶ DAMATTA, R. *Tem pente aí?!* In: *Homens*, Dario Caldas (org.), São Paulo: Editora SENAC, 1997

⁵⁷ SEDWICK, Eve K . *Between Men. English Literature anda Male Homosocial Desire*. New York : Columbia University Press., 1985.

⁵⁸ BIRMAN, J. *Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise*. *Natureza Humana* 8(1): 163-180, 2006.

⁵⁹ FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago. *Feminilidade* In: *As novas conferências sobre psicanálise* (1932) vol. XXII, 2006.

⁶⁰ FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago. *Análise terminável e análise interminável* (1937) vol. XXIII, 2006.

⁶¹ ÁRAN, M. *Psicanálise e feminismo*. *Revista Cult*, edição 133, 31 de março de 2010. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/psicanalise-e-feminismo/> acesso em 10 de agosto de 2010.

⁶² BIRMAN, J. *Os jogos de verdade da Psicanálise*. *Percurso*, 29. 2002.

⁶³ BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, *Política Nacional De Atenção Integral À Saúde Do Homem*, AGOSTO DE 2008.

⁶⁴ CARRARA, S., RUSSO, J. A., & FARO, L. *A Política de Atenção à Saúde do Homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino*. *Revista de Saúde Coletiva*, 19 (3), 659-678, 2009.

⁶⁵ PESSOA, F. *Poesia: Alberto Caetano*. São Paulo: CIA das Letras, 2001.

⁶⁶ DA MATTA, R. *O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'*. In: NUNES, E O (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

⁶⁷ GULLAR, F. *Toda Poesia*. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

⁶⁸ IBGE, site do IBGE, disponível em http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/introducao.html, acesso em 08 de novembro de 2010.

⁶⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia v. 1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁷⁰ KASTRUP, V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, Apr. 2007.

⁷¹ VIVEIROS DE CASTRO, E. *O nativo relativo*. *Mana*, Rio de Janeiro – RJ. vol.8 abril 2002.

⁷² VIANNA, H. “*O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*”, Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1987.

⁷³ BARTH, F. *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas* (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

⁷⁴VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008[1987].

⁷⁵ DUARTE, L. F. D. *O império dos sentidos: sensibilidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: HEILBORN, M. L. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

⁷⁶HEILBORN. M.L. *Dois é Par – Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário*, Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

⁷⁷ DUARTE, L. F. D. *A pulsão romântica e as ciências humanas no ocidente*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 19, n. 55, June 2004 .

⁷⁸ DUMONT, L. *Essays on individualism: modern ideology in anthropological perspective*. Chicago, The University of Chicago Press, 1986.

⁷⁹ MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores(os); v.43)

⁸⁰ LISPECTOR, C, *A Legião Estrangeira*. São Paulo : Editora Ática, 1977.

⁸¹ FOOTE WHYTE, W. “*Sociedade de Esquina*”, Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

⁸² WOOLF, V. *Orlando*, tradução Cecília Meireles, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

⁸³ ARAN, M. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Rev. Estud. Fem. [online]. vol.11, n.2, pp. 399-422, 2003.

⁸⁴ HARAWAY, D. *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do Ciborgue - as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica,. 37-129 p, 2000.

⁸⁵ OLAVARRÍA, J *¿Hombres a la deriva? Poder, trabajo y sexo*. Santiago: FLACSO-Chile, Chile, 2001.

⁸⁶ BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 7.^a edição, Vol. I, 1991; e BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, Vol. III, 4.^a edição, 1992.

⁸⁷ CECCHETTO, F. *Violência e Estilos de Masculinidade no Rio de Janeiro*. 1. Ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. v. 1.

⁸⁸ VALE DE ALMEIDA, M. *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

⁸⁹ VECANTO, A.P. *Negociando desejos e fantasias: corpo, gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam crossdressing* in: Días-Benítez, M.E. e Fígari, C.E., *Prazeres Dissidentes*, Garamond: Rio de Janeiro, 2009.

⁹⁰ PELUCIO, L. *Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem*, in: Días-Benítez, M.E. e Fígari, C.E., *Prazeres Dissidentes*, Garamond: Rio de Janeiro, 2009.

⁹¹ OLIVEIRA, L. *Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro*. in: Días-Benítez, M.E. e Fígari, C.E., *Prazeres Dissidentes*, Garamond: Rio de Janeiro, 2009.

⁹² BARBOSA, M. J. S. *Chorar, verbo transitivo*. In *Cadernos Pagu* (11) Campinas: Unicamp, Revista do Núcleo de Estudos de Gênero, p.231-273, 1998.

⁹³ BUTLER, J. *Can Marriage be Saved? A Forum.* "The Nation", vol. 279:1, July, 2004.

⁹⁴ VIVEIROS DE CASTRO, E. B. & ARAÚJO, R. B. "Romeu e Julieta e a Origem do Estado". In. VELHO, G. *Arte e Sociedade – Ensaio de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

⁹⁵ VASCONCELOS, E.M. *Românticos, exploradores do inconsciente e revolucionários: polêmicas históricas, desafios teóricos e suas implicações atuais* In: Mnemosine, Rio de Janeiro, Vol. I N. 2, 2005.

⁹⁶ SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

⁹⁷ SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental” [1903] In: Velho, Otávio G. (org), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

⁹⁸ GLUCKMAN, M., «Análise de uma situação social na Zululândia moderna», in *Feldman-Bianco, B. (org.)*, *Antropologia das Sociedades Complexas: métodos*, São Paulo, Global, pp. 227-344. (1987 [1958])

⁹⁹ BOTT, E.. “*Família e rede social*”. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

¹⁰⁰ MITCHELL, J. C. “*Social Networks in Urban Situations: Analyses of Personal Relationships in Central African Towns*”, Manchester university press, 1969.

¹⁰¹ ALMEIDA, M. & TRACY, K. M. de A.. *Noites nômades*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

¹⁰² PARK, R. E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* [1916] In: Velho, O. G. (org), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

¹⁰³ WIRTH, L. *O urbanismo como modo de vida* [1938] In: Velho, Otávio G. (org), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

¹⁰⁴ BECKER, H. *Mundos artísticos e tipos sociais*. In: VELHO, Gilberto (org). *Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

¹⁰⁵ HEILBORN, M. L. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

¹⁰⁶ ALMEIDA, M.I.M., “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem In: ALMEIDA, M. I. M.& EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

¹⁰⁷ CECCHETTO, F. *Galeras Funk*. In: Vianna, H. (Org.). *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

¹⁰⁸ SILVEIRA, L. M. B.S., *Em busca das namoradas de fé*, Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁰⁹ LOPES, A. C., *Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca*, Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

¹¹⁰ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2006. [1979].

¹¹¹ BIRMAN, J. “Archive de la biopolitique”. In: *Sinapse. Journal de Psychiatrie et Système Nerveux Central*, n. 218, outubro de 2005.

¹¹² DAMATTA, R. *Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade*. Mana [online]. vol.6, n.1, 2000.

¹¹³ YOUNG, F. *Carta para alguém bem perto*, Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1998.

¹¹⁴ HEILBORN, M. L. "A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas." *Revista Estudos Feministas* v.6, n.2: p.394-405, 1998.

¹¹⁵ WELZER-LANG, D. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. In: Estudos Feministas. CFH/CCE/UFSC. VOL. 9 N. 2001, e WELZER-LANG, D. *Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo*. In: Monica Schpun, org. Masculinidades. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004

¹¹⁶ ANTUNES, A.; RUIZ, a.; TATIT, P.;BANDEIRA, J. *Se tudo pode acontecer*, álbum: Paradeiro e Ao vivo no estúdio,2001 e 2004.

¹¹⁷ FLUSSER, V., *Bondelos - uma autobiografia filosófica* – São Paulo: Annablume, 2007.

¹¹⁸ VELOSO, C. *Ongoto*, cd rom, Rio de Janeiro: independente, 2005.

¹¹⁹ Gil, G. *Realce*, cd rom, Warner Music, 1979.

¹²⁰ BUTLER, J. *Undoing Gender*. (Cap. 9) Routledge: New York and London, 2004.

¹²¹ CARVALHO, B., *O filho da mãe*. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

¹²² PORTANARI, C. e COUTINHO, A *roupa faz o homem: a moda como questão jovem* In: ALMEIDA, M. I. M.& EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

¹²³ TIRELLI NETO, I. *Poema erótico*. In: MATOS, L.; FREITAS, C.; JUNQUEIRA, M. (orgs). *Bliss: revista de poesia* – Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

¹²⁴ TANIZAKI, J. *Em louvor da sombra*, São Paulo: Companhia das Letras, [1933] 2007.